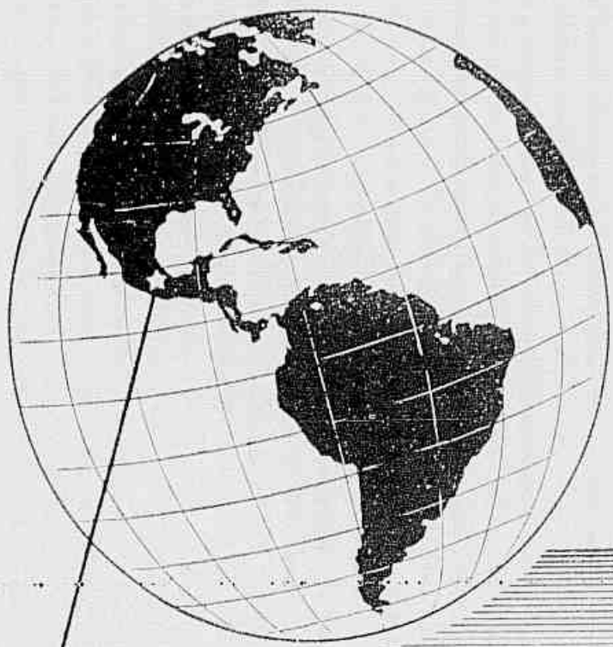
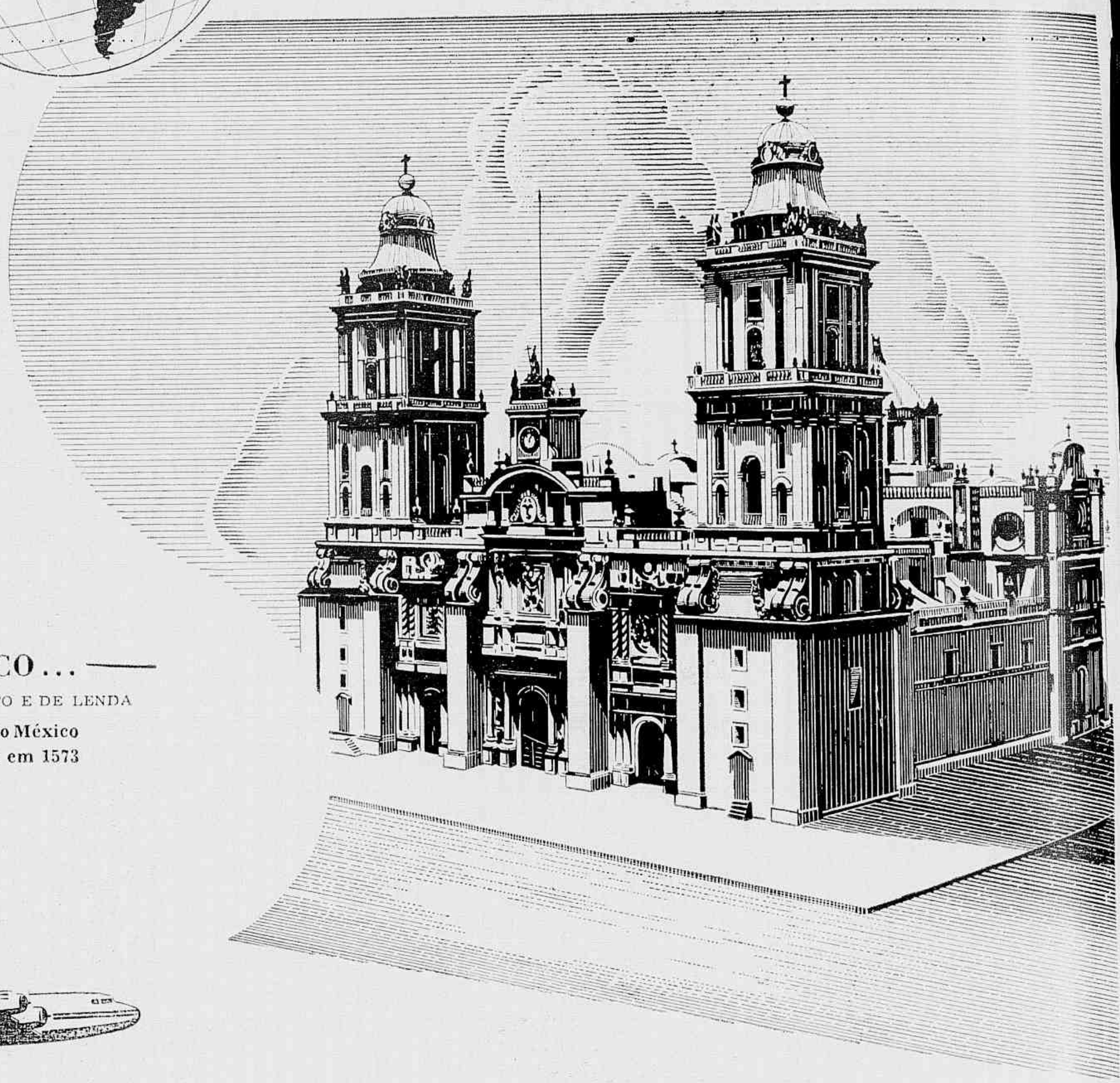
REVISTA DA SEMANA

N.º 36 — CR$ 2,00 EM TODO O BRASIL — 7-9-45

O mundo é seu pelo CLIPPER

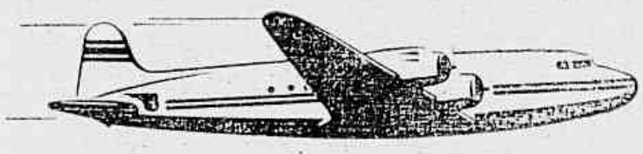




★ MÉXICO...

PAÍS DE ENCANTO E DE LENDA

Catedral do México construida em 1573



Ao projetar sua viagem aos Estados Unidos pelos rápidos e confortáveis Clippers da Pan American World Airways, inclua o México no seu itinerário. V. S. poderá, assim, ver de perto as maravilhas da civilização azteca e a influência cultural e religiosa da Espanha na terra de Montezuma. Consulte, hoje mesmo, uma agência de passagens da PAA e não perca esta oportunidade de conhecer o México... país de encanto e de lenda.

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rêde dos Clippers Voadores

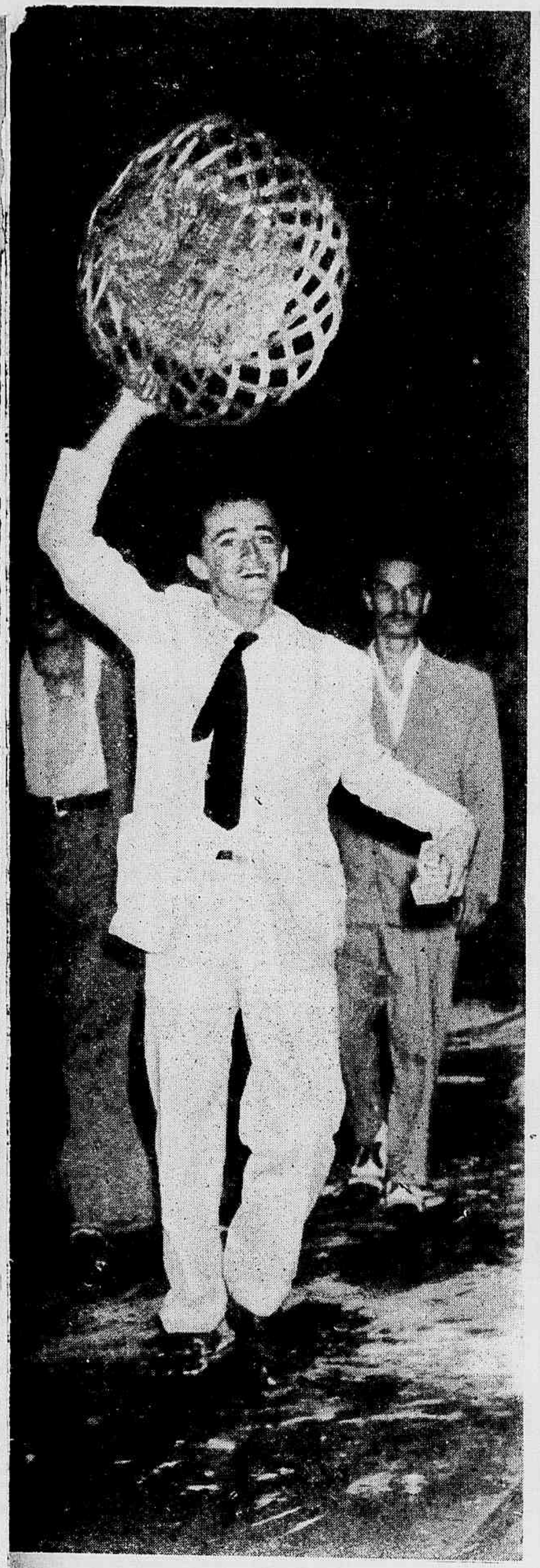
10510

PASSAGEIROS ★ CLIPPER EXPRESS ★ CORRESPONDENCIA

ACONTECEU NO RIO

AGORA que os ânimos serenaram e a cidade retomou a sua fisionomia habitual, é tempo de traçar alguns comentários mais equilibrados e refletidos à margem dos acontecimentos do fim da semana passada.

Diga-se, preliminarmente, que até serem escritas estas linhas, nada ficou apurado quanto à orientação de tercei-ros porventura dada aos homens, mulheres e crianças cujas



atividades os jornais noticiaram. Si essas atividades, feitas em público, andassem realmente dirigidas, já era tempo de dizer ao país, com franqueza, quem seriam os orientadores por detrás da cortina, puxando os cordelinhos dos manifestantes. E si tal coisa não foi apurada, então devemos convir, à puridade, não ter havido direção nem orientação de ninguém. Não havendo semelhante coisa, só outra dedução nos resta fazer: A de que os manifestantes agiram por conta própria. Mais adiante pode ser levado ainda o nosso raciocínio: Si alguns milhares de homens, mulheres e rapazinhos agiram por conta própria, só uma conclusão se aufére desse episódio — a de se tratar de uma explosão de povo. Povo na legítima expressão da palavra. Povo na exata.

O ataque inicial, feito à Padaria Vitória no Catete, bem nas barbas do Palácio Presidencial — vá lá as barbas... — teve sua origem na "bomba" que ali fora adquirida por um estudante. Triste o destino dos estudantes com as bombas! Não bastam as de fim de ano, nos exames! No caso do desditoso joven, ele foi encontrar a morte quando desejava apenas saborear um doce. E ao ser procurado o dono do estabelecimento pelos colegas do moço, para lhe darem a notícia da sua morte, contou um jornal ter sido esta a resposta do homem:

— Morreu? Pois já morreu tarde!

Si tal coisa aconteceu, e ninguém desmentiu a afirmativa da imprensa, compreende-se a indignação dos outros acadêmicos. Daí à revolta generalizada, quando os ânimos começavam a esquentar com as sucessivas informações de gêneros deteriorados e envenenamentos a granel, a distância foi um passo.

Ninguém de bom senso aplaudirá os desmandos que mais tarde se verificaram em várias zonas da cidade. Seria um crime justificá-los e ainda mais estimular os moços na sua revolta, à prática de outros desatinos. Mas as coisas devem encarar-se dentro de um prisma objetivo, e como tal não há outra argumentação.

O que se assistiu também na Praça Mauá, onde o dono de um "bar" enfrentou o povo à maneira dos bandidos do "far-west", com duas pistolas, uma em cada mão, deflagradas a torto e a direito, sem que ninguém o detivesse, foi realmente edificante. Em que terra estamos nós, para alguém, impunemente, exibir as suas armas, descarregá-las em cima de quem vai passando pela via-pública, até escapar, ileso e impune, no primeiro automóvel que lhe apareceu pela frente?

Louvando-nos em noticiário dos jornais, também não desmentindo, as coisas passaram-se tal como acabamos de relatar. Não nos sertões de Mato Grosso, mas no nascedouro da Avenida Rio Branco, sim senhores.

E culpa-se o povo, depois disso? E alguém poderia revoltar-se contra o ataque, num desafio incontido, que esse povo fez logo em seguida, ao estabelecimento do façanhudo pistoleiro?

Nesse caso inverteram-se os papéis. Acabaremos reconhecendo que o tempo é dos truões e não da população indefesa.

Tão depressa as autoridades competentes se movimentaram, a cidade voltou à calma sem que nenhuma outra perturbação se fizesse sentir. É justamente um policiamento rigoroso e justo, capaz de atingir principalmente os que avançam na bolsa do povo, o que o povo quer. E ninguém pode deixar de reconhecer qualidades de paciência sem limites de que vinha se revestindo o povo da capital da República, tão enxovalhado pelos exploradores da coletividade, insaciáveis na sua ganância, considerando-se impunes.

Na manhã seguinte, aparecia em muitas casas de famílias cariocas, um pão mais branco, e em muitas soleiras de porta onde os vasilhames de leite haviam desaparecido desde semanas, exigindo das donas de casa dolorosas madrugadas para entrar na "fila" desse alimento indispensável para os nossos filhos — como por encanto surgiram também garrafas de leite, e, o que mais surpreendia, com leite!

Para convencionado que o povo do Rio suportaria todas as sanarias dos seus minguados salários, e daí atreverem-se os mais audaciosos, supostamente garantidos pelas leis, no que se enganavam redondamente, a ir muito além, passando a envenenar-nos. O ataque à bolsa, o carioca pôde suportá-lo com estoicismo, mas quando foram à saúde e à própria vida que ele viu afetadas, a indignação atingiu o auge. Ainda nesse particular, reconheçam com serenidade os homens de bem, justificou-se o movimento de revolta. Uma revolta coletiva, que apenas a maioria traduziu pela força, enquanto no íntimo, talvez todos a aplaudissem.

E tanto foi assim, que o Governo soube agir com serenidade, impedindo maiores violências na pessoa física do povo. É porque também os homens do governo sentiam a desgraça irremediável que se fazia desabar por sobre as nossas pobres cabeças.

★

Refeitos os ânimos, serenados os espíritos, quem sabe si tudo não vai melhorar? Aqueles que se consideravam impunes na prática de todos os crimes de ganância, hão de refletir, no futuro. Refletirão também e agirão no sentido de nos acautelar a bolsa e a vida, os que nos governam.

E de uma vez por todas hão de ter aprendido muitos, a respeitar "isso" que tanto se desprezava e que tantos direitos possui, mesmo não os fazendo prevalecer: "Isso" que se chama Povo.

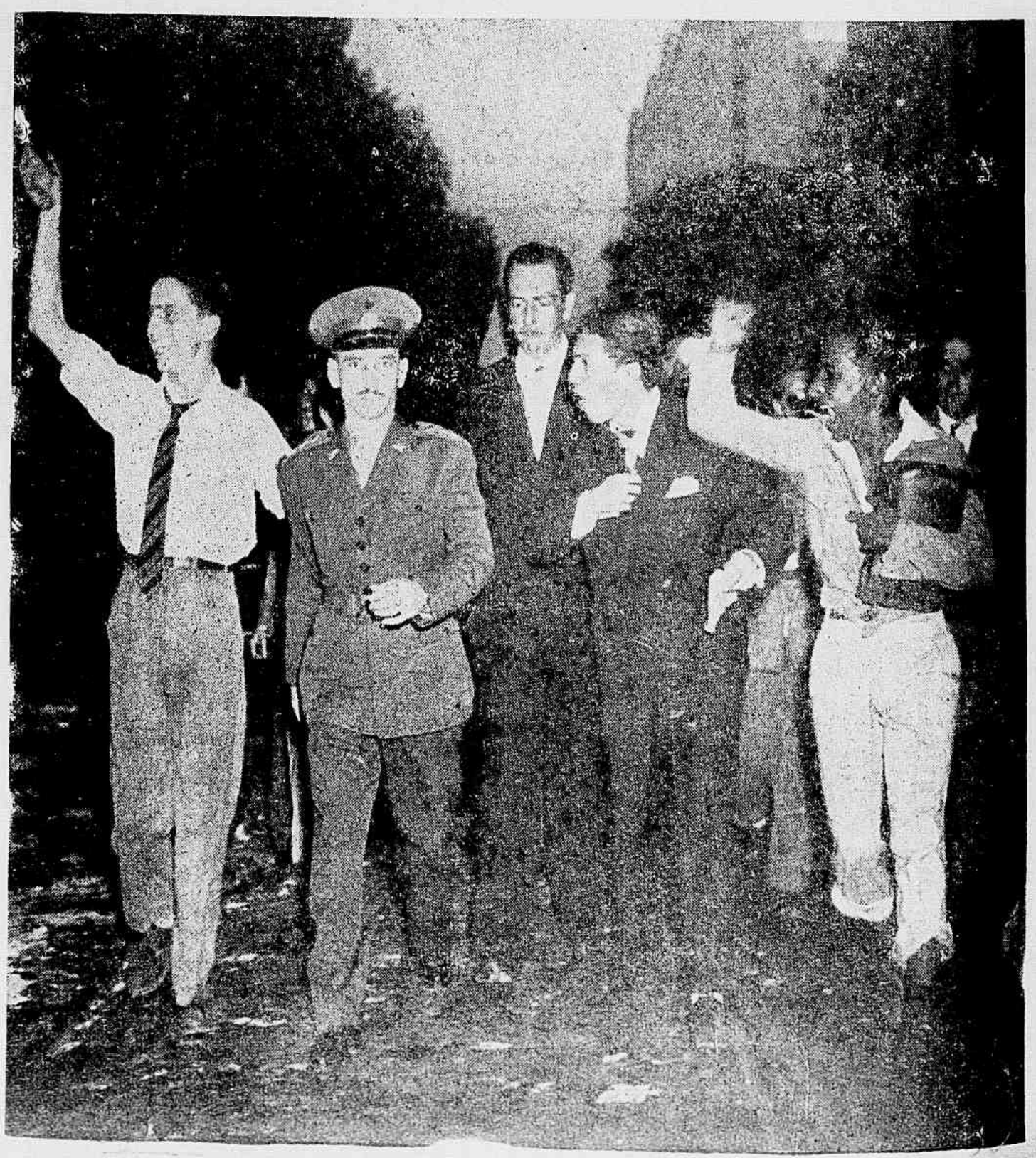
Somos gente hospitaleira por natureza, e de todos os pontos do Brasil, sinão do mundo, recebemos com simpatia, sem instintos nativistas ou bairristas, que nos procuram e aqui se instalam. No Rio os imigrantes sempre se consideraram como na própria casa. E assim continuarão sendo considerados por nós, que representamos a massa anônima do povo carioca.

Mas uma coisa é indulgência, hospitalidade, consciência do nosso grau de civilização e adeantamento espiritual — e outra muito diferente suportar os achincalhes de quem nos considerava, levianamente, um povo sem fibra.

Quem sabe até si as filas, as próprias filas, não acabarão desta vez, senhores!

CELESTINO SILVEIRA

As primeiras ocorrências verificaram-se na tarde de quarta-feira, com o ataque à Padaria Vitória, à rua do Catete 143, por motivo da morte do acadêmico Kleton Pimentel Machado, após ter comido um doce ali adquirido. Informado desse falecimento, o dono daquele estabelecimento, segundo foi publicado, teria exclamado: "Já foi tarde". Daí o início das ocorrências de que nos dão ciência os flagrantes desta página. Ao lado, um dos acadêmicos, exibindo o seu troféu, e em baixo, outro instantâneo feito naquela ocasião.



A gravura superior dá-nos um documento expressivo do estado em que ficou a Padaria Vitória, reduzida a escombros, depois da reação popular. Em baixo, um aspecto do mesmo acontecimento, ao qual se associaram mulheres, colaborando na investida dos jovens estudantes. Todas as imediações da rua do Catete viveram horas empolgantes, como há muitos anos não se registravam na capital da República, espalhando-se os populares em várias direções e repetindo as manifestações de desagrado frente a outros estabelecimentos, que se apressavam em cerrar as portas. Nos dias imediatos, os mesmos dramáticos acontecimentos se repetiram, culminando com o grande ataque aos cinemas da Cinelandia, da zona Sul e zona Norte, que acarretou prejuisos muito superiores a um milhão de cruzeiros.

A SEMANA EM REVISTA

O QUEBRA-QUEBRA

[illegible]

AMARGURAS DE UM TURISTA

[illegible]

O amigo leu a notícia e comentou:

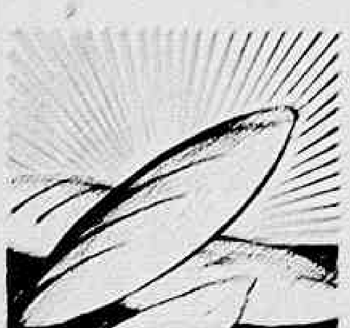
— Mas que sorte a desse homem!

— Sorte o quê? — responde o amigo. Pois se ele veio passar e teve de voltar no dia seguinte!

— Por isso mesmo. Imagine se ele tivesse achado um hotel e nesse hotel [illegible] Ou se [illegible]

[illegible] Esses mineiros são exigentes...

ENSINEM AS CRIANÇAS O QUE É PÃO DE TRIGO



[illegible]

Educação um curso sobre a alimentação pelo pão de trigo. Uma boa equipe de [illegible] existem nutricionistas no Brasil, embora a nutrição seja uma esperança tão vaga como a felicidade...) instalada em caminhões percorrendo as ruas para dizer ao povo o que é trigo e como se deve comer o pão de trigo.

Isso não é exagero. Há muita gente nova, muitas crianças que jamais viram um pão de trigo. E pensam que ele deve ser partido a machadinha e comido com sal de frutas para não fazer mal, como atualmente.

A mesma coisa aconteceu com o trânsito. As nossas ruas eram, antes da guerra, entupidas de automóveis, ônibus, caminhões e bondes. Mas o povo estava acostumado e atravessava de um lado para outro sem nervosismo, sem que se registrasse grande número de acidentes. Veio a guerra e foram-se os carros porque a gasolina não vinha em quantidade suficiente para os autos particulares. Depois de quatro anos, veio novamente a gasolina, reapareceram os carros. Todos se lembram do sucesso. Foi preciso fazer uma nova semana do trânsito para ensinar o carioca a atravessar as ruas. E mesmo assim, o número de acidentes é enorme, atualmente, embora não tenham chegado os carros de 1946 para todos os pretendentes.

Sim, senhores. Ensinem o povo a comer pão de trigo para que ele não reaja como aquela criança de seis anos de idade, de um Estado do nordeste, que quando viu a primeira chuva, correu para perto dos pais, aterrorizada, dizendo que o mundo ia acabar...

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII N. 36 :=: 7-9-46

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1922.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr$ 90,00; Seis meses — Cr$ 45,00

Registrada: Um ano — Cr$ 110,00; Seis meses — Cr$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr$ 200,00; Seis meses — Cr$ 100,00

O número avulso custa Cr$ 2,00 em todo Brasil; atrasado Cr$ 2,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2522; Gerência 22-2556; Redação 22-4447; Publicidade: 22-2536; Fotografia 22-1012; Portaria 22-5072.

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 — Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

NESTE NUMERO

REPORTAGENS

Aconteceu no Rio (Celestino Silveira) 3/5
Cinco Quilômetros de Cáis (Ademar Nóbrega) 8/15
A homenagem que emocionou Eisenhower 44
Figuras e Fatos 38
O Quarteto Iacovino na Intimidade (Roberto Lyra Filho) 18/19
Expulsaram os negros 47/50

LITERATURA

Conferências e Palestras (Escragnolle Doria) 22
História de um pânico (E. M. Forester) 23
Os Sapatos (Paulo Pinho) 27
Livros Novos (João Luso) 39
O Protetor (Guy de Maupassant) 45
Ignez de Castro (Ignez Mariz) 50

FEMININAS

Modelos de Bárbara Hale 28/29
Cinco modelos num só 30/31
Para campo e praia 32/33
Para a tarde 43
Três modelos originais 46

SECÇÕES

A Semana em Revista 6
Nos Bastidores Femininos 34
A "Revista" em Hollywood 35/37
Rádio 41

HUMORISMO

De bom humor 26
Letras Graúdas (Raul) 52

CURIOSIDADES

O "ballet" está em moda 16/17
Vinte anos de cinema falado 20/21
Os tesouros de arte e a guerra que passou 24/25

NOSSA CAPA

Rita Hayworth, ou Gilda, como preferirem, de qualquer modo ela ficará sendo a partir de agora, a mulher como não há outra igual. Primeiro o casamento com Orson Welles, depois o nome da sua famosa personagem cinematográfica aposto na "bomba-atômica", incumbiram-se de consagrá-la definitivamente. Ela vive, assim, o "climax" de sua carreira e milhões de mulheres, por esse mundo de Deus, hão de invejá-la. Mas si a gíria carioca já tivesse chegado a Hollywood, com certeza Rita Hayworth responderia, superior e indiferente às rivais mais desesperadas: — "Nem te ligo!" (Foto Columbia).

Dôr de Cabeça

Quando V. S. tiver dôr de cabeça, lembre-se que muitas vezes ela é causada por desarranjos e perturbações do estômago, intestinos e fígado e não esqueça nunca que somente tratando êstes órgãos é que ficará curado.

Se V. S. tem qualquer dúvida a êste respeito, consulte o seu médico.

Não basta tomar pilulas ou comprimidos calmantes da dôr, porque com isto só se conseguirá suprimir o sintoma e não se fará nunca desaparecer a causa da dôr de cabeça, se esta tiver sido provocada pela prisão de ventre.

Em todas as doenças o mais importante é tratar a causa, e os médicos sabem que a dôr de cabeça é frequentemente causada por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos; por isto convem limpar êstes órgãos usando **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre trata racionalmente a prisão de ventre, estimula o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, que perturbam as funções do fígado e causam a dôr de cabeça, pêso, calor e mal-estar na cabeça, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, língua suja, falta de apetite, mau gôsto na bôca, empachamento, pêso e dôr no estômago, mal-estar depois de comer, arrôtos, azia, indigestão, dôres, cólicas e outros desarranjos do ventre, máu hálito, preguiça, sonolência e moleza geral, certas coceiras e erupções na pele, nervosismo e outras alterações mais graves da saúde.

Tenha todo o cuidado com sua saúde.

Para evitar a dôr de cabeça e todos êstes sofrimentos provocados pela prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio esplêndido, que é tão amplamente conhecido e aplicado, dentro e fora do país.

★ ★ ★

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

★ ★ ★

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

Os grandes concursos literarios da "Revista"

A Comissão Julgadora das peças teatrais promete ainda este mês dar o seu "Veredictum".

Segundo comunicação recebida no início da semana, do senhor Daniel Rocha, representante do Club Ginástico Português junto à comissão julgadora das peças teatrais concorrentes ao prêmio de Cr$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) (Prêmio Apolônia Pinto) do nosso concurso teatral, ainda no transcurso do mês de setembro conheceremos o resultado geral desse julgamento. Como temos insistentemente divulgado, todos os originais recebidos foram entregues ao senhor Daniel Rocha, que por sua vez se incumbiu de distribuí-los entre os demais juízes: Jorací Camargo, representante da S.B.A.T.; Bandeira Duarte, representante da Associação de Críticos Teatrais, e Floriano Faissal, representante da Casa dos Artistas. Antes de serem entregues a esses elementos julgadores, todas as peças haviam sido lidas por um redator da REVISTA DA SEMANA, o senhor Roberto Lyra Filho.

Esperamos, assim, a conclusão desses trabalhos que efetivamente demandaram alguns meses para serem realizados com a necessária atenção, pois o total de originais recebidos ultrapassou a casa de cem. Imediatamente que seja recebido o "veredictum", aqui o publicaremos, procedendo-se à entrega do referido prêmio, oferecido pelo Club Ginástico Português.

★

Também no dia 30 do corrente será encerrado o prazo para recebimento dos contos destinados à 5ª série do Concurso Permanente de Contos. Como de costume, esses originais não devem ir além de 5 laudas datilografadas em espaço dois, e precisam mencionar nome e endereço dos autores. Dentre os contos recebidos, serão escolhidos os doze (dôze) melhores, para publicação posterior, cabendo aos respectivos autores, o prêmio de Cr$ 100,00 (cem cruzeiros), oferecido por esta revista. Não serão devolvidos originais mesmo não publicados.

O PINCE-NEZ DE OURO
OFICINA DE 1.ª ORDEM AVIAM-SE RECEITAS MÉDICAS COM EXATIDÃO
OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 28
Joalheria
LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO
JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES E ARTIGOS PARA PRESENTES

E LÁ SE VAI O "OURO VERDE" — Pela valorização do ouro como padrão para a troca de moedas entre as nações, a gente acostumou-se a dar um apelido áureo a tudo o que assume importância do ponto de vista econômico. Assim o petróleo passou a ser conhecido por "ouro negro", o algodão por "ouro branco" e o café por "ouro verde". De outro modo, não se justificaria que nós dissêssemos, sem mais aquela, à vista desta fotografia: lá se vai o "ouro verde" do Brasil para os chilenos. Na página à esquerda, um melancólico flagrante de pôr do sol tirado ao meio dia em ponto.

CINCO QUILOMETROS DE CAIS

O prosaismo dos carregamentos de farinha e as despedidas saudosas dos que partem — Vai-se o "ouro verde" para o Chile e chega cimento da Inglaterra — Papel do Canadá e mármore de Carrara — "É proibido fumar" — 12 a 13 milhões de litros de gasolina — Um pedaço de Cardiff na Guanabara — Entram anualmente no porto mais de três mil navios.

Reportagem de
ADHEMAR NÓBREGA

Fotos de
ARNALDO VIEIRA

DIRIGE 5 KS. DE CAIS E MILHARES DE FUNCIONÁRIOS — Dr. Alvim Schimmelpfeng, superintendente da Administração do Porto do Rio de Janeiro, que com a sua capacidade de trabalho dirige cinco quilômetros de cais e alguns milhares de funcionários.

O porto, mais do que um ancoradouro para os navios, possibilitando o tráfico de mercadorias e o trânsito de passageiros, é um grande escoadouro de sentimentos humanos. Naquela complexidade de guindastes, armazéns, cabeços, navios, pontes e toda sorte de instalações em que o aço, o carvão e a eletricidade fazem apologia da civilização industrial, deserolam-se em todos os graus de intensidade os mais variados sentimentos nascidos do coração. É um pequeno mundo à beira do mar.

Vamos percorrer o porto, leitor, vamos encontrar ao lado do prosaismo de um carregamento de farinha as despedidas molhadas de pranto dos que levam o adeus aos entes amados que partem; vamos encontrar, amenizando a monotonia da escrituração referente ao movimento de carga e descarga a beleza de um horizonte marinho que as colunas de fumo das chaminés não conseguem enfeiar mas que, ao contrário, emprestam à paisagem ensolarada uma nota de melancolia.

Praça Mauá, leitor, comecemos por aqui. Lá adiante, encontraremos logo uns caixotes de mecadoria que servem de ambiente, tribuna e cadeiras para os estivadores que lutam pelas suas mais sentidas reivindicações. Eles não querem carregar os navios de Franco porque acham que o tirano de Madri é um entulho no mundo de após guerra que se renova e se despoja, portanto, de todos os tóxicos da política inspirada no domínio do mundo e que lançou o mundo numa fogueira. Esses homens, leitor, não dispõem dos artifícios da língua para dizer o que pensam. Falam o que a conciência lhes manda servindo-se de uma linguagem pobre e rude mas sincera e convincente. Em vez de poltronas têm por assento caixões de máquinas que vieram de Stocolmo ou Liverpool, e por teto têm o céu azul e límpido do inverno... carioca.

Não é o aspecto sumário dessas instalações que os preocupa. Os portuários estão preocupados com assuntos muito mais sérios. Eles descobriram que numa democracia todos têm o direito de lutar pelos seus interesses, os interesses da coletividade a que pertencem. E lutam. Sem retórica, sem violência e sem demagogia. Mas lutam. Mas vamos andando, leitor, que eles estão desconfiados da nossa curiosidade.

VAI-SE O "OURO VERDE"

Alí adiante, está um grande navio. É o "Punta Arenas", do Chile. Perto dele, dois guindastes funcionam incansàvelmente, com os seus enormes braços de aço, suas roldanas e seus ganchos pendurados na extremidade dos cabos, ora apanhando a carga que os caminhões vão trazendo, ora mergulhando no porão. 12 sacas de cada vez. É o café, leitor, o café que você bebe todas as manhãs, misturado com leite ou puro, forte e quente, como é bem melhor. Os chilenos também gostam da gostosa infusão do nosso "ouro verde". E tanto assim que mandaram o "Punta Arenas" buscar 14.000 sacas no Brasil. Que foi que ele trouxe quando veio? Provàvelmente salitre, o bom salitre do Chile para adubar os nossos pomares. Mas deve ter trazido também, no coração de cada tripulante a saudade de um ente querido que ficou lá nas distantes alterosas plagas andinas. E essa é uma carga que os guindastes não retiram e que vai se avolumando enquanto passa o tempo, enquanto se esvasiam os porões do seu barco.

CIMENTO DA INGLATERRA

Mas, continuemos, leitor, porque o cais é grande e ainda temos muito que andar. Não podemos ficar todo o tempo olhando estas sacas de café que se despedem da Pátria. No armazém seguinte há outro navio, o "Samur". Pelo nome parece indiano ou japonês. Mas não, é in-

UMA POSE E UMA DEMONSTRAÇÃO DE FORÇA — O dia estava claro e não havia necessidade de pose. Mas o estivador segurou uma saca de café e nessa atitude conversou um bom pedaço com o reporter enquanto Vieira ajeitava a "Exakta". E até que se registrasse o filme, o nosso amigo segurou esse fardo como se fosse um brinquedo. Segundo a tradição no seio da classe, fica desmoralizado aquele que tenta levantar um peso e não o consegue.

glês, da Lamport Holt Line. E logo adiante, o "John J. Mac Graw", também da mesma companhia. Ambos descarregam carga da mesma mercadoria. Sacos pequenos de papel. Vamos nos aproximando mais: cimento. Cimento que nós poderíamos produzir em quantidade suficiente para as necessidades, e que a Inglaterra exporta em plena época da reconstrução das cidades devastadas pelos bombardeios. Cimento que sobra dos edifícios que estão sendo erguidos sobre as ruínas de Conventry. Os judeus têm menos sorte do que nós, porque enquanto John Bull nos manda sacos de cimento de bôa qualidade, a Palestina recebe visitas dos vasos de guerra...

PAPEL PARA A IMPRENSA

No armazém seguinte, encontramos o "Wite Sallow" que traz outra mercadoria, destinada, não à construção de arranha-céus nem ao adubo das nossas plantações, mas tão preciosa e tão necessária quanto o cimento e o salitre do Chile. São bobinas de papel para imprensa que o "White Sallow" nos traz. Como você sabe, leitor, a nossa indústria de papel é ainda muito raquítica. Não produz o necessário nem em qualidade nem em quantidade para a imprensa. E por isso, as nossas idéias têm que se exprimir sobre papel do Canadá ou da Escandinávia. Hoje, essas bobinas estão aí na beira do cais, amanhã estarão nas suas mãos através dos periódicos que você lê. É bem possível que elas venham a reproduzir o texto da nossa Constituição.

Mas não nos demoremos enamorados pelas bobinas do papel do Canadá. O seu merecimento se define depois de utilizadas, pois tanto podem servir de veículo para a defesa dos interesses do povo como para divulgar idéias contrárias ao povo, o que vem a ser, na maioria dos casos, ausência de idéias...

Ainda há muito que ver, afora o "Whittier Victory" e o "Amazonas" cujos nomes podemos ler, alí adiante.

4.667 METROS DE CAIS

O cais é extenso. Só esta parte em que estamos caminhando, o cais da Gambôa, tem 3.417 metros. Segue-se o de São Cristóvão, destinado aos serviços de carvão, inflamáveis, toros de madeira, enfim a chamada carga pesada, este com uma extensão de 1.250 metros. Vamos dar um salto em nossa peregrinação. A contínua muralha escura dos navios está se tornando monótona.

NÃO PODE ENTRAR

O "não pode" é uma instituição de caráter nacional. É a primeira manifestação das restrições. Desde a cozinheira que recusa do dono do botequim o sucedâneo para o azeite de oliva até o médico que prescreve dietas cruéis para o diabético, todos usam o não pode como o cartão de visita do poder de negar a alguém alguma cousa.

Por isso, prevenimo-nos com um cartão de autorização do dr. Alvim Schimmelpfeng, superintendente da Administração do Porto. No entanto, ficámos decepcionados porque andámos cais acima e abaixo sem que ninguém nos incomodasse. Claro que se não tivéssemos aquele solvo conduto no bolso, por infelicidade, o primeiro passo que tentássemos dar seria barrado pela vigilancia de um funcionário.

No entanto, no cais de São Cristóvão, mal o carro do fotógrafo transpôs a porteira o guarda solícito correu ao nosso encontro. Ficámos satisfeitos porque afinal de contas a autorização do superintendente ia produzir os seus efeitos. Dito e feito. Mal o guarda viu a assinatura do homem deu a licença e Vieira encostou o Ford junto a um enorme guindaste, aproveitando a sombra que o monstro de aço projetava sobre o calçamento.

É PROIBIDO FUMAR

Não. Não estamos nos referindo a nenhum letreiro de cinema, desses avisos inúteis que os gerentes mandam pregar nas paredes das suas casas de exbição, para despertar a vontade dos frequentadores de tirar um trago. É proibido fumar é uma espécie de "leit-motiv" do cais inflamável de São Cristóvão. Alí por toda parte está o aviso. Ninguém que seja apanhado de cigarro na boca pode dizer que desconhecia a proibição. E mesmo que não existisse os avisos, só um cidadão muito imprevidente se arriscaria a fumar perto de tanta gasolina.

O cheiro intenso do petróleo distilado leva-nos a

PAPEL PARA IMPRIMIR MENTIRAS E VERDADES — O estivador, preto, alto e forte como um núbio, mesmo assim precisa fazer uma bruta força para levantar as bobinas de papel. Às vezes, ele fica se balançando em cima da prancha que serve de alavanca porque bobina de papel não é brincadeira. E ainda aparece, vez por outra, um sujeito para dizer que "esta sôpa vai acabar". Mas ele já está acostumado e prossegue na sua faina sem se incomodar com a pilhéria. Muito cuidado, amigo. Essas bobinas se destinam aos jornais. Vão imprimir verdades, doam a quem doer... Só verdades?

MÁRMORE DE CARRARA — Carrara, na província de Massa, Itália, ficou celebrisada pelo mármore que produz, conhecido em todo o mundo, como o é também o da Carélia. Estes blocos enormes, cada um com várias toneladas, daqui a algum tempo estarão transformados em escadarias artísticas, em estatuetas, em mausoléos que celebram saudades eternas, em revestimentos ou pisos de edifícios, em mil e uma formas que o artista lhes imprime com a sua técnica e a sua capacidade de criação. Por enquanto, encerram tudo isso no seu interior, sob esse aspecto grosseiro de paralelepípedos inexpressivos. O valor do artista está em descobrir as estátuas que há lá dentro.

crer por um momento que estamos numa sucursal das jazidas petrolíferas americanas. O odor é penetrante como os efeitos econômicos das poderosas organizações que se dedicam à exploração industrial e comercial do produto. Um cheiro que nos traz à lembrança a guerra do Chaco, as eternas lutas na Palestina, os conflitos pela supremacia nos mercados internacionais, um cheiro de guerra disfarçado naquele aroma fino e penetrante...

NÃO É PERMITIDO ESTACIONAR...

Decididamente, isto é o paraíso do "contra". Dez minutos enquanto o automóvel gosou a sombra do gigante de aço foram o bastante para que um outro guarda se aproximasse do reporter para avisar que não era permitido o estacionamento de automóveis ali. Mas nós tinhamos o salvo conduto e o exibimos. Nada. A cousa agora era séria. Em todo caso, à vista daquela autorização, o guarda nos aconselhou a consultar um funcionário graduado do serviço de inflamáveis. Este nos fez ver que embora tivéssemos licença para percorrer qualquer trecho do cais, não ficava bem a presença de um automóvel particular junto ao descarregamento de gasolina. Poderia causar má impressão... Entendemos logo o que o homem queria dizer e como isto aqui é o país das suspeitas e nós vivemos na época em que as suspeitas sempre traduzem fatos, nada melhor do que atender à recomendação, tirando daquele lugar comprometedor o inocente automóvel do fotógrafo... que para bem da verdade, lá entrou com o tanque cheio. (O automóvel, bem entendido).

Satisfeita a exigência do funcionário, voltamos ao cais, onde desembarca todo o sangue que circula nas veias do nosso sistema rodoviário.

500.000 LITDOS POR DIA

Naquele cais protegido por mil e uma recomendações para não fumar, desembarcam diàriamente de 400 a 500 mil litros de gasolina, que verdadeiros enxames de caminhões-tanques se encarregam de distribuir pelas diversas companhias às quais é consignado o produto.

Alí pela manhã, cerca das 8 horas, é possível ver dezenas e dezenas de transportes pertencentes à Standard Oil, à Anglo Mexican, à Caloric, à Texaco, a todas as empresas que exploram o comércio do ouro negro.

12 A 13 MILHÕES DE CADA VEZ

Essa gasolina vem dos grandes depósitos existentes na baía de Guanabara, onde os navios procedentes dos Estados Unidos descarregam de cada vez que chegam, de 12 a 13 milhões de litros.

A poeira do cais vai sujando o rosto suado e a gente fica fazendo castelos. Por exemplo, que cousa extraordinária seria mandar buscar nos Estados Unidos 12 ou 13 milhões de litros dágua para a população sedenta e empoeirada do Rio de Janeiro.

Dos depósitos da Guanabara para o cais inflamável, a gasolina é transportada por navios especialmente construídos para esse fim, comportando 380.000 litros.

MANGUEIRAS QUE NÃO SÃO PARA APAGAR INCÊNDIOS

Desses navios, o líquido passa para os caminhões através de grossas mangueiras que se estendem preguiçosamente ao longo do cais, enquanto não estão sendo usadas. À distancia, dão a estranha impressão de serpentes enormes, mas de perto a gente vê que não passam de mangueiras, as menos apropriadas do mundo para apagar um incêndio...

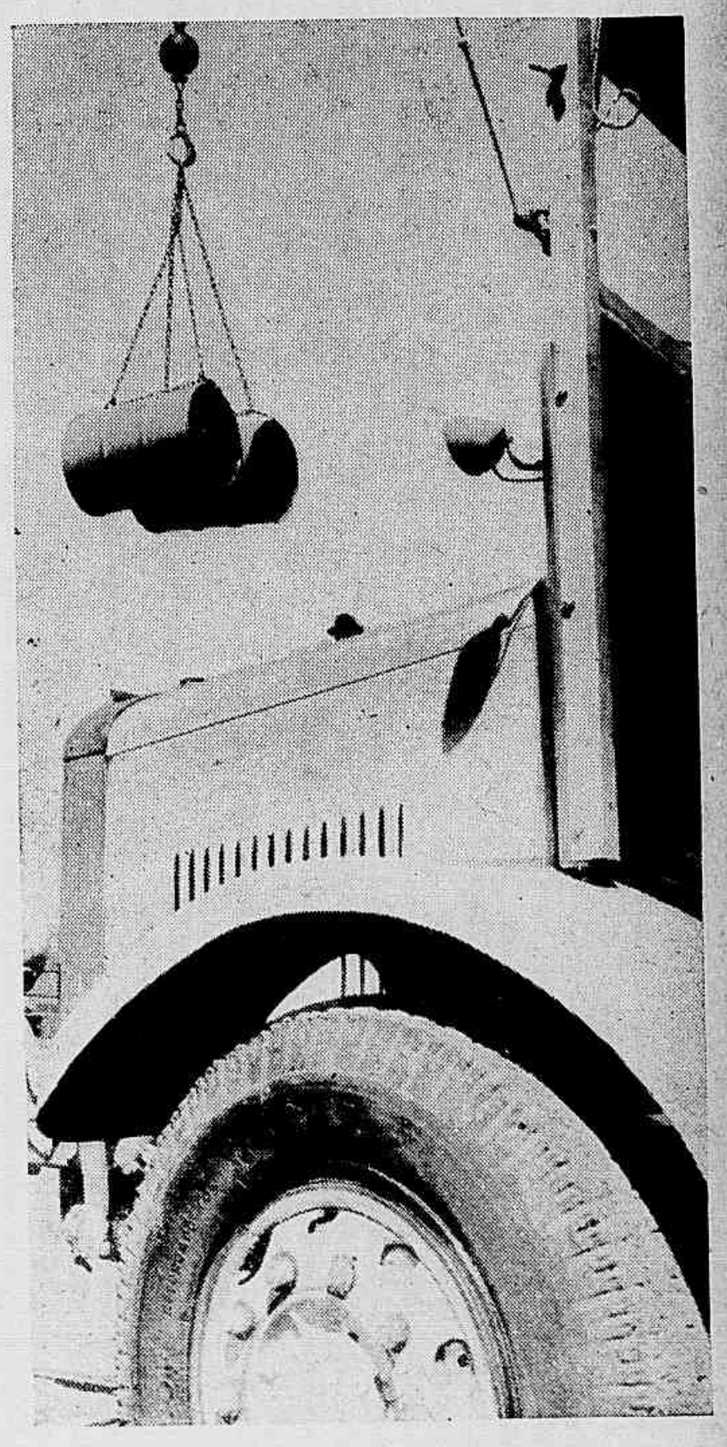
UM PEDAÇO DE CARDIFF NA GUANABARA

Depois de algum tempo retiramo-nos, podendo afirmar com absoluta segurança que o carro do nosso fotógrafo saiu com a mesma quantidade de gasolina com que entrou, menos a porção gasta para transitar da sombra do guindaste para o galpão.

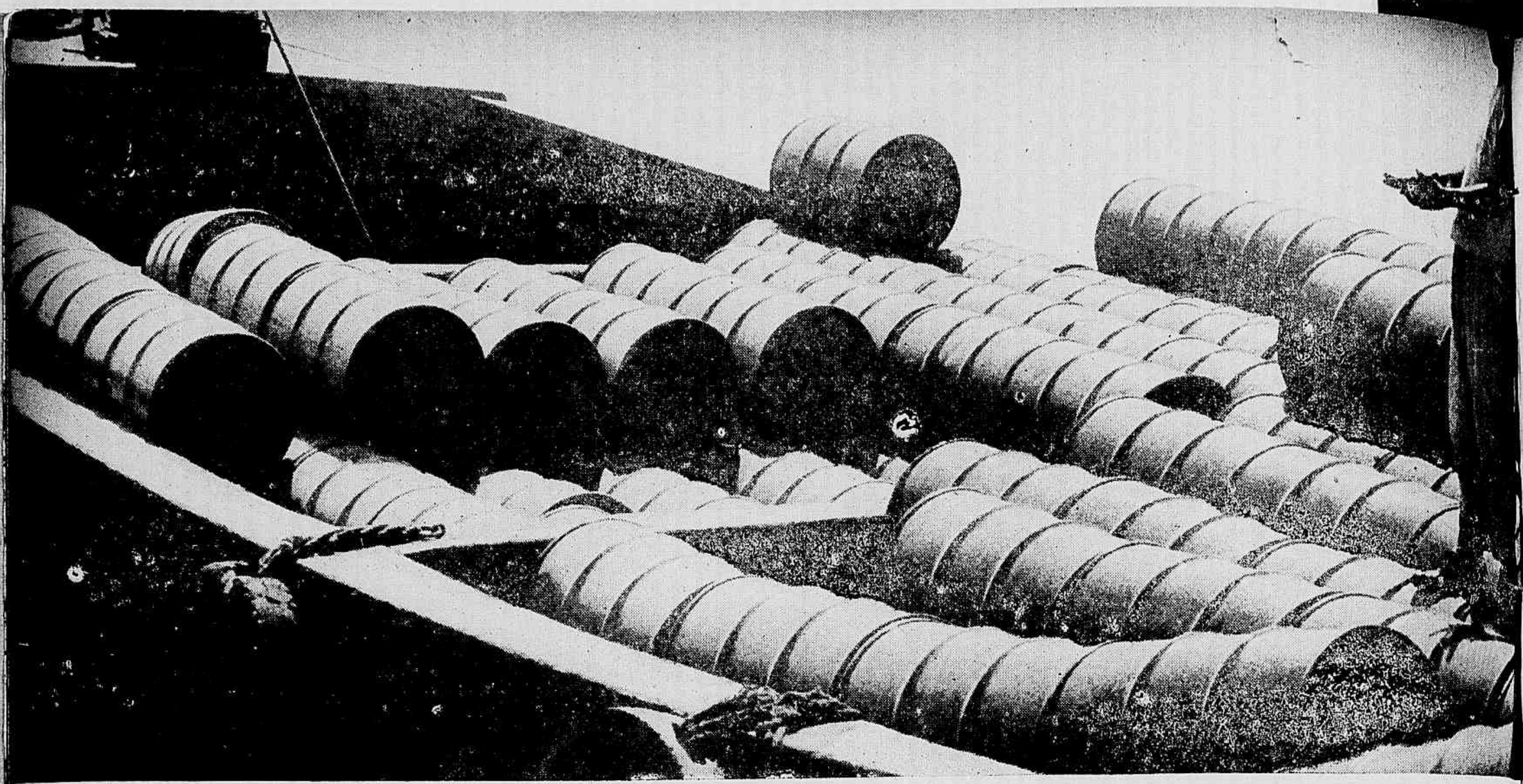
Vamos agora caminhando em direção ao cais da Gambôa, mas sem vontade de alcançá-lo porque aqui ainda há muita cousa que ver.

Há por exemplo uma verdadeira montanha negra plantada ao longo dos navios ancorados, dos enormes guindastes e dos vagões de aço de um trem, que recebe a sua preciosa carga.

A montanha é de carvão o navio está cheio de car-



A BORRACHA E A GASOLINA — Nesta fotografia estão simbolizados dois produtos que podem fazer a riqueza de uma nação: a borracha com que se fabricam os pneumáticos e a gasolina que aciona os motores dos transportes rodoviários. Já tivemos a supremacia da primeira que nos [illegible] por insuria nossa. E não produzimos a segunda, embora todo mundo diga que há petróleo no Brasil. Por quê?



É PROIBIDO FUMAR — Aqui estamos em plena zona das restrições ao vício do fumo, a menos que alguém consiga fazê-lo sem fogo, o que por enquanto é impossível. Não vamos dizer que é um bom emprego o desse cidadão que aí está, tomando nota da carga desse batelão abarrotado de tonéis. Mas, pelo menos, é uma oportunidade que se oferece ao viciado que quer deixar o cigarro. Em baixo, uma vista que poderia passar por um aspecto de Cardiff ou de outra qualquer cidade carbonífera da Europa ou da América. Mas é simplesmente um trecho do cais de São Cristóvão. Quanto ao carvão, é da Central do Brasil.

vão que vai passando para os vagões do trem, igualmente destinado ao transporte de carvão que vai para Volta Redonda. O que está amontoado, entretanto, pertence à Central do Brasil.

O reporter fica espantado da liberalidade com que o trem retira dali o mineral que vai alimentar as caldeiras das locomotivas da nossa principal ferrovia. É só encher os vagões e ir dando o fora. Como é possível isto? Então não há controle para retirada da mercadoria? Só haverá fiscalização para a gasolina?

UMA BALANÇA PARA PESAR GIGANTES

— Não, — explica-nos um funcionário. Daqui não sai nada sem ser contado, pesado ou medido, inclusive o carvão da Central. Está vendo aquele galpão ali? Pois dentro dele está a balança, que determina a quantidade do carvão retirado.

Fomos até o galpão indicado. Mas nada de balança. O que vimos foi um tablado sobre o qual os vagões demoravam por alguns minutos, à proporção que alí chegavam. E então podemos notar que o tablado cedia ao peso da carga. Devia ser a balança. Junto, um quartinho com janelas de vidro, através das quais podemos ver um funcionário consultando um mecanismo. Pedimos licença e presenciámos a pesagem do carvão.

Trata-se de uma balança de sistema decimal cujo lastro é o tablado onde ficam os vagões e cujo indicador é constituído de dois grandes braços de metal amarelo com as indicações em toneladas e frações. Um dos braços se destina a registrar o peso bruto e o outro, estabelecida a tara do vagão, determina o peso da mercadoria. No momento em que presenciámos o seu funcionamento, a enorme balança que bem poderia pesar os maiores gigantes de que está povoada a literatura infantil, registrava 62.500 quilos de um vagão carregado. Mas a sua capacidade vai até 91 toneladas.

Hailton Moreira, o balanceiro, ia tomando nota daqueles números cheios de cifras em que a idéia de tonelada é constante como a de miligramos numa balança de precisão.

Pudera! Se não fosse esse processo de pesar o carvão, o descarregamento não tinha mais fim, tais as quantidades que o cais recebe. Basta dizer que no ano de 1944, sòmente para a Central do Brasil, foram descarregados 142 navios carvoeiros, dos quais 104 com carvão nacional e 38 com o produto estrangeiro. Estes, embora em menor número, trouxeram maior quantidade, 260.552 toneladas, contra 159.639 do carvão nacional.

INSUFICIÊNCIA DAS INSTALAÇÕES — REAPARELHAMENTO

O porto do Rio de Janeiro, como já dissemos, mede cerca de cinco quilômetros de extensão, compreendidos nesse número o chamado cais da Gambôa e o cais inflamável. Aparentemente, é grande e para quem se posta no cais, a perspectiva que oferecem os guindastes e demais instalações dá a idéia de um aparelhamento modelar quanto à quantidade e ao grau de serventia. No entanto, a verdade é que são insuficientes tais instalações. Há mais de dois anos a crise de utilidade dos serviços portuários se manifestou originando um programa de reaparelhamento que a Administração elaborou. Desse plano, aprovado pela Comissão de Planejamento Econômico, através da Secção de Transportes Marítimos e Fluviais, num montante de 100.000.000 de cruzeiros e a ser custeado por financiamento sem afetar ao Tesouro Nacional, constava o seguinte: 21 guindastes elétricos para 2 toneladas, 10 quidastes elétricos para 3 toneladas, 9 guindastes elétricos para 6 toneladas, 6 guindastes de esteira para 10 toneladas, 20 pontes rolantes para 120 toneladas, 500.000 metros cúbicos de dragagem, 15 flutuantes, 10.000 dormentes, 10.000 metros de linhas férreas, 50 vagões para 45 toneladas, 4 locomotivas, 50 carrinhos mecânicos para movimentação e empilhamento de cargas, cabos de aço, maquinária para oficinas mecânicas e novas instalações elétricas, transferidores e cabos de alta tensão.

O PLANO ESTÁ EM EXECUÇÃO — A CRISE É TEMPORÁRIA

Não obstante as dificuldades originadas pela guerra, esse plano está sendo executado.

— A insuficiência, — disse ao reporter o dr. Alvim Schimmelpfeng — é temporária pois que o governo está cuidando de ampliar e modernizar o porto. Se isto não foi conseguido, devemos levar em conta que sofremos as duras contingências da guerra, durante a qual nossa aparelhagem não foi substituída. Fomos, assim, obrigados a fazer enormes esforços com o fim de manter em condições de perfeito funcionamento os nossos serviços. Por isso mesmo, estamos em condições de desafiar quem quer que

seja a provar que um só dos nossos guindastes não está em condições. Não há dúvida, entretanto, que as nossas operações se processam morosamente, em face das razões já alegadas. Mas estamos recebendo regularmente o material necessário a torná-las mais rápidas.

O plano de reaparelhamento está sendo cumprido. Já recebemos grande tonelagem de cabos de aço e cerca de 10 quilômetros de linha férrea. Além disso, estamos esperando 3 locomotivas "Diesel" da General Eletric e nada menos de 100 chassis mecânicos. Estuda-se também a construção de novos armazéns afim de evitar o congestionamento das mercadorias. E na marcha em que vamos, posso afirmar que dentro de um ano o porto estará completamente modernizado e apto a enfrentar todas as exigências.

VINTE DIAS PARA DESCARREGAR UM NAVIO

Indagámos do dr. Alvim por que motivo o porto está sempre com todo o cais ocupado, quando é certo que o movimento de navios não é tão grande.

— É sabido que os navios de grande tonelagem, — responde o superintendente — algumas vezes demoram mais de 20 dias para descarregar suas mercadorias. Mas ao lado disso, a verdade é que a linha de atracação é pequena.

Todavia, é pensamento do governo ampliá-la. O Departamento de Portos já iniciou os estudos necessários.

Já foi ampliada a planta da construção de "piers" com linha de atracação de 2 quilômetros cada um. Essas construções serão levadas a efeito no cais de São Cristóvão que assim poderá se transformar num cais comercial.

Para mostrar o quanto se faz necessária a construção dos "piers" basta dizer que atualmente, um navio carregado com 4.000 ou 5.000 toneladas de sal é obrigado a ficar retido no porto pelo menos durante uns 15 dias. Com os "piers", entretanto, esse tempo fica reduzido para 30 horas.

A SIDERÚRGICA E A CENTRAL DO BRASIL TAMBÉM SÃO NECESSÁRIAS AO BRASIL

Indagámos porque não era utilizado o cais de São Cristóvão para fins comerciais.

— Por ele — respondeu o dr. Alvim — passa um milhão de toneladas de carvão para a Central do Brasil e para a Siderúrgica de Volta Redonda. É claro que o cais poderia ser aproveitado para fins comerciais mas não é menos verdade que a Central do Brasil e a Siderúrgica são necessárias ao Brasil. Esta é a razão por que o referido cais não é aproveitado para fins comerciais.

OUTRAS OBRAS

Além da construção dos "piers" — continua o ilustre engenheiro — estamos tratando da derrocagem dos cabeços alí existentes que impossibilitam a atracação dos navios, de grande calado. Feito isto, o cais ficará com a profundidade de 9,50 metros o que virá facilitar bastante os nossos serviços. Aliviará, por exemplo, o cais da Gamboa que por sua vez poderá atender aos atacadistas com mais eficiência.

OS "PIERS" TRANSVERSAIS

Continuando a sua exposição sobre as obras necessárias ao aparelhamento, o dr. Alvim referiu-se ao proble dos "piers", abordando a questão de sua disposição que tanto pode ser longitudinal como transversal em relação ao cais.

— Pode-se construir "piers" ao longo do cais, porém não acho aconselhável. Sacrificaria o cais atual que é de profundidade. Teríamos que construir mais armazéns uma vez que possuímos poucos e além disso congestionar ainda mais a já sobrecarregada avenida Rodrigues Alves. A meu ver, devemos é aumentar a linha do cais, construindo os "piers" pelo interior da baía. Assim, a construção desses "piers" no cais le São Cristóvão é mais aconselhável. Além de outros benefícios, proporcionaria um melhor escoamento de mercadorias pela avenida Brasil que não é tão usada quanto a Rodrigues Alves.

GUINDASTES PEQUENOS SÃO MAIS NECESSÁRIOS

Falou-nos sobre a necessidade de um guindaste de 250 toneladas para o porto. A esse respeito, o nosso entrevistado declarou:

— Não precisamos de um guidaste dessa capacidade, mas, ao contrário, de guindastes pequenos, tais como os que foram incluidos no plano de reaparelhamento. Um guindaste de grandes proporções teria forçosamente de ser fixo, circunstância que limitaria sua utilidade. Os pequenos, esses sim, nos prestam muitos serviços.

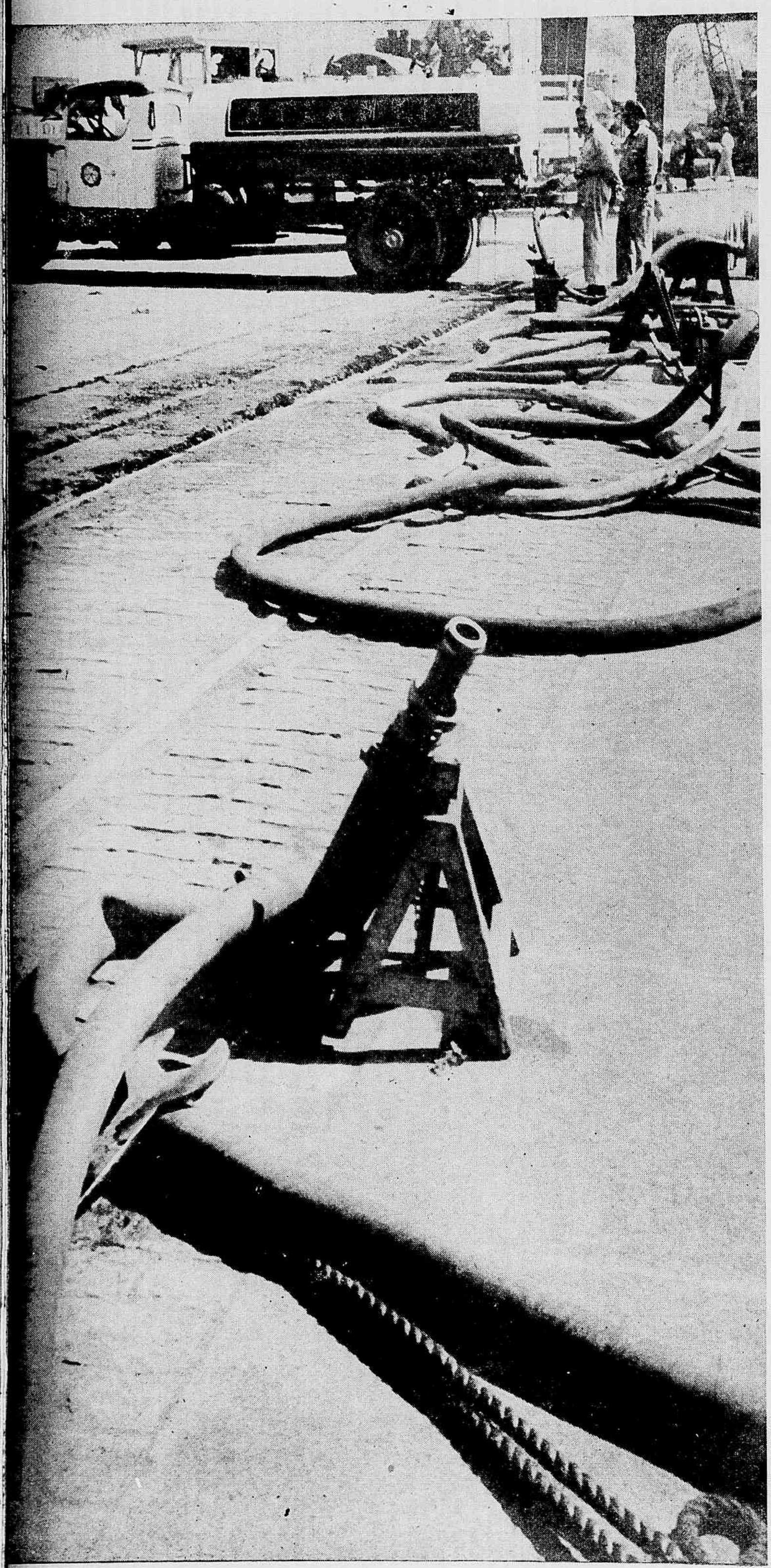
MAIS DE TRÊS MIL NAVIOS POR ANO

No momento não se pode determinar a proporção, mesmo aproximada, dos navios que entram no porto, pois que os dados existentes só se referem ao movimento até maio.

Além disso, durante a guerra houve um sensível decréscimo no movimento do porto, de modo que só agora se registra a recuperação da antiga frequência.

Os dados referentes aos anos de 1940 ao presente ano são os seguintes: 1940, 3.748 navios; 1941, 3.587;

PINTOR OU ACRÓBATA? — Nem uma cousa nem outra. O homem é simplesmente um marinheiro e isto quer dizer: tem que saber muitas cousas, inclusive renovar a pintura do navio, enquanto ele se demora no porto, abastecendo-se de café.



AS SERPENTES — De longe, apenas, porque quando a gente vai se aproximando percebe logo que essa história de serpente é apenas um pretexto para uma tropo de mau gosto. São as mangueiras de gasolina do cais inflamável. Lentro delas cerre o sangue que nós compramos no estrangeiro e que dizem haver com abundancia no Brasil.

1942, 3.008; 1943, 2.700; 1944, 2.833 e 1945, 2.826. Nos primeiros cinco meses de 1946 entraram no porto 1.006 navios.

EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO

Damos a seguir alguns dados referentes ao movimento de importação e exportação, pelo porto do Rio, durante o ano de 1945.

A importação de mercadorias do estrangeiro elevou-se a 1.619.188 toneladas e a importação de cabotagem a 1.037.867 toneladas, um total, portanto, de 2.657.055 toneladas.

O total da exportação foi de 1.162.471 toneladas, das quais 721.759 para o estrangeiro e 440.712 por cabotagem.

AS PRINCIPAIS MERCADORIAS IMPORTADAS

Dentre as principais mercadorias descarregadas no porto durante o ano de 1945, destacam-se o carvão, gasolina, óleos e trigo.

O carvão entrou na proporção de 1.034.170 toneladas, das quais 705.683 do produto estrangeiro e 328.487 de carvão nacional.

De gasolina, recebemos 165.474 toneladas, de querosene 34.834, 358.032 de óleos e 384.636 de trigo.

Como se vê são números espetaculares. No entanto, afora a gasolina e óleos, tudo entra na proporção restrita das necessidades. E note-se que há uma séria restrição com relação ao trigo que recebemos em proporção mínima em relação às necessidades do consumo.

Basta dizer que enquanto em 1945 recebemos 384.636 toneladas de trigo, em cinco meses deste ano (de janeiro a maio) apenas entraram pelo porto 34.362 toneladas.

Outras mercadorias, entretanto, estão sendo recebidas em maior proporção no corrente ano. A gasolina, por exemplo. Enquanto em 1945 165.474 toneladas do produto, somente de janeiro.

UM POENTE AO MEIO DIA

Os números dançavam em nossa cabeça quando deixámos o porto. Lá fora, fazia um sol brilhante produzindo belos efeitos sobre o mar. Vieira voltou a objetiva contra a luz e conseguiu um belo aspecto... de por de sol, que ilustra esta reportagem.

O movimento de carga e descarga continuava intenso e febril. Junto ao Entreposto de Frutas, o "Amazonas" recebia um carregamento de laranjas para a Noruega. Ao lado, um carregamento de couros curtidos esperava a sua vez. O café continuava sendo embarcado pelo "Punta Arenas" para os chilenos.

E por toda parte, ao longo dos armazéns cheios de mercadorias, fardos, caixões, barris, engradados e toda sorte de volumes se amontoavam no espaço compreendido entre os armazéns e sobre as calçadas dos mesmos. Podemos observar a presença de máquinas de naturezas destinadas a fins os mais diversos. Além disso, caixões de mercadorias, inclusive de gêneros alimentícios, lá estavam aguardando não sabemos se espaço nos armazéns ou boa vontade dos consignatários.

Uma vista interna dos armazéns também permitiu observar que a falta de mercadorias tão apregoada pelos magnatas do câmbio negro é pura trapaça. É simples pretexto para continuar explorando miseravelmente a população já exgotada nos seus recursos, já tendo atingido o limite de exaustão.

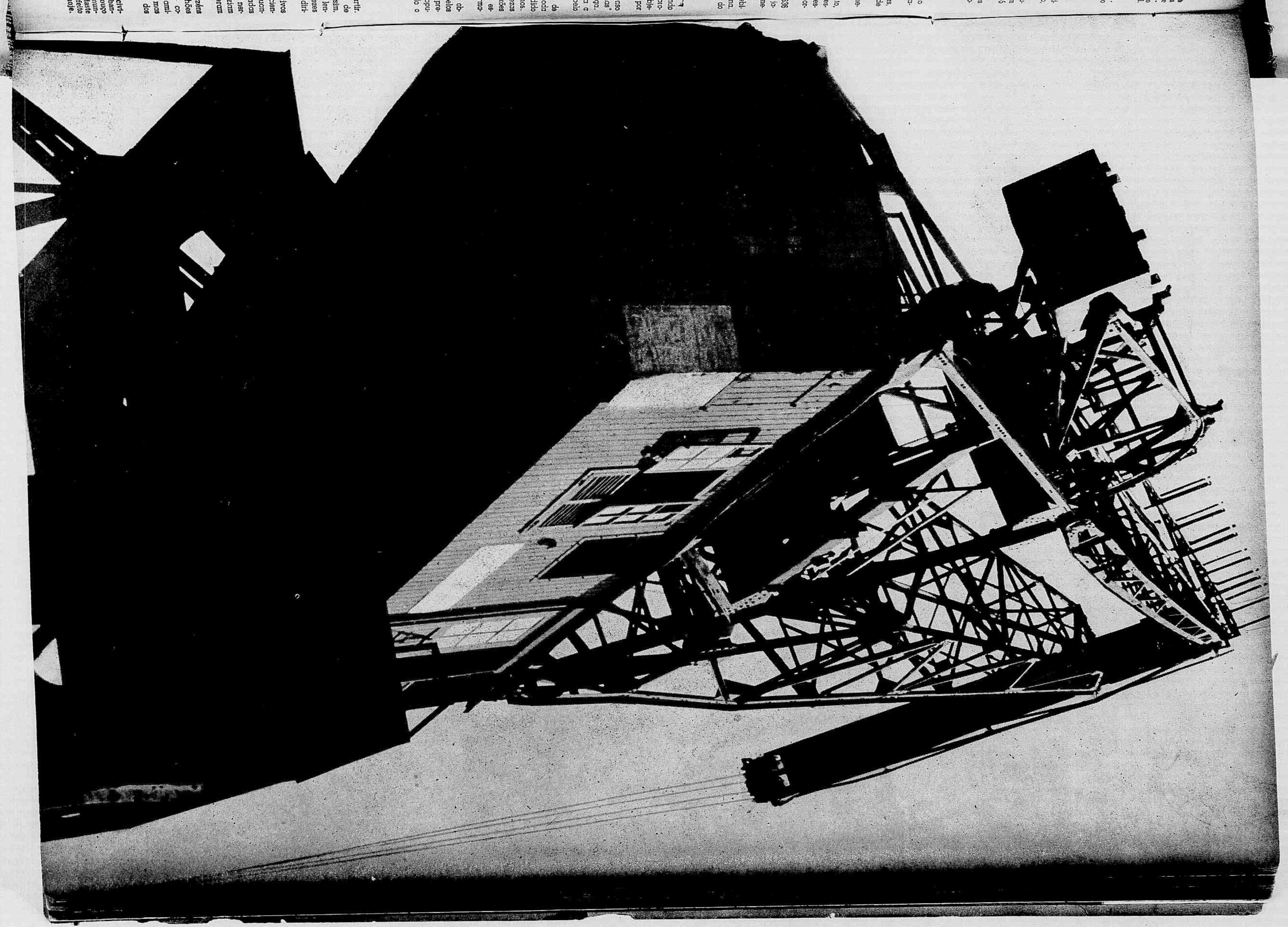
ADEUSES, LENÇOS E MÃOS AGITADAS NERVOSAMENTE

Em outro local, um navio se aprestava para partir. O apito grave e saudoso lançava no ar uma onda de melancolia, apesar do sol radioso. Mas mesmo assim, havia uma movimentação nervosa e frenética no cais, lenços agitados, adeuses ditos e repetidos dezenas de vezes como se fossem surdas as pessoas a quem se dirigisem.

E apesar disso, essa eclosão de sentimentos afetivos por meio de gritos e exclamações não pareciam suficientes. Pouco depois, quando o navio se afastava e quando apenas se podia ouvir o marulhar das águas agitadas pelas hélices possantes, as mãos ainda se agitavam nervosas a bordo e no cais, os lenços ainda reproduziam as mensagens de saudade que as palavras não puderam traduzir.

O navio tinha trazido uma carga para os armazéns que os guidastes e posteriormente os trens e caminhões vão levando para pontos distantes. Mas levava no coração de cada um passageiro uma lembrança dos amigos que aqui ficaram, uma carga muito mais leve mas que as máquinas não conseguem remover: a saudade dos que ficam.

UM MONSTRO DO FUTURO — Se desaparecer esta civilização industrial, as máquinas colossais, inúteis e abandonadas, parecerão monstros lembrando o seu arcabouço apenas a época em que o homem queira dominar o mundo com o aço e com o petróleo. Então, um guindaste como este da página ao lado, produzirá o mesmo efeito que o aparecimento de um dinosaurio causaria hoje.



O "BALLET" ESTA' EM MODA

A Academia de Danças da Grã-Bretanha comemora este ano o seu Jubileu de Prata e, com intuito de celebrar o transcurso deste aniversário, foi oferecido, em Claridge, um jantar especial, tendo comparecido o Ministro da Educação, Miss Ellen Wilkinson, a quem coube o ensejo de realizar a abertura da festividade.

O progresso da Academia foi verdadeiramente extraordinário durante os anos da conflagração, e todos os presentes foram unânimes em aplaudir calorosamente os pequeninos dançarinos que se movimentavam graciosamente. No decorrer da festa, foi lido um telegrama enviado pela Rainha Mary, congratulando-se efusivamente com os esforços da Academia.

Em seu rápido discurso, Miss Wilkinson teve ocasião de descrever como a popularidade do "ballet" aumentou constantemente nestes últimos anos, afirmando que "nós estamos agora cantando com o "ballet" para o aperfeiçoamento da graça e da beleza, em contraste com as tristezas do pesadelo da guerra". O Ministro da Educação acrescentou, no que foi entusiàsticamente aplaudida: "O ballet é uma das maiores linguagens internacionais; um dos maiores laços de amizade entre todos os povos de todas as nações".

A Academia Real de Danças está dedicando todos os seus esforços no sentido de aprimorar seus conjuntos de bailarinos, sendo notáveis os cursos especializados para as crianças. As pesquisas apreendem, nos meandros da arte coreográfica, condições sublimadas de porte e feminilidade. O gesto, a atitude, o movimento, o ritmo, a leveza — a harmonia, eis o que buscam aquelas graciosas figuras em seus estudos intensivos e conscienciosos.

A dança possui virtudes as mais variadas e poderes os mais sublimes. Atentemos às sugestões da música sobre o espírito fresco e juvenil das pequeninas. Atentemos à compreensão da disciplina e da cooperação nos conjuntos, e da responsabilidade excepcional nos solos, quando olhos argutos apreciam e criticam, quando é preciso que haja pleno senso de ritmo e expressão, quando a interpretação deve ser sincera e verdadeiramente artística.

A missão da Academia Real de Danças da Grã-Bretanha merece todos os nossos encômios e seu exemplo deveria ser seguido em todos os recantos do mundo.

Desde a primeira infância, as meninas inglesas são educadas para dançar. Elas vão crescendo sob esse curso constante de coreografia, e ao atingir a adolescência, muitas se revelam notáveis componentes de "ballet" clássico. As gravuras desta página dão-nos flagrantes obtidos na Academia Real de Danças, que por sinal está comemorando este ano o seu Jubileu de Prata. Aqui se vêem, distribuidas avulsamente, as garotas da Grã-Bretanha desde quando fazem os primordiais exercícios de barra, de flexão, de "ponta", até se exibirem nos principais teatros do país. Centenas de meninas cuja idade orça entre os quinze e os dezoito anos, diplomadas, vão depois cerrar fileiras nos corpos de córos das companhias de "ballet" que excursionam pelo interior do país e em "tournée" vão percorrer outras terras, levando até bem longe, a arte de Pavlova.

O Quarteto Iacovino, na intimidade, é um grupo alegre.

O QUARTETO IACOVINO NA INTIMIDADE

Complexo do Jardim de Versailles — Oxigênio e Calças Curtas — Santa Casa, Zangado, Santino e Mariuccia — Veteranos e Calouros — O Eixo Donizette, Tchaikovski, Borodine.

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

Roberto Lyra Filho

FOI numa mesa de café que começou a conversa a respeito de Villa-Lobos.

— Um diamante bruto, disse o músico refinado.

— Precisamente, confirmou o homem comedido. Villa é, sem dúvida, um grande talento mas necessita lapidar, lapidar, compreende?

E voltando-se para mim, acrescentou:

— Falta-lhe aquele "final polish"...

Um tanto irritado retruquei:

— Por que o senhor não aprende a falar português?

E, levantando-me, bruscamente, deixei o homem comedido e o músico refinado surpreendidos com minha grosseria. Sua cultura francesa, hoje diluida em uma tintura americana, não compreendia a minha impaciência.

Entretanto, não é difícil explicar. Ao lado da emoção imediata e cálida que o contacto com o gênio vigoroso de Villa-Lobos desperta vem sempre, em sua função antipàticamente policiadora, aquilo que poderíamos chamar o complexo do Jardim de Versailles. Fique este como símbolo de perfeição na simetria agradável da construção, fruto de um trabalho de acabamento perfeito. Importamos, com respeitável dose de esnobismo, esse ideal europeizado. E, no momento, justamente, em que a velha civilização desfibrada vinha buscar seiva na nossa desordem fecundante, demos para apreciar as ginásticas alambicadas dos estilos da decadência. Por que? Concedamos, democràticamente, o direito à preferência. Mas o fato incontestável é este: Vila Lobos é cem vezes mais Brasil. Nós somos, ainda, e o seremos por muito tempo, floresta. Isso significa que devemos abandonar, por enquanto, essas veleidades do Jardim de Versailles. Nossa aspiração tem que ser, primeiro a possessão da terra. Arte telúrica, com perdão da expressão rebarbativa. Mas assim é: antes de dominar a terra não podemos nos entregar, em sã consciência, sem afetações, a sutilezas... Em Villa-Lobos, há o cheiro da mata, a imagem dos troncos gigantescos e o entrelaçamento dos cipós. Bichos mansos e ferozes. Homens mansos e ferozes, humildes uns, outros arrogantes. Tudo isso pintado com uma riqueza assombrosa de colorido.

— Aliás, o oitavo quarteto é o primeiro "quarteto" de Villa-Lobos, informa Mariuccia Iacovino.

Foi esta a obra que alguém o surpreendeu compondo, em horas vagas. Tinha ao seu lado, dois maços de papel e mordia, nervosamente, um lapis.

— Que está fazendo? perguntara.

— Compondo dois quartetos. Quando tenho uma boa idéia, incluo-a naquele em que ela melhor se adapta.

Cocteau, no período áureo do modernismo, quando florescia o talento, gasto, empregado em piadas efêmeras, de Erik Satie, ouvia as composições deste deitado debaixo do piano, "afim de digerir melhor a música". Mas o absurdo, aí, é deliberadamente procurado, enquanto que, com Villa-Lobos, na espontaneidade de sua personalidade, vem naturalmente, como sua música — puro instinto.

Os europeus vieram à procura da pedra filosofal, encantados diante de riqueza do nosso futuro, mas os imitadores atrazados, que aguardam o sêlo do imprimatur estrangeiro da moda, afim de declará-la legítima, iam em busca do ar rarefeito de que a arte velha fugia, aos berros de: Ar! Oxigênio! Luz!

Quando a arte ia "à procura do tempo perdido" em busca da infância, havia uma outra, verdadeiramente jovem, surgindo. Os abutres lançaram-se a ela. Mas as crianças, muito compenetrada mente, só queriam envelhecer depressa e, para dar a lusão de uma idade que não possuiam, vestiam-se com as roupas dos adultos, adotavam poses de "gente grande", obtendo sorrisos diante do ridículo. Ah, se compreendessem que vale a infancia... Os adultos trocariam sua importancia pelas calças curtas...

SANTA CASA, ZANGADO, SANTINO E MARIUCCIA

O nome de Villa-Lobos está definitivamente ligado ao Quarteto Iacovino que deu, em primeira audição, o seu primeiro quarteto e vai dar, agora, o oitavo, dedicado a eles. Num dos ensaios, saltando, da leitura, os obstáculos que Villa-Lobos pôs no caminho dos intérpretes, Aldo Parisot, manhoso, reclamava:

— Puxa! Isso é complicado...

Mariuccia, porém, protestou:

— Ora, você está muito mais folgado do que nós...

Tudo "pura conversa". Na verdade, o quarteto Iacovino é composto de quatro virtuoses, aptos a enfrentar qualquer peça, por mais difícil que seja. Erich Kleiber disse deles: "Uma de minhas recordações mais agradáveis do Brasil". Jennie Tourel exclamou, ouvindo-os: Mas... mas são extraordinários!"

— Que é que você quer saber? pergunta Santino Parpinelli, o humorista do grupo. Pode perguntar tudo, desde as nossas preferências culinárias, até as nossas preferências sentimentais.

O Quarteto Iacovino, na intimidade, é um bando alegre. Todos teem apelido. Aldo Parisot, por exemplo, é o "Santa Casa", das enxaquecas freqüentes, pretexto para faltar aos ensaios. Tem misteriosos e inadiáveis compromissos todos os sábados a noite e com isso desperta a curiosidade dos outros. Santino Parpinelli, hoje uma das melhores violas da América do Sul, transforma os atritos, que surgem, em piadas e, com isso, apesar de seu aspecto truculento, ganhou a fama de pacificador. Piñero força-o freqüentemente a intervir, em benefício da paz e da justiça. É o "Zangado" do grupo. Espero que esta indiscreção não venha ferir-lhe a susceptibilidade. Em caso contrário, terei que recorrer ao Santino, para evitar consequências desastrosas...

VETERANOS E CALOUROS

— Você sabe que estamos aprendendo muito com o Villa? Mariuccia.

— Ele é extraordinário.

No meio da conversa, Parisot vira-se para Piñero e diz:

— Calouro, vá arrumar a sala.

"Zangado" sai, obediente, deixando-me pasmado.

— Ele vai arrumar a sala?

— Sim. Aqui, entre nós, é assim: o calouro é quem faz tudo. Ele é o mais novo no quarteto. Portanto...

"Zangado", meio a contragosto, submete-se.

— Um dia eu hei de tirar a forra...

Mas os nossos votos são para que o Quarteto não modifique a sua constituição atual. Nascido da iniciativa de Parisot, Mariuccia e Afonso Henrique, ele teve, mais tarde, Nirenberg. Agora tem Piñero, o zangado, que estudou em Roma, onde foi aluno de Prihoda.

O EIXO DONIZETTI, TCHAIKOVSKI, BORODINI

Nós estamos impondo as sonatas, informa Mariuccia. Em setembro vou à Baía, tocar sonatas.

— E eu, no dia 7 de outubro, darei um

"Mariuccia não tem apelido. Às vezes entretanto, chamam-na professora"... A direita, Santino Parpinelli abandonou o violino. Hoje é o viola, o humorista pacificador.

concerto de sonatas, informa Aldo Parisot.

— E você, Santino, que novidade tem a contar?

— Eu não gosto da música, responde com ar sério, o viola famoso. Sou músico contra a vontade.

Mas o grupo ri.

— Ele é assim mesmo. Não lhe dê importancia.

"Zangado" ainda está arrumando a sala.

Continua a conversa:

— Estamos satisfeitissimos com o público.

— E com a crítica.

Aventuro:

— Então, tudo corre bem.

Os membros do quarteto Iacovino olham um para o outro e desatam a rir.

— Tudo corre bem? Puxa!

Parisot tem a mania de dizer: Puxa!

— Dr. Rezende, Antenor de Rezende, tem feito muito para a Sociedade. Mas as dificuldades são muitas...

Entretanto, as vitórias animam. Desde a fundação até hoje o quarteto tem aumentado o número de sócios de concerto para concerto. Os membros do Quarteto trabaham todos fora, porque as suas atividades ali não podem ser sua única fonte de renda. Isso os impede de viajar livremente. Mas o interesse cada vez maior pela música de câmera os conforta.

— O público que, primeiro, só suportava a ópera, passou, depois, a gostar de música cinfônica. Hoje, já a música de câmera tem aceitação.

Acontece, porém, que um dos maiores obstáculos contra o qual o Quarteto tem que lutar é que essa evolução do público se faz pela linha Donizetti, Tchaikoviski, Borodine, compositores dos mais populares nos três gêneros, enquanto que eles querem dar Bach, Mozart, Haydn, modernos.

A esquerda — Piñero estudou em Roma. É o "Zangado". A direita — Aldo Parisot, o "Santa Casa" das dores de cabeça periódicas e inexplicáveis.

VINTE ANOS DE CINEMA FALADO

Uma geração existe que não conheceu o cinema silencioso. Ela deve surpreender-se sabendo que por muito tempo os filmes não proporcionavam ao público mais que a sensação da imagem, vivendo apenas com os acompanhamentos da orquestra, quando não de um simples e nem sempre muito afinado piano. Até 1926, existia outro cinema, em tudo e por tudo diferente. Ele vivia em função puramente da imagem, os efeitos eram extraídos do recurso da mímica e não se pensava que algum dia essa técnica pudesse sofrer tão radicais transformações.

Exatamente porque não apresentava diálogos, os filmes desse tempo possuíam uma linguagem universa, a dos gestos. Faziam-se filmes cinematográficos obedecendo a outro princípio, considerando sempre que o público deveria compreender todas as situações apenas com o efeito visual. É certo que já então existiam as legendas, mas os diretores dos filmes de outrora, procuravam evitá-las tanto quanto possível. Desde que não existia o recurso do diálogo para justificar as situações, criavam-se símbolos fotográficos animados, poupavam-se as cênas em que os personagens ficavam falando, e havia talvez maior movimento. Sim, o cinema de hoje não é tanto do movimento...

Mas um dia começou a falar-se em cinema falado. Ninguém comprendia como se pudesse dor o dom da palavra aos filmes, embora algumas centenas de homens estudassem a solução do problema. E afinal, essa solução foi encontrada: Primeiro fizeram-se experiências pelo processo "vitaphone", isto é, com o acompanhamento de discos de gravação. Os filmes eram silenciosos, porém, um dispositivo especial de maquinária fazia que eles fossem projetados sincronisadamente com a execução dos discos numa vitrola elétrica. E o primeiro som, o primeiro diálogo, apareceu então. Mas ainda o problema não estava inteiramente resolvido, porque os discos eram dispendiosos, o transporte de cada lote de discos acarretava um volume enorme, muito maior, às vezes, que o próprio filme. O diálogo de uma película de dez ou doze partes — e o filme assim não abrange mais que dez ou doze lata "de goiabada" — exigia dezenas e dezenas de discos, muito fáceis de quebrar. Quando sucedia um desastre com eles, ficava prejudicada a dialogação do espetáculo. Eram, assim, dificuldades imperiosas, que não poderiam subsistir. E acrescia outro obstáculo: Não raro, a sincronização do som (do disco) com a imagem projetada na tela, era mal feita. E andava um adiante o outro atrás...

Preparou-se então o "movietone", que consistiu na impressão do diálogo e da música na própria película. Assim, acabou-se com os discos e seus respectivos equipamentos, não havendo mais o risco da falta de sincronização entre o som e a imagem.

★

Os primeiros filmes falados foram recebidos no Brasil, como em todos os países, num ambiente de curiosidade extraordinária. Hoje não se pode mais acreditar que o público ficasse tão espantado assim, mas realmente ficou. O primeiro filme "falado", exibido no Rio, por muitos chegou a ser considerado um milagre... E os cinemas viram-se na obrigação de alterar seus equipamentos técnicos. No interior, a curiosidade era ainda maior. Os filmes cinematográficos passaram a render muito mais, o público não pode continuar admitindo filmes silenciosos, embora muitos puristas do cinema se conservassem renitentemente fiéis ao silencioso. Convencionou-se que o cinema falado não possuía arte, que o diálogo "matava" o efeito artístico, mas assim mesmo o cinema falado venceu.

Não se deve extranhar esse apêgo dos saudosistas, então, pelo cinema silencioso, pois lá mesmo em Hollywood alguns artistas e produtores pensaram de igual modo. E por muito tempo Charles Chaplin teimou em fazer filmes mudos. Teimou mas acabou desistindo. Lá veio, enfim, o primeiro falado, e com a transigên-

Em cima, John Barrymore como apareceu em "Don Juan", o primeiro filme que utilizou o som mecânico, estreado no dia 6 de agosto de 1926, nos EE. UU. — Ao lado, John Barrymore e Montagu Love numa cena do mesmo filme, o primeiro e ruidoso sucesso no gênero, até hoje lembrado pelos "fans" mais antigos.

cia de Carlito, ninguém mais deixou de reconhecer que o "movietone" era definitivo...

Também os produtores cinematográficos do Brasil tiveram de aderir à novidade. Nosso cinema talvez progredisse mais si o americano não encontrasse essa novidade... Mas o cinema falado trouxe seus benefícios. Por exemplo: Fez criar no espírito das multidões, um desejo maior de aprender o idioma em que eram falados os filmes na sua maioria. E muita gente aprendeu inglês, sob a influência do cinema.

Vieram depois filmes falados em francês. E tantos outros resolveram aprender o idioma de Racine, para não fazer feio, ao assistir um filme procedente da França...

Sempre que o cinema de outras terras ameaça de modo imperativo a indústria do filme norte-americana, esta reage. O cinema falado talvez não existisse se os franceses, e os cinematografistas de outros países, não começassem a intensificar seus trabalhos de produção. Mais tarde, quando a cinematografia de outras terras também começou a filmar com regularidade em "movietone", Hollywood lançou o tecnicolor, e com isso deu novo golpe muito sério na concorrência.

Hoje o tecnicolor começa a aparecer em películas que não sejam norte-americanas. Mas já se fala na televisão... Para cada reação da concorrência, a indústria do filme "yankee", num direito que lhe assiste, avança mais um pouco. E vai fazendo suas inovações...

★

Os vinte anos do cinema falado valem por uma vitória decisiva da chamada sétima arte. A geração de vinte e poucos anos, quando assiste, hoje, à reminiscência de algum filme silencioso, cai em gargalhada. Uma "reprise" de "Ben-Hur", feita recentemente no Rio, despertou interesse só pelo efeito cômico, e no entanto, há vinte anos, "Ben-Hur" arrebatava as multidões do mundo inteiro.

(Continua na pág. 55).

Al Jolson foi "O Cantor do Jazz". Esse, por sua vez, veio a ser o primeiro filme cantado, feito pela Warner e então considerado um verdadeiro fenômeno... A vida de Al Jolson foi recentemente filmada em Hollywood, e nela esse episódio deve ter sido recordado. Em baixo, George Arliss, Joan Bennett e outro artista em "Disraeli", premiado pela Academia de Hollywood e até hoje considerado uma obra-prima.

O SENADOR DO IMPERIO EUZEBIO DE QUEIROZ PROMOTOR DAS PALESTRAS NO COLEGIO DE PEDRO SEGUNDO

CONFERENCIA e palestra parentas próximas, uma espécie de primas-irmãs na familia da loquacidade.

Discursa-se na conferência, em público, sobre assuntos cientificos ou literários, o discursador um só diantede muitos, poucos ou quasi nenhuns. Tudo depende da qualidade do orador ou do tema versado. No conferencista deve haver béla ou agradavel presença física, gigantes ou anões na tribuna caso de hilaridade contida ou franca. Os auditórios sentenciam a seu modo.

Discursa-se na palestra, no meio de poucos, em carater quasi intimo, os palestradores constituindo mutuo auditório ao debaterem questões cientificas ou literárias. Na conferência o silencio é de vigor auditório, é devagar, nas palestras não, embora na conferência ouvintes possam sentir incoercivel propensão até ao sono, favorecido pelo tédio ao locutor máu orador ou o assunto nada atraente.

No Rio de Janeiro a palestra é mais moça que a conferência. Agassiz apresentou conferências aos cariocas ao realizar, em 1865, duas séries de exposições cientificas no Externato do *Imperial Colégio de Pedro Segundo*, educandário localizado no final da rua Larga de São Joaquim á boca do Campo de Santa Ana. Quem sabe Sebastianopólis, conhece os nomes modernos daqueles dois logradouros. Não vale apenas citá-los.

Geologo, naturalista, partidário de Cuvier, o genial vivente das primeiras revoluções do Globo, Luís Agassiz nas suas conferências desenvolveu temas especiais diante de público a principio inteiramente masculino, á testa do qual, testa coroada, a de D. Pedro II, sentado na primeira fila, sem distinção nenhuma, ouvinte como outro qualquer.

Quando as exposições de Agassiz tiveram de continuo a presença do Imperador, rompeu-se barreira. Senhoras acudiram às conferências em francês do cientista suiço, norte-americano naturalizado.

Ausentando-se do Brasil, ao qual viera sem fitos de lucros, Agassiz legar-nos-ia livro no qual diria o que entre brasileiros vira, ouvira e sentira.

Apartado de nós, para sempre, Agassiz manteve correspondência com amizades deixadas no Brasil, chegando a escrever cartas em português, naturalmente redigindo á alienígena, com direito a liberdades linguisticas.

Não se limitou Agassiz a ficar no Rio de Janeiro, foi ao Norte, deslumbrou-se no Amazonas Tornando dele ainda realizou no *Externato do Pedro Segundo*, segunda série de conferências de tanto êxito quanto a primeira, toda a série gratuita.

Mais tarde conheceu o Rio de Janeiro outra série de conferências, mas de gênero estético, e portanto para todos os gostos.

Promoveu-as o conselheiro Manuel Francisco Correia colega de Rio Branco, no sobresaído ministério decretador da lei do Ventre-Livre, tutelar do berço escravo.

Correia foi sempre um apóstolo da instrução pública, sobretudo da popular, pregador de ideias, realizador de muitas, fundador de instituições uteis. O nome do senador Correia, senador em 1877, pelo nativo Paraná, merecia gratidão nacional, premio dos bons.

Promoveu o senador Correia uma série de conferências culturais inauguradas a 25 de Novembro de 1873 na Escola Pública da Freguesia da Glória, no largo do Machado.

Receberia a escola, na República, outro nome, felizmente o de José de Alencar, embora a escolas primarias só devessem caber denominações que entendessem quasi sempre com a pedagogia nacional ou por excessão estrangeira. Compreende-se uma Escola Pestalozzi.

Finda a guerra do Paraguai, abriu-se subscrições para estatua a D. Pedro II. Agradecendo, o Imperador almejou saber o dinheiro das subscrições aplicado na construção de escolas de primeiras letras. Gesto atendido resultou o edificio monumental do largo do Machado, na sua fronteira, em letras bem grandes, esta inscrição — AO POVO O GOVERNO.

ESCRAGNOLLE DORIA

As Conferências gratuitas promovidas pelo Senador Correia ficaram sendo as Conferências da Glória Contaram com a presença assidua do Imperador, merecendo sempre bastante público, dando tribuna a muitos oradores, alguns consagrados pela oratoria parlamentar. Em falta pouco frequente de conferencista, o senador Correia preenchia a vaga, ele o primeiro orador das conferências que bem podiam ter-lhe o nome.

Chamaram-as Conferência da Glória, por alguns metidos à bolha. Mas pelo amor da Verdade, o que é que no Rio de Janeiro escapa á pilheria, ao trocadilho? Em França, dizia Mazarino, tudo acaba em canções, no Rio por modinhas muita coisa principia.

As conferências da Glória terminaram com a Republica, tiveram reconhecida utilidade, provada pela constancia dos frequentadores.

Entre as conferências de Agasaiz e as da Glória iniciou-se uma série de Palestras de público restrito e convidado.

Delas deu noticia João Cardoso de Menezes e Souza, barão de Paranapiacaba, poeta de valia, prosador de vernaculidade muito de prezar.

Fatigado de lutas politicas, provocando sempre um rosário de queixas, Euzébio de Queiroz mostrou desejo de tomar férias no campo das letras.

Amigo de José Feliciano de Castilho, o escritor português domiciliado no Rio de Janeiro, pediu-lhe Euzébio a formação de grupo de poetas e prosadores em companhia dos quais pudesse ele, Euzebio, passar duas noites por semana.

Castilho tratou logo de satisfazer o pedido amistoso. Convidou, em breve reunindo literários. Obteve-lhe séde, justamente a das conferências Agassiz, no Externato do Colegio Pedro Segundo, a casa escolhida reiterada pelo Dr. Manuel Pacheco da Silva.

Das palestras do Externato participou D Pedro II, sempre à busca de convivio de poetas, escritores e artistas. Da aproximação com o Soberano esquivaram-se alguns pelo receio, assás pueril, de parecerem aulicos, entretanto tão fácil ao homem de carater ser quem é diante de quem quer que seja.

Nas palestras do Externato, Palestras Imperiais, segundo uns tantos, julgando com isto fazer mussa ao Imperador, talvês com bem vontade de associar-se às reuniões devidas a Euzebio. Quão humano desdem das uvas verdes da raposa nas fabula de La Fontaine, o profundo filosofo simplonio.

Nas palestras do Externato, Cardoso de Menezes apresentou tradução sua de *Jocelyn de Lamartine*. Em certas noites não conseguia o poeta ler três páginas do manuscrito, tantas as observações do auditório, entre elas a do Imperador. Conforme Cardoso de Meneses, era. D. Pedro II dotado de muito senso crítico e possuidor a fundo das linguas francêsa e portuguêsa.

O poeta, com inteira liberdade e grata independencia, ora aceitava, ora recusava as criticas de todos, inclusive a do Imperador.

Conservou o criticado algumas das críticas relativas á tradução do *Jocelyn*.

Do Dr. De Simoni regeitou correção, lembrando que o médico ao traduzir o libretoi do *Trovador*, verdiano, urgido pela rima, traduzira *Zingarella* por *Ciganella*. Não pare de pecador maior a tradução. Na zingara está a cigana.

Em certo passo da leitura de *Jocelyn*, observou Otaviano a Cardoso de Menezes.

— Há muita repetição da palavra *ventre*, vulgar demais tal palavra. Substitua-a por seio.

— Não posso, acudiu Cardoso de Meneses, tomando a observação de Otaviano por gracejo. O trecho lido contem já muitos *seio*, embora a palavra seja própria para designar o sitro natal.

Continuou Cardoso de Menezes defesa da palavra *ventre* na sua tradução, observando que uma das muito repetidas orações da Igreja, a Ave-Maria, emprega esta expressão: Bendito é o fruto do vosso ventre.

Acrescentou Cardoso de Meneses terá para flor de labios lindissimos versos, estes

...Antes eu fosse,
Como se nunca fora, trasladado
Do ventre á sepultura

— Tais versos, declarou Cardoso de Menezes, são do *"Livro de Job"* traduzido por um poeta chamado Francisco Otaviano de Almeida Rosa.

Riu-se todo o auditório, riu-se Otaviano.

Noutra palestra leu Cardoso de Meneses tradução sua da *Aulularia* de Plauto e chegado a esta frase da versão — A minha alma ali se a tem — um ouvinte rompeu silêncio dizendo: — Tire do verso esta *Alice*.

Generoso, Cardoso de Meneses calou o nome do alvoroçado critico, lembrado este que o poeta lhe castigara *ad unguam* certa versão latina. Elas por elas, seguindo-se dialogo.

No verso criticado não ha dissonancia alguma, nem siquer cacofato. Ha que convir, *Alice* é nome suave. (ironia ou alusão?).

Nada. E' um equivoco. Fóra. "Alí minha alma se a tem". Fica mais elegante, evita-se o artigo *a*.

— Obrigado por me haver creado situação semelhante á de Malherbe, que à ignorância de um compositor deveu ficar mais bonito um de seus versos.

Carlos de Laet participava das palestras do Externato. Pela confiança sobre estima que sempre nos dispensou,, peza-nos não lhe ter provocado controversias acerca das reuniões. Seriam ótimas entre duas baforadas de querido charuto.

Nos últimos dias do Imperio, e do Imperador, as Palestras do Externato fôram transferidas para o Palacete do Itamaratí, residencia temporaria do Soberano na Tijuca.

Então D. Pedro II dava ordens para que, em dias, na rapa da serra da Tijuca atravessem carros ao dispôr dos frequentadores das palestras, quantos carros fossem precisos para ida e volta dos convidados.

Tais convidados chegavam ao palacete, situado pouco abaixo do largo da Bôa Vista, quando primeiras sombras da tarde anunciavam as da noite, e as sombras vesperais nas montanhas têm algo de augustas.

De ordinário as palestras da Tijuca findavam às dez da noite.

Despediam-se os convidados do Imperador, trepavam os carros estacionados á porta do palacete do Itamaratí. Os veículos da empreza de carruagens Plácido Peres, rodavam para a cidade, então de bastante vida noturna, sobretudo pela vida e número de teatros.

As Palestras do Externato e da Tijuca por muito tempo reuniram sem cerimonia homens de letras peritos na arte de escrever verso ou prósa, dotados de índole diferentes às vezes opostas. Para exemplificar, aquí estão dois nomes registrados por Cardoso de Meneses, os nomes de Carlos de Laet e Raymundo Corrêa.

CONFERENCIAS E PALESTRAS

HISTÓRIA DE UM PÂNICO

Conto de E. M. FORSTER

A carreira de Eustáquio — se é que se lhe pode chamar carreira — data sem dúvida daquela tarde nos soutos de castanheiros acima de Ravello. Confesso, desde já, ser um homem chão e simples, sem pretenções algumas a literato. Gabo-me, no entanto, de poder contar uma história sem exageros e por conseguinte decidi-me a acrescentar um relato imparcial dos extraordinários acontecimentos de há oito anos atrás.

Ravello é um lugar delicioso, com um hotel encantador, no qual travamos conhecimento com algumas pessoas agradabilíssimas. Havia as duas Misses Robinsons, que ali estavam há seis semanas com o sobrinho, Eustáquio, que então orçava pelos quatorze anos. Mr. Sandbach, que desempenhara, no norte da Inglaterra, as funções de coadjutor eclesiástico, tendo-se visto obrigado a demitir-se devido à falta de saúde, e enquanto recuperava as forças em Ravello, tomara a seu cargo a educação de Eustáquio — então lamentàvelmente deficiente — e esforçava-se em o capacitar para a admissão em uma das nossas grandes escolas secundárias. Havia também um Mr. Leyland, artista em perspectivas e, finalmente, a nossa afável patroa, Signora Scafetti e Emmanuele o simpático garçon que sabia falar inglês, embora na época a que me refiro ele estivesse ausente, em visita ao pai enfermo.

Constituíamos, eu, minha mulher e minhas duas filhas, uma adição — ouso conjeturá-lo — não de todo desagradável, a esse círculo. Mas embora estimasse bastante a maior parte dos nossos companheiros, havia dois que eu não podia tragar: o artista isto é, Leyland, e o tal sobrinho das Robinsons, o Eustáquio.

Leyland era intragável de vaidade, mas como essa característica será amplamente ilustrada no curso de minha narrativa, não necessito alargar-me no assunto. Eustáquio, no entanto, levava-lhe a palma e era-me indescritivelmente repulsivo.

Agradam-me os rapazes em geral, e sentia-me o mais inclinado possível a ser camarada. Eu e minhas filhas oferemo-nos para ir passear com ele — "Não, passear era muito cacete". Então convidei-o para um banho — "Não, não sabia nadar".

— Todo o rapaz inglês devia saber nadar — retorqui. — Eu lhe ensinarei.

— Veja, Eustáquio — interveio Miss Robinson — que boa oportunidade para você.

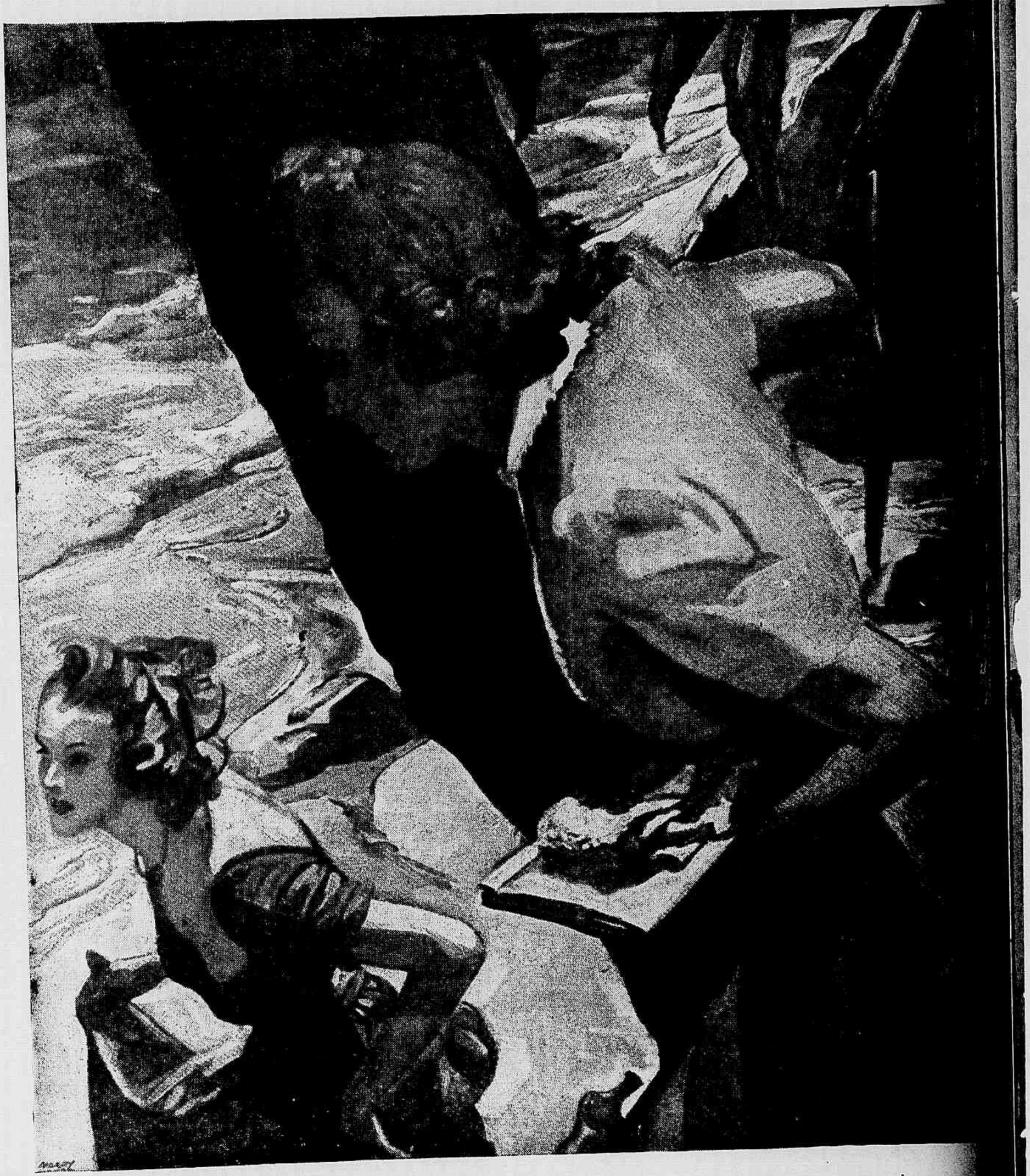
Mas ele respondeu que tinha medo da água! Medo — um rapaz! Está visto que não acrescentei palavra.

Não me teria aborrecido tanto se na verdade fosse um rapaz estudioso, mas ele não punha empenho nem no trabalho nem nos jogos. Suas ocupações prediletas consistiam em ficar no terraço, refestelado numa espreguiçadeira, ou em arrastar-se pela estrada afora, os ombros caídos, a dar chutes na poeira. Como era de esperar, tinha as feições pálidas, o peito retraído e músculos pouco desenvolvidos. As tias julgavam-no delicado de saúde; o que ele precisava era de disciplina.

Naquele dia memorável tinhamos combinado ir todos até ao bosque de castanheiros fazer um piquenique — todos, menos Janet, que ficara para terminar uma aquarela da Catedral — tentativa que temo não ter sido das mais felizes.

Demoro-me nestes pormenores que não vêm ao caso, porque não consigo separá-los no meu espírito da narrativa do dia; e o mesmo acontece com as nossas conversas durante o piquenique: tudo se me gravou no cérebro conjuntamente. Depois dumas duas horas de subida, deixámos os burros em que minha mulher e as Robinsons tinham vindo e continuamos todos a pé até ao tôpo do vale — Valiome Fontana Caroso, creio se chamava.

No decurso de minhas viagens, antes e depois, contemplei um sem número de belos panoramas, mas poucos houve que me agradassem tanto. O vale terminava numa vasta depressão em forma de taça, para a qual convergiam as ravinas das encostas a pique. O vale, as ravinas e



as nervuras de terreno que as dividiam, estavam cobertos de viçosos castanheiros, sendo a impressão geral a de uma grande mão de múltiplos dedos verdes, crispando-se convulsivamente para nos fechar na sua garra. Ao longe, na planície, avistava-se Ravello e o mar, e era esse o único sinal do mundo.

— Mas que lugar encantador! — disse minha filha Rosa. — Daria um quadro maravilhoso.

— Sim; — disse Mr. Sandbach — muitos dos mais famosos museus de Europa se orgulhariam de ostentar em suas galerias uma paisagem que tivesse um décimo desta beleza.

— Pelo contrário, — afirmou Leyland — daria um péssimo quadro. Na realidade nem sequer se a pode pintar.

— Mas como? — fez Rosa, mostrando-lhe muito mais deferência do que ele merecia.

— Em primeiro lugar — replicou êle — repare como essa linha de encontro ao céu é intoleràvelmente reta. Precisava ser cortada aqui e ali, e diferenciada. E, vista daqui, a perspectiva está toda errada. Além disso o colorido é monótono e primário.

— Não sei nada de quadros nem pretendo saber — disse eu, intervindo na conversa — mas sei reconhecer a beleza quando a vejo e o que aqui temos me satisfaz plenamente.

— E a quem não satisfaria! — Exclamou a mais velha das Robinsons e Mr. Sandbach opinou o mesmo.

— Ah, — disse Leyland — vocês todos confundem o lado artístico com ao lado fotográfico da natureza.

Como a pobre Rosa tinha trazido consigo o aparelho fotográfico, esta saída pareceu-me positivamente de mau gosto. Mas não queria dar ensejo a nenhuma cena desagradável; de modo que me voltei para minha mulher e para as Robinsons e ajudei-as a dispor o lanche, que por sinal não era grande coisa.

Eustáquio estava nessa manhã particularmente mal humorado. Como de costume, não tinha querido vir e as tias quase lhe tinham permitido ficar no hotel arreliando a Janet. Mas eu, com licença delas, falei-lhe com certa severidade sobre a necessidade de exercício; e o resultado foi ele ter vindo, mas se mostrar ainda mais taciturno e irritado que de costume.

A obediência não era o seu forte. Discutia invariàvelmente todas as ordens e só as executava resmungando. Por mim, se tivesse um filho, faria questão em que ele obedecesse pronta e alegremente.

— Já vou... tia... Mary — disse por fim e ficou cortando um pau para fazer um assobio, tendo cuidado de não chegar antes de termos terminado.

— Pois é — pilheriei — vossa senhoria chega no último momento para aproveitar do nosso trabalho.

Eustáquio suspirou: não podia suportar que fizessem troça dele. Miss Mary, mostrando bem pouco senso, insistiu em dar-lhe a asa do frango, apesar de todos os meus esforços para o impedir. Recordo-me que tive um momento de irritação ao pensar que em vez de estarmos gozando o sol e o ar dos bosques, estávamos todos discutindo o regime dum menino mimado.

Mas depois do almoço ele ficou menos em evidência. Retirou-se para junto do

(Continua na pág. 51)

OS TESOUROS DE ARTE E A GUERRA QUE PASSOU

De G. BERNARD WOOD

A proteção dos tesouros artísticos britânicos durante a guerra constue uma interessante história, que sómente agora começa a ser revelada, uma vez que se tornou desnecessário o segredo oficial. Que tão pouco se tenha perdido, uma cousa que nos orgulha justamente. Grande habilidade foi empregada nesse serviço, tendo construído casa-fortes e depósitos subterrâneos nos pontos mais remotos do país.

A história pode ser dividida de um modo feral em quatro fases. Alguns anos antes de 1939 os diretores e administradores das galerias de arte e museus nacionais se reuniram para combinar as salvaguarda de suas coleções no caso de providências a serem tomadas para a guerra. Algumas autoridades eclesiásticas, embora certas delas com algum atrazo, também fizeram seus próprios planos. Consequentemente, por ocasião da crise de Munich, alguns de nossos mais belos tesouros artísticos já estavam sendo enviados para pontos remotos do país. Doze meses depois, no momento mesmo em que Neville Chamberlain anunciava que nos encontravamos em guerra, numerosas obras de arte estavam viajando em caminhões e trens com destino secreto. A queda da França assinalou a fase final; com a ameaça de invasão, verificou-se que muitas obras de arte tinham sido transferidas para lugares vulneráveis. Era preciso evacuá-las para lugares mais seguros.

Ao iniciar a guerra, a Galeria Nacional tinha já dispersado 2.000 quadros, especialmente em casas de campo e nos centros provinciais, inclusive a Biblioteca Nacional de Gales, Aberystwyth, e o Pritchard Jones Hall, Universidade de Gales, Bangor. Em 1941, solicitou-se a cooperação do Tesouro para que fossem encontrados depósitos mais seguros, e, como foi anunciado por Sir Kenneth Clark, a Pedreira Manod, perto de Blaenau, Festiniog, no norte de Gales, considerada a mais profunda pedreira do mundo, foi convertida numa série de casa-forte. Dentro da pedreira foram cavadas câmaras de 300 pés de profundidade na montanha, onde o Ministério das Obras Públicas construiu cinco galerias para as obras de Ticiano, Rubens, El Greco, Miclelangelo, etc., e a série "The Rake's Progress" de Hogarth. O quadros foram conduzidos para a caverna numa pequena ferrovia construída especialmente. Para regular a temperatura e a humidade, foi instalado um aparelho de ar condicionado; foram instalados também sirenes de alarme e portas de aço.

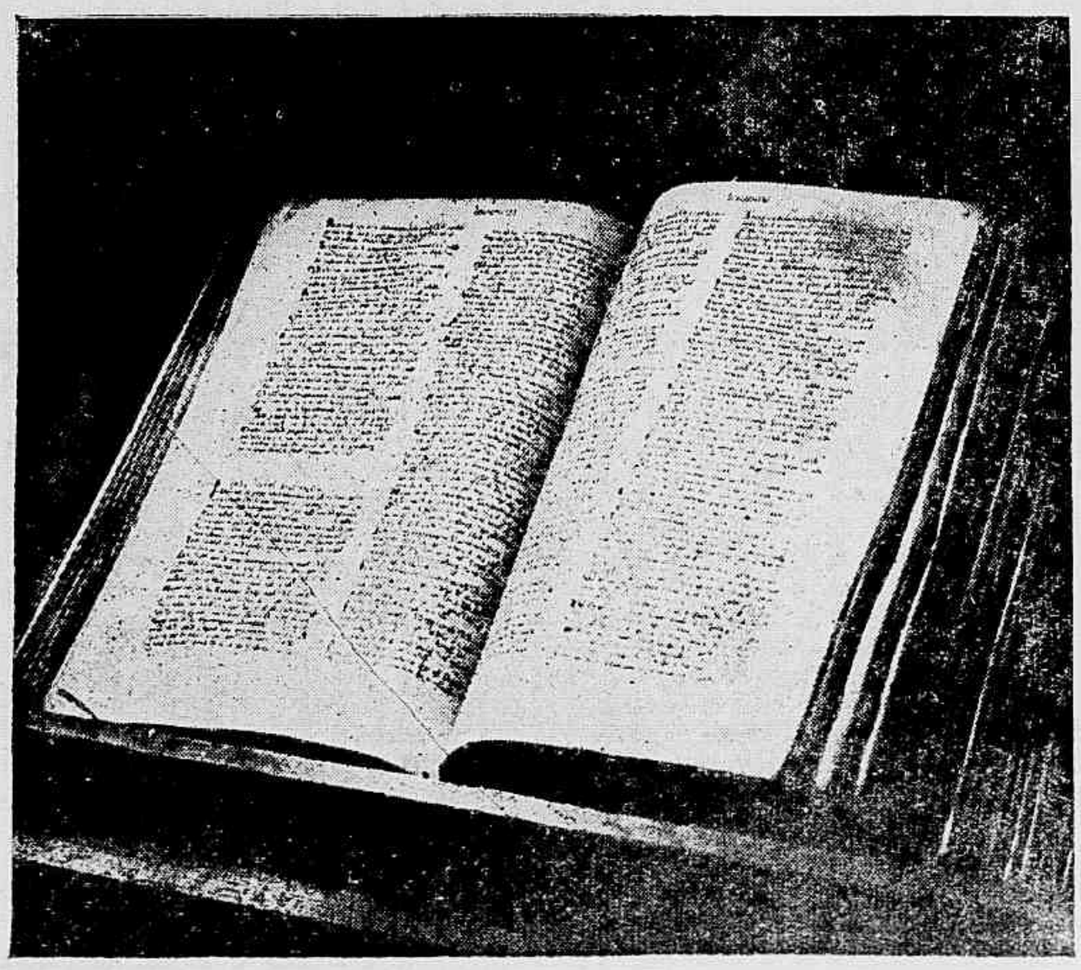
A Tate Gallery foi a princípio espalhada entre os três seguintes santuários — Muncaster Castle, Ravenglass, Cumberland; Hellens, Much Marcle, Herefordshire; e Eastington Hall, Worcestershire. Mais tarde, os quadros que se encontravam nesses dois últimos lugares foram transferidos para o Sudeley Castle, Gloucestershire, e para Stow-on-the-Wold, no mesmo condado. Todas essas casas continuaram ocupadas como de costume pelos seus proprietários e os quadros eram guardado dia e noite.

Alguma das telas maiores, como "Death of Major Pierson" de Copley e "Ressurreição" de Stanley Spencer foram deixadas na Galeria, ao passo que as principais esculturas foram relegadas para as caixas-fortes no porão. Houve outras obras de arte valiosas que nunca deixaram Londres, pois a Tate Gallery abrigou um certo número de quadros numa parte não usada do trem subterrâneo, que partilhava com o Museu de Londres, a Abadia de Westminster e a Royal Academy. A perda sofrida pela Tate Gallery foi apenas um quadro — "Destruction of the Children of Niobe".

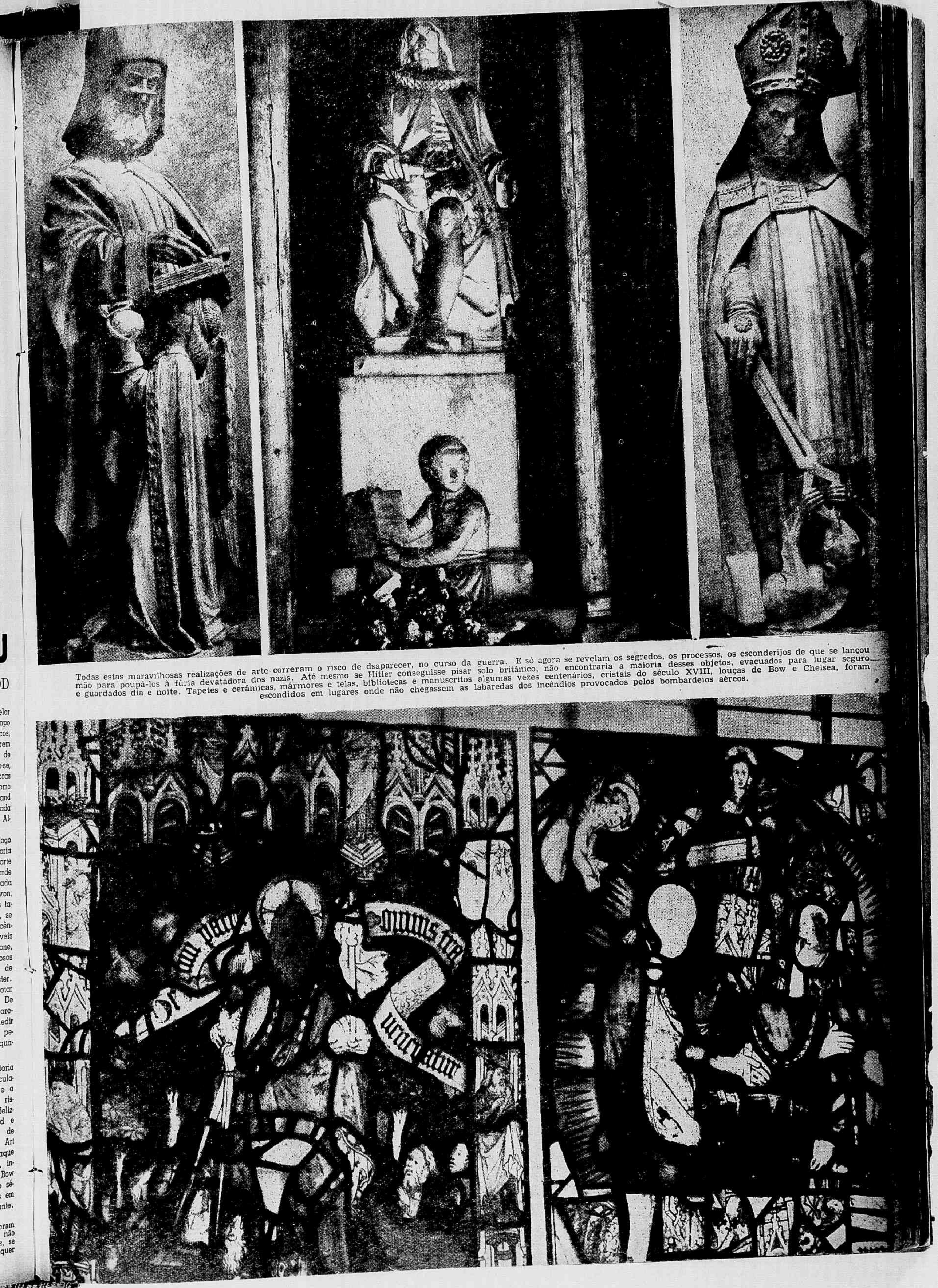
Ainda se passará algum tempo antes que o Museu Britânico possa revelar detalhadamente as aventuras de tempo de guerra de seus tesouros artísticos, pois muito deles, enquanto permanecerem as dificuldades de transportes, terão de continuar onde se encontram. Revela-se, no entanto, que algumas de suas obras de arte foram guardadas, bem como as valiosas porcelanas do Victoria and Albert Museum, noutra parte desusada no "subway" de Londres, a linha Aldwych.

A Montacute House, em Somerset, logo se tornou um dos repositórios do Victoria and Albert Museum, mas a maior parte de sua coleção foi colocada mais tarde num subterrâneo, na pedreira situada nas proximidades de Bradford-on-Avon, em Wiltshire. Ali foram guardadas as tapeçarias, tecidos e outros artigos que, se deixados em lugares passivos de incêndio, poderiam sofrer danos irreparáveis com a água. Na área de Bath Stone, portanto, conservamos tesouros famosos como o tapete Ardabil, os quadros de Constable, o candelabro de Gloucester. Também nesse caso foi preciso adotar medidas adicionais de precaução. De vez em quando era colocado um aparelho no interior da pedreira para medir o grau de humidade. Além disso, peritos examinavam regularmente os quadros.

Milhares de obras de arte do Victoria and Albert Museum estiveram em circulação pelos centros provinciais durante a guerra, e isto sem dúvida reduziu os riscos de ataques aéreos. Houve, infelizmente, duas excepções — Sheffield e Bristol. Uma coleção de prataria de Sheffield emprestada à Sheffield Art Scholl foi danificada durante um ataque aéreo; e uma coleção de cerâmica, inclusive especimes raros de louça de Bow e Chelsea, bem como de cristais do século 18, que tinham sido guardadas em Bristol, sofreram um destino semelhante.

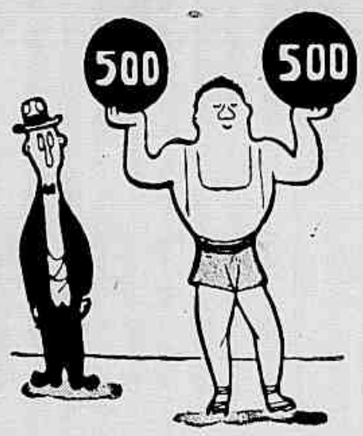


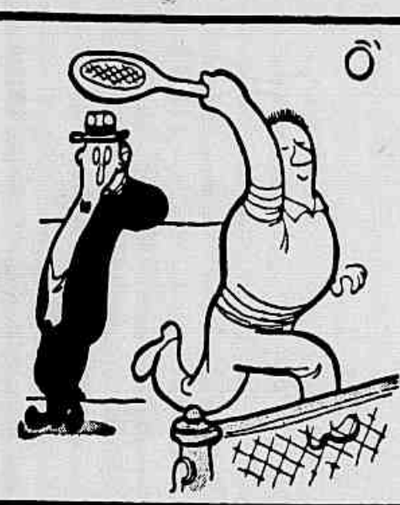
Livros preciosos, télas de valor inestimável, toda a sorte de objetos de arte, foram guardados em casa-fortes, subterrâneos e outros lugares invulneráveis, até onde não poderia chegar o resultado dos bombardeios. Que morressem os séres humanos, se outro não podia ser o destino de cada um deles, mas que se conservassem por qualquer preço, esses tesouros imortais...

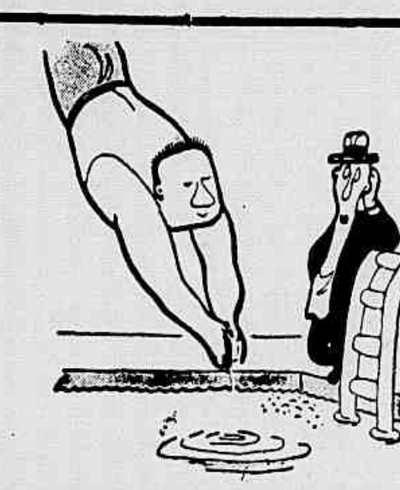


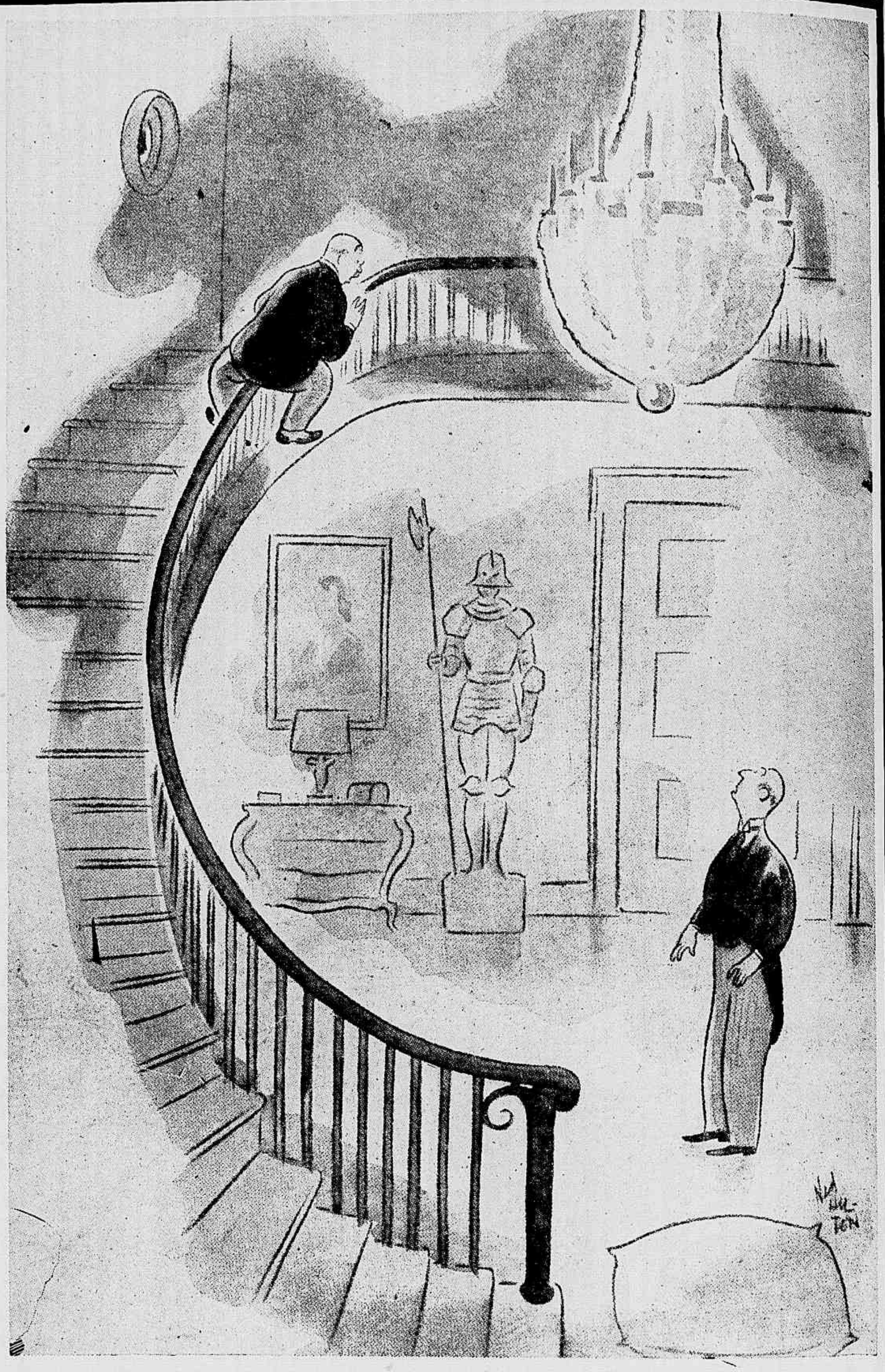
Todas estas maravilhosas realizações de arte correram o risco de dsaparecer, no curso da guerra. E só agora se revelam os segredos, os processos, os esconderijos de que se lançou mão para poupá-los à fúria devatadora dos nazis. Até mesmo se Hitler conseguisse pisar solo britânico, não encontraria a maioria desses objetos, evacuados para lugar seguro e guardados dia e noite. Tapetes e cerâmicas, mármores e telas, bibliotecas e manuscritos algumas vezes centenários, cristais do século XVIII, louças de Bow e Chelsea, foram escondidos em lugares onde não chegassem as labaredas dos incêndios provocados pelos bombardeios aéreos.

DE BOM HUMOR









— Ué... Pensei que você tinha saido, Francisco !

— Acho bom comprar, Martins ! Com alguns retoques vai ficar uma gracinha !

— É da Companhia de Seguros ? Depressa, ligue para a seção d Acidentes Pessoais !

Os sapatos

Conto de PAULO PINHO
Ilustração de Orlando Mattos
Classificado no concurso da "REVISTA DA SEMANA"

EU faço a barba todos os dias. Faço-a no entanto no barbeiro, o corpo largado na cadeira como coisa morta, os olhos meio fechados para melhor deixar passeiar o pensamento por imagens antigas e novas idéias.

Todos os dias entrego confiantemente ao mesmo técnico os pêlos que cresceram na véspera em região que não sei por que não nascem nas mulheres. E lá fica com meu pescoço à disposição, prendendo a cabeça por meio de toda aquela complicação formada por cutilares, vértebras, fibras de trapezio e outras coisas moles e duras.

Quinta-feira — uma quinta-feira igual a todas as outras — às 8 horas da manhã, qualquer sensação que não descrevo me fez entreabrir as pálpebras, como que atraindo. E vi então, cruzados um sobre o outro com certo cuidado, escondendo meias de fio "grenat" trançados em duas ou três tonalidades, dois sapatos, ou melhor, um par de sapatos, de um marron claro como ainda não vira, de desenho arabescado mas muito simples no seu ponteado, bico entre o arrendondado e o pontudo e sola fina. Pareciam ter vida e acabarem de ter nascido e traziam amarrados com certa simetria cordões de seda, num laço destes comuns.

Não me interessou o seu possuidor, até cujas bainhas da calça cinzenta levei o meu olhar.

Cruzados estavam, cruzados ficaram todo o tempo, só sacudidos às vezes por perceptível tremor — fruto talvez de uma raspadela mais atrevida do fígaro —; e só se descruzaram para sair, depois de um — "Good!" — soltado pelo dono, o que me trouxe à mente a incrível façanha detetivesca de determinar como anglo-americano o vizinho do lado. E lá se foram eles, os sapatos marrons originais, com seu pesponto e seu rincho de novo.

Sexta-feira às 8 lá estava eu, desta vez entrando de olhos baixos e rumo à minha habitual cadeira, tendo com certa angústia verificado a presença de grossos sapatões de sola espessa e sujos de barro a macular a imagem que a minha retina conservára exquisitamente por 24 horas. Sim, porque por mais absurdo que pareça, eu incluira na minha existência sentimental aqueles dois pedaços de couro curtido e trabalhado.

Intimamente dizia: — "Sai camarada! Vai embora logo! Deixe que venha quem deva vir"... E arriscava uma olhadela de espaço a espaço. A cadeira ao lado rincha: vai-se embora o ocupante; rincha outra vez misturando uma quantidade de barulhos diferentes de quem se acomoda. Com uma força de vontade que muito me custa, retenho os olhos grudados. Resolvo contar até 250 — número esquisito, mas esquisito era tudo o que sentia —: 248, 249... 250! Abro cautelosamente as pálpebras como quem faz coisa mal feita e com o interesse que o jogador de pocker "chora" a carta única que pediu. Lá estão eles. Discretos, limpos e ainda com o aspecto que têm os sapatos novos quando ainda não levaram graxa.

Desta vez vou saindo primeiro, muito embora tenha caprichado para demorar, apontando três ou quatro pontos em que atribuia a presença de pêlos; sou obrigado a sair deixando-os entrecruzados.

Sete barbas fiz, sete noites dormi, sete dias tive o olhar preso assim como a ansiedade, naquele par de sapatos. — Que bruto! disse um dia ao vêr na ponta esquerda arranhão linear de certa profundidade que a mim me parecia fizera-o sofrer. E não cicatrizaria mais; aquele estigma acompanharia o resto da existência como os encanecidos cabelos acompanham a velhice, como ao lutador de "catch" faz companhia o seu nariz quebrado. E nessas conjeturas terminava mais uma barba.

Controlei a primeira engraxadéla, em que a ferida clara se tornou linha escura pelo depósito do lubrificante; em que sua côr baça, mas pessoal, se transformou por períodos transitórios em reflexos artificiais. Assim como a mulher que é bela não se torna mais linda pela "maquillage" — pelo contrário —, assim também sofreram na aparência aqueles meus amigos.

Meus amigos, sim, pois que me ajudavam a passar um tempo sempre vazio e inútil como é o que se perde no barbeiro, e me auxiliavam a interessar-me por algo, distraindo-me o espírito no acompanhar a sua existência.

Oito mese sse passaram com ausencias pequenas, e após um intervalo maior

(Continua na pág. 55)

MODELOS DE BARBARA HALE

BARBARA HALE é uma pequena bonita e elegante que depois de se destacar em papéis insignificantes, conseguiu o título de "star"... (Aqui entre nós, que outro título merecia essa pequena tão "boazinha"?). Na RKO Radio, onde está presa por longo contrato, já estão em preparação, para a nova atriz, grandes histórias. Enquanto isso, ela se deixa fotografar exibindo sugestivas "toileties" para a satisfação das mulheres elegantes e dos pobres mortais do sexo oposto. Eis alguns dos seus últimos modelos: 1 — Encantador modelo para passeio em seda estampada verde e branco. Pala na cintura fingindo "duas-peças". Chapéu do mesmo tecido com véu branco. 2 — E agora, um elegante modelo, para a noite, em crepe pesado, preto. Gola alta, mangas curtas com recorte. Sobre o ombro esquerdo e no meio da saia, flores recortadas e aplicadas, brancas ou rosas. 3 — Para a praia este lindo "short", bastante sumário e executado em fustão branco.

Seis modelos num só

Uma aula prática de "como variar de chapéu, com um só modelo", é dado às nossas leitora por Marilyn Maxwell, artista da MGM. Com um chapéu básico, estilo bretão, em lebre preta, fita de "gros-grain" também preta, ela faz diversas variações tendo assim um chapéu para cada hora e, todos eles bastante elegantes.

Vejamos: à direita nas quatro ilustrações temos a figura nº 1 mostra-nos o chapéu básico, próprio para trajes esportivos. Marilyn usa-o tombado para o lado.

A figura número 2 mostra-nos o chapéu com um enfeite de pedras sobre fita de setim, já menos esportivo e próprio para um almoço na cidade. A figura número 3, mostra o mesmo chapéu já colocado no centro da cabeça; leva um enfeite de "gros-grain" preto e azul, formando grande laço: Esta "variação" presta-se para ir ao cinema ou fazer compras à tarde.

A figura número 4, mostra o chapéu básico com um enfeite de penas marron e beige. Pode ser usado também com traje mais esportivos, em viagens, etc. Ao alto na figura número 5, o chapéu básico é transformado num elegante modelo para "cooktail", acrescentando-se ao mesmo apenas um grande véu rendado. Finalmente, à esquerda, a figura número 6 exibe um chapéu "chiquíssimo" para a noite, enfeitado com plumas pretas.

Prático, econômico e elegante, não acham?

MODELOS PARA

1 — Gracioso conjunto composto de saia de linho verde escuro e blusa de "piqué" branco. Decote redondo e babado formando gola. Saia franzida. Enfeites na saia e na blusa de renda branca. Sugestão de Jane Harker.

2 — Angela Greene, apresenta um novo tipo de "short", feito em algodão escocez. Um babadinho franzido arremata o "short".

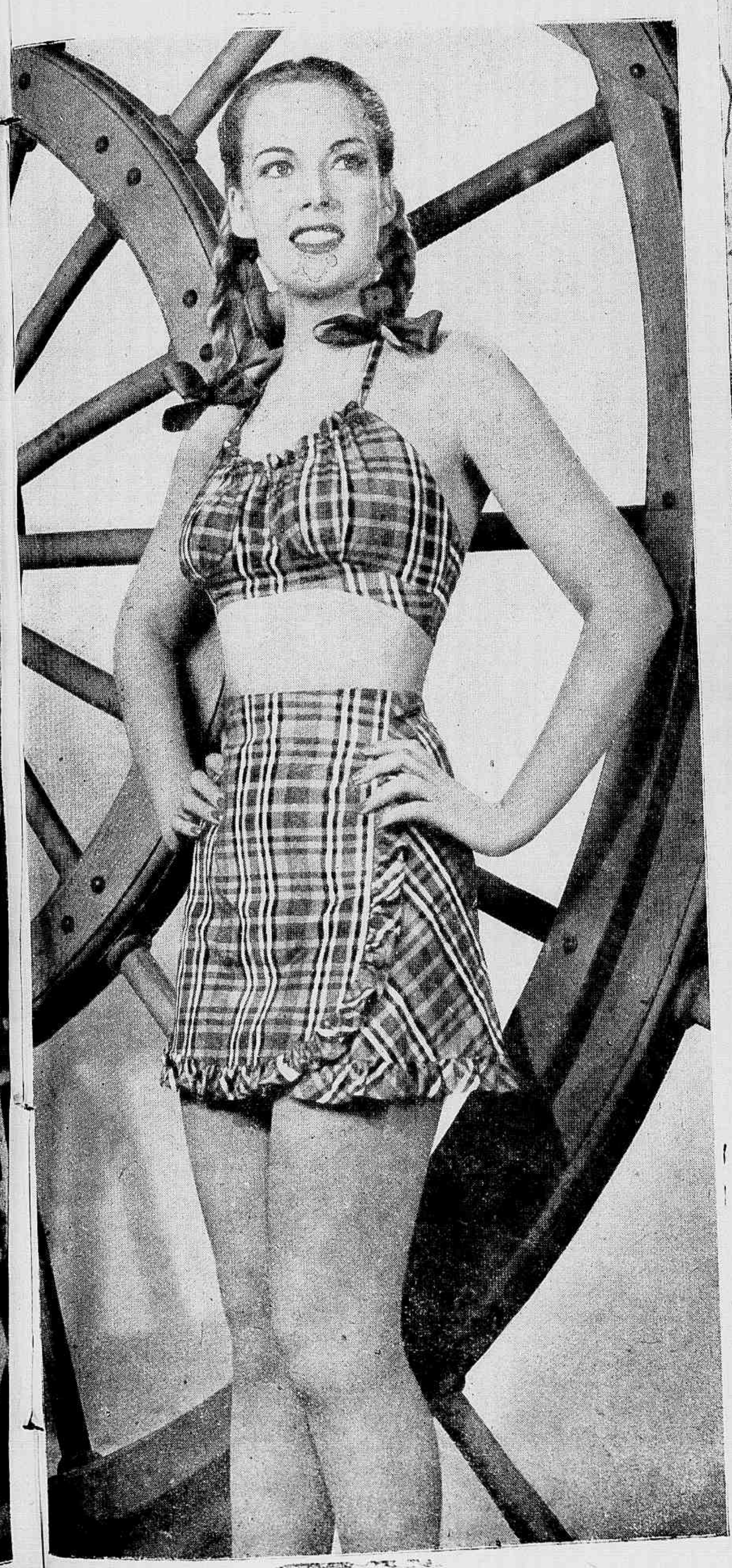
3 — A calça "toureiro" se firmará definitivamente na próxima temporada. Aqui temos uma sugestão de Jane Harker. Feita em tecido estampado de inspiração indiana, a calça

CAMPO E PRAIA

tem ainda a realçar o seu comprimento, duas tiras em sentido contrário. Boléro de jersey vermelho.

4 — Bem, não cremos que o traje seja mesmo indicado para algum concerto musical, mas que é interessante é... Sua portadora, Helen Pender (um verdadeiro "xuxúsinho"), apresentou-se assim e a recepção foi estupenda (e não era "pra" ser hein?...): O "short" é de algodão quadriculado verde e branco, o saiote bastante franzido, e todo ele enfeitado com bordado inglês.

(Fotos da Warner Bros.)



PLANEJE O SEU GUARDA ROUPA

O QUE VOCÊ DEVE FAZER, é seguir o exemplo da mulher francesa, consagrada universalmente pela sua extrema elegância :— Durante um mês ela se concentra inteiramente no assunto; a escolha do seu guarda-roupa para o ano inteiro, evitando assim as compras apressadas que nem sempre são boas.

Existem peças fundamentais que não devem faltar num guarda-roupa feminino. Com essas peças você pode alcançar uma grande variedade, acrescentando aos poucos diferentes acessórios.

Para orientá-las, dou aqui o guarda-roupa fundamental :

1 — "Tailleur" clássico, preto azulmarinho, marron ou cinza.

2 — "Tailleur" esportivo, marron, beige, verde ou em tons de vermelho.

3 — "Tailleur" de seda preta, azul-marinho ou marron.

4 — Um vestido "habillé" de tom unido.

5 — 2 vestidos de lã: um em côr viva como o vermelho, verde, azul, e outro beige, marron ou preto.

6 — Um "duas-peças" para verão em tecido leve escuro.

7 — Dois vestidos estampados: um esportivo, outro "habillé".

8 — Um casaco pesado que se preste tanto para passeios como para o trabalho.

9 — Um casaco leve.

No entanto, não quero dizer com isso que você deve possuir apenas estas peças. Estas são as necessárias para um guarda-roupa flexível. Aos poucos você poderá ir aumentando-o, acrescentando um ou outro acessório.

O fato de indicarmos um maior número de "duas-peças", é porque esses trajes se prestam a um sem número de variações. Por exemplo o "tailleur" que encabeça a lista poderá ser usado em qualquer hora do dia e em qualquer parte, bastando para isso mudar os acessórios. Com uma blusa "chemisier" ou com uma "sweater", fará um excelente conjunto para o escritório. Já com uma blusa de tafetá listrada ou uma de organza com rendas, e com um chapéu "alinhado", você obterá uma "toilette" impecável para sair à noite.

Também o segundo "tailleur" poderá fazer muitas vistas. Além de aproveitá-lo com blusas esportivas e "sweaters", jaqueta de malha de côr contrastante, poderá também usar a saia com uma formando assim um novo traje.

O "tailleur" de seda é ideal para sair nas noites quentes. Tudo o que é necessário é variar os acessórios. A saia de seda usada com um blusão de tafetá forma uma outra "toilette".

Além desse "tailleur", julgo necessário um vestido "habille" para ocasiões de maior cerimônia.

Quanto aos vestidos de lã e aos estampados, será conveniente fazer sempre um mais esportivo, outro mais "habillé".

O "duas-peças" leve para verão, tem diversas vantagens. Você estará sempre bem vestida e poderá realçá-lo com golas e blusas de "piqué", organza, rendas, etc., dando-lhe um tom mais primaveril. O azul marinho é a côr ideal para esse traje.

Finalmente temos os dois casacos. Um para os dias mais frios, outro para as noites mais frescas.

E agora, os meus últimos conselhos : não faça economias em "tailleurs". O sucesso de um "tailleur" reside na confecção e no tecido. Além disso um "tailleur" pode ser usado durante quatro ou cinco anos seguidos, sem perder a sua linha, quando, naturalmente, foi feito a capricho. Já nos vestidos, não convém gastar muito, pois duram no máximo duas estações.

Procure acrescentar anualmente ao seu guarda-roupa um bom "tailleur" e algumas blusas, e estará sempre bem vestida.

Escolha também uma côr básica e compre os acessórios levando sempre em conta essa côr. Por exemplo : si escolher o marron, compre acessórios beige, coral, verde, amarelo e azul, variando sempre o mais possível. Não se guie pela rotina. Faça de vez em quando experiências extravagantes : um chapéu de abas largas com o "tailleur" clássico: um grande laçaréte no seu vestido preto, etc. Muitas vezes obtêm-se daí efeitos inesperados.

Depois de tudo isso, olhe-se no espelho antes de sair e, diga francamente, não se sente orgulhosa ?

KITTY

★

(ELEANOR PARKER, DA W. B.)

A "REVISTA" EM HOLLYWOOD

"A Dalia Azul" (The Blue Dahlia) é um intenso drama de crime e mistério, escrito especialmente para manter o público em suspenso desde o princípio até o fim. Esta é a última obra de Raymond Chandler e uma das de maior sucesso alcançado recentemente tendo alcançado uma venda fora do comum. Os papéis que desempenham Alan Ladd, Verônica Lake e William Bendix foram escritos especialmente para eles e de acordo com as respectivas personalidades.

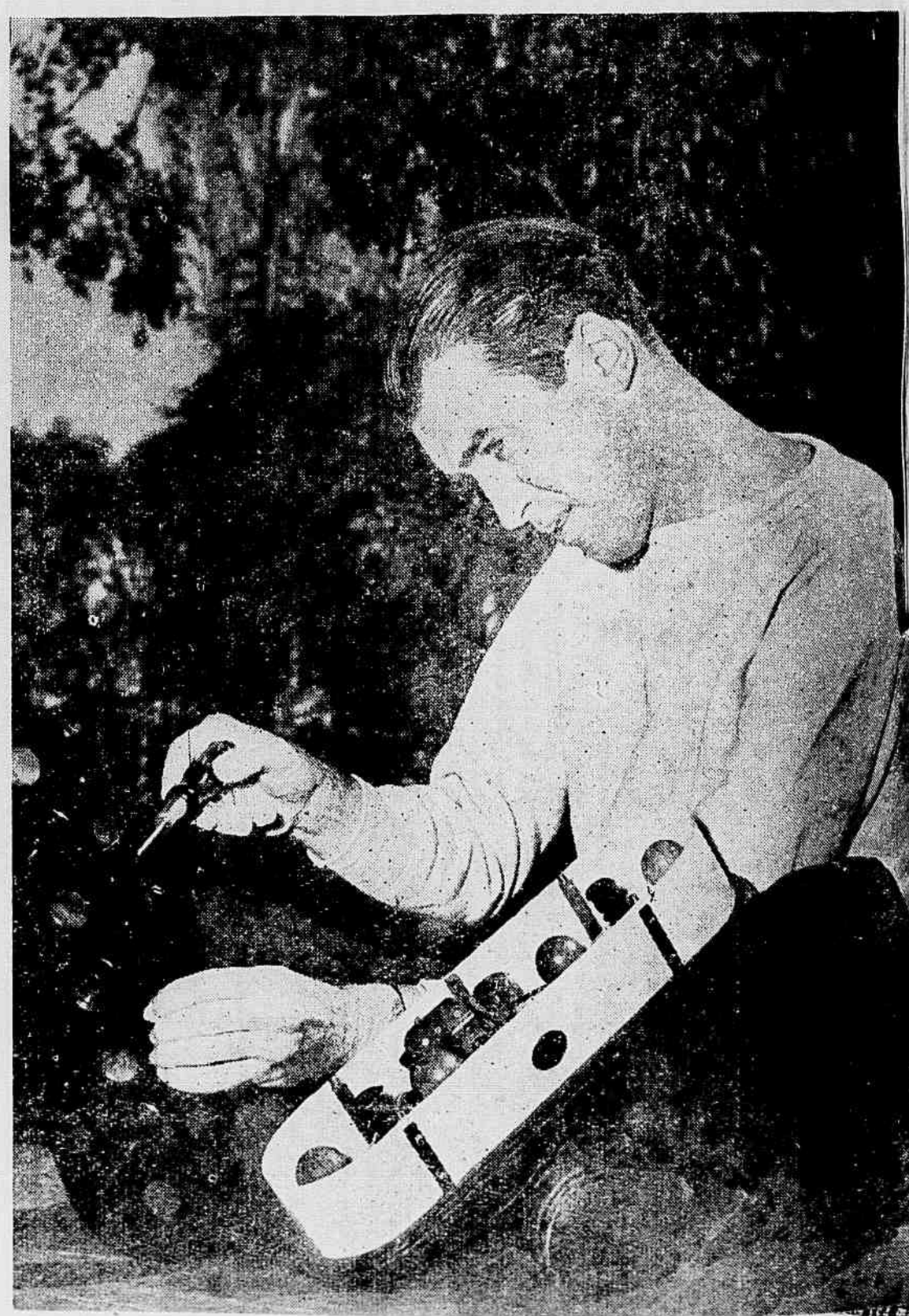
O enredo gira em torno do assassinio de Doris Dowling, esposa infiel de Ladd, crime cometido por uma ou várias pessoas, cuja identidade não é revelada até à cena final. Alan Ladd acaba de regressar da guerra juntamente com William Bendix e Hugh Beaumont e ao chegar a seu lar encontra sua esposa tomada de amores por outro homem, papel interpretado por Howard da Silva, proprietário de um cabaret. Ao inteirar-se de que a esposa tinha sido culpada da morte de seu próprio filho, por haver-se embriagado, exaspera-se e abandona-a.

Ladd, a sua maneira peculiar, encontra-se com Verônica Lake e diante de seus encantos enamora-se dela. Ela, também não é feliz em seu matrimônio e ambos, na mesma situação, vão-se aproximando cada vez mais um do outro, sem mesmo sentirem o grande amor que uniria os dois mais tarde.

Corriam a coisas sem maiores novidades, quando surge a notícia da morte violenta de sua esposa e de que a suspeita recai sobre ele. Esquecendo-se de Verônica, apresentou-se voluntàriamente para esclarecer sua situação e a de William Bendix, a quem a polícia julga também haver praticado o crime num de seus momentos de loucura passageira em consequência de lezão sofrida

Um "close-up" de Cary Grant e Ingrid Bergman (ao alto), e à direita, José Oliveira e Nestor Amaral com outros elementos da terra, tal como aparecem no "show" da "Rottiserie" de Hollywood. Como se sabe, José Oliveira é contratado por Walt Disney para falar pelo "Zé Carioca" nos seus desenhos animados.

Sim, ainda se fazem filmes de aventuras para as platéias mais exigentes ! Aqui está um grupo que toma parte em "Stallion Road", da Warner, vendo-se da esquerda para a direita, Frank Pugli, Nino Pepitone, Rod Redwing, Alexis Smith e Craig Stevens. — Em baixo, à esquerda, Shirley Temple e sua "stand-in" Mary Lou Isleib, quando se filmava "Honeymoon" para a RKO. — A direita, James Stewart que agora volta a filmar, depois de quatro anos e meio de intervalo a serviço da guerra. Ele aparecera em "It's A Wonderful Life", de Frank Capra para a RKO. Parece que a serviço da guerra, Jimmy aprendeu mecânica, e agora resolveu desmanchar um aparelho qualquer, do qual sobrarão inúmeras peças...



durante a guerra. Este se encontra com Da Silva, Ladd se defende a socos e lança mão de tudo quanto está ao seu alcance numa luta titânica para desvencilhar-se de seus inimigos, tudo isso constituindo uma cena de lutas e golpes e destroços sem conta, até que se produz uma série de incidentes que levam ao descobrimento do verdadeiro assassino.

Todos três artistas desempenham magníficamente seus papéis. Ladd, interpreta com perfeição um papel que foi escrito para ele mesmo. Miss Lake, linda e insinuante como sempre, está prestes a cair nos braços de Ladd. No papel de veterano da guerra, atacado de enfermidade mental, William Bendix, segundo dizem, nos apresenta uma estupenda interpretação.

Este excelente conjunto de artistas dá oportunidade a uma grande competição de valores. Também integram o conjunto desempenhando ótimos papéis Howard da Silva, Doris Dowling e Frank Faylen.

Da Silva, no papel de proprietário de um cabaret e jogador de alto bordo, é o melhor tipo para esta especial descrição do autor. Miss Dowling, também merece estranha qualificação de "o cadáver melhor vestido" pois ostenta um pijama para cocktail, muito bonito, feito de tecido lamé dourado. Frank Faylen também está notável no papel que lhe foi distribuido.

Chandler, é autor de "Farewell My Lovely" obra que foi cinematografada com o título "Murder My Sweet", é um homem que se dedica exclusivamente em descrever certos tipos característicos e situações idênticas.

Entre todas as obras de mistério e crime deste escritor há sempre uma faceta original que distancia seus livros das vulgares novelas de mistério e crime. Ele não cria em seus livros personagens que estamos acostumados a ver no cinema tais como o astuto detetive e seu ajudante, o mordomo imperturbável, o sargento de polícia rude ou uma mulher ciumenta o utipos dessa espécie.

O estúdio, em troca, pediu a Chandler, que escrevesse um livro que tratasse de um crime misterioso em que pudessem atuar Ladd, Miss Lak e Bendix. Pela primeira vez em 12 anos de sua carreira de escritor, Chandler, traçou seus personagens sob uma visão definida em sua mente. O resultado, foi a produção de uma das obras mais misteriosas que até hoje se tem visto desde há muitos anos.

George Marshall, é o diretor e John Houseman o produtor deste formidável e bem feito melodrama.

Uma pintora de Hollywood virá ao Brasil proximamente, colher aspectos folcloricos brasileiros. Parece que ainda em setembro aqui chegará miss Margarida Robin Patterson, cuja fotografia damos acima. — Em baixo, Bette Davis discute com o diretor Irving Rapper e o autor dos diálogos Jack Daniels, uma passagem de "Deception", que ela filmou para a Warner, em companhia de Paul Henrid e Claude Rains. Reparem na atitude decisiva da "estrela", num gesto de quem não está disposta a levar desaforos para casa. E faz muitíssimo bem! Com ela ninguém leva a melhor...

Aspecto do almoço oferecido recentemente, pela Associação Brasileira de Imprensa, aos membros da Missão Cultural Uruguaia e ao embaixador do Uruguai no Brasil.

Transcorrerá a 11 do corrente a data natalícia do Sr. Morvan Dias de Figueiredo, vulto do mundo social de São Paulo, e prestigiosa figura do parque industrial da grande cidade.

FIGURAS E FATOS

No restaurante da A. B. I. realizou-se um almoço oferecido pelo Touring Clube do Brasil aos engenheiros Renato de Azevedo Feio, Diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil, e Arthur Pereira de Castilho, Diretor do Departamento Nacional de Estradas de Ferro. Ofereceu o ágape o major Berilo Neves, 1º Vice-Presidente daquela instituição. Usaram, ainda, da palavra, os srs. dr. Edmundo Miranda Jordão, saudando a Imprensa; dr. Herbert Moses, agradecendo em nome dos jornalistas; os drs. Renato de Azevedo Feio e Arthur Pereira de Castilho, agradecendo a homenagem, e dr. Juvenal Murtinho Nobre, presidente do T. C. B., no brinde de honra ao sr. Presidente da República.

À esquerda, José Canosa Miguez, filho de Jesus Canosa e d. Amparo Miguez, no dia do seu 3º aniversário transcorrido a 24 de julho. — Ao centro, os meninos Wilma e Júlio César, filhos de d. Maria Aparecida Monteiro de Barros e do dr. Wilson Monteiro de Barros. — À direita, a menina Ligia Maria Magaldi, no dia do seu primeiro aniversário natalício, transcorrido a 7 de junho último.

Livros NOVOS

Por JOÃO LUSO

TEMPO PERDIDO, versos de Osorio Dutra — Pongetti Editores — *Rio de Janeiro, 1946.*

E' a terceira obra que o Sr. Osório Dutra nos dá êste an . E já, prontas para o prelo, nos anuncia mais seis. Mas de certo nenhum amante da boa poesia se queixará dessa exuber ncia criadora.

Os versos que dele nos deram a primeira revelação no livro *Paiz dos deuses* (1921) e enchem hoje quinze volumes, cada vez se teem tornado mais belos e eloquentes. Passaram, a bem dizer, por todos os gêneros e todas as formas da arte de poetar. O crítico mais amigo de sistematizar hesitaria quanto à sua qualificação definitiva. Hesitaria e provavelmente acabaria desanimando. Este rimador de inspiração opulenta e técnica sempre esmerada não se filiou a escola alguma. Não tomou parte saliente ou de qualquer evidência nos movimentos que se destinam a revolucionar as letras, destruindo os velhos moldes — velhos porque são eternos — e estabelecendo os preceitos duma estética nova que, esta, sim, deverá triunfar e ficar para sempre. Não nos consta que o Sr. Osório Dutra adotasse, em qualquer tempo, para a sua obra uma dessas designações coletivas, às quais é forçoso prestar obediência para se não incorrer na excomunhão dum pontífice eleito por certo número de fanáticos — se é que arbitràriamente, se não sagrou a si próprio. Nunca Osório Dutra se arregimentou. Através dos seus livros e por mais que êstes se pudessem distinguir uns dos outros pela natureza emotiva ou o caráter da realização, conservou-se um poeta sózinho e livre, orientando-se naturalmente, conforme a escolha de uma fase do espírito ou de um impulso do sentimento. Assim os seus versos se nos poderiam, afigurar de impecável orientação clássica; puramente líricos; votados ao parnasianismo intransigente; de aspiração hugneana, córte banvillesco, feitio verlaineano — ou ainda, na mesma composição, nos fazerem pensar em tudo isso. Mas do ar espontâneo e da veemência sincera nos vinha, por fim, a idéia da sua originalidade. Em *tempo perdido*, como nos livros que a êsse precederam, se afirma o dom essencial do poeta e bem assim a "maneira" que, assumindo aspectos diversos de uma para outra série de produções ou até de uma para outra página, se conserva pura e nobremente sua. *Tempo perdido*... A justificação deste título forma o portico da obra. Desta vez desistiu o poeta do recurso da rima. Não deixou, porém, de procurar a música, e ditosamente a encontrou:

Quem sabe, ao certo, quando nos chegas?
Quem é que sabe como é que passas?
Chegas de manso, quase em surdina,
Passas ligeiro como um perfume...
Tempo perdido!

Tudo esquecemos quando nos abres
As portas de ouro dos teus castelos.
Ficamos horas, dias inteiros,
A olhar as cousas, sem fazer nada,
Tempo perdido!

Contando histórias que não se acabam,
Como é que sabes prender a gente!
Tudo que é vago, tudo que é flúido,
Transforma a vida num sonho lindo...
Tempo perdido!

. . . . . .

Seria injusto se eu não dissesse
Que tenho o culto dos teus encantos...
Dos tempos todos talvez que sejas
O melhor tempo que a gente passa,
Tempo perdido!

❁ ❁ ❁

CONTOS DE GLO'RIA, versos de Oliveira Ribeiro Neto — Livraria Martins Editora — *São Paulo, 1946.*

Ninguém, por êste título, vá julgar que o poeta cante a sua própria glória, para a tornar conhecida e cultuada por quantos ainda a não conheçam... A glória a que êle se refere, que verdadeiramente o inspira, é a alheia, a começar pela de Deus:

Canto a glória de Deus, cantando o amor e a vida
Canto a glória de Deus, nas manhãs cor-de-rosa,
quando ao longe inda brilha uma estrêla perdida,
envolta numa gase ingênua e vaporosa.

Louva depois, com amor exaltado e sempre a mesma fé religiosa, santos e heróis, como Joana d'Atarc; montanhas e panoramas augustos, como o Tatcolomi; instituições e monumentos, como a Faculdade de Direito de São Paulo. A sua alma generosa e ardente sobremaneira se rejubila com o sentido e a música dessas celebrações. Itorrentes de imagens lhe acodem, miríades de frazes se lhe oferecem, para significar a emoção de que se possuiu. E' uma alma sincera de crente, devota da beleza, adoradora da graça, tocada de sublimidade. E' bem uma alma de poeta.

Outras poesias nos falam de emoções mais familiares. Há uma série de quadros e de histórias, contemplados aqueles, ouvidas ou sentidas estas numa exursão pelas velhas cidades de Minas. E há um hino à terra paulista, sextilhas arrebatadas, apaixonadas, que fecham a primeira parte do volume.

A segunda parte, *O amor e a vida*, é toda íntima, sentimental. Vêem aí as meditações, os extases, as confidências, todas as coisas que andam no coração ou por êle passaram, mas deixando da sua longa ou curta presença, vestígios contra os quais a reflexão não prevalecerá nem o tempo nem as desilusões. E, se alguma coisa pudesse passar de todo, até ao completo alheiamento, nunca seria a saudade. Eis a página peregrina que se intitula *Simplesmente a saudade:*

A saudade do amor, que a gente sente,
nunca se sabe ao certo como vem.
— Uma lembrança súbita que a gente
cultiva, como a forma diferente
de ter aquilo que não mais se tem.

Uma palavra simples, um sorriso,
um menêio qualquer que a gente vê,
e o sentimento tímido e impreciso
vira saudade e mata o orgulho e o siso
sem que se saiba como nem por quê.

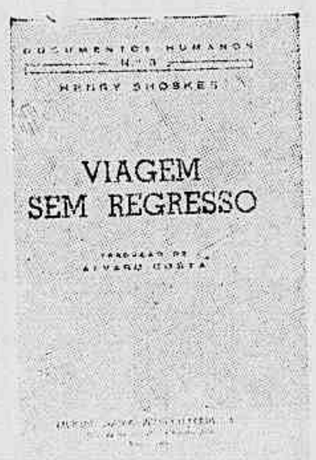
Foi a doçura desta tarde amiga,
Quase noite a lembrar o amanhã,
que me acordou esta saudade antiga
que se apossa de mim e que me intriga
num longo abraço tépido de lã?

Meus amores passados! Que ventura
poder lembrar o amor que se perdeu!
A lembrança que vive e que perdura
não se alimenta da matéria impura
mas da saudade que nos vem do céu.

❁ ❁ ❁

VIAGEM SEM REGRESSO, observações e narrativas sobre a guerra por Henry Shoskes, tradução de Alvaro Costa — Livraria Editora Zélio Valverde S. A. — *Rio de Janeiro, 1946.*

Mais um livro sobre a guerra... Sobem a milhares as obras inspiradas na conflagração a que o nazismo atirou o mundo. Poucos escritores, entre os que realmente avultam, exercem domínio nas letras de qualquer paiz, deixaram de lhe dedicar obra mais ou menos extensa; e alguns lhe consagraram vários volumes. Tão vultosa bagagem se divide principalmente em duas categorias: as obras de combate e as simplesmente de documentação. Uma destas ultimas vai a cinco ou seis tomos, com a indicação meticulosa, por assim dizer dia a dia, de todos os sucessos relacionados — quer pelos feitos de armas, quer pelas diligências da diplomacia, a política de cada paiz, o movimento social ou as aproximações e incompatibilidades dos povos — com a luta preparada, tornada inevitável pela Alemanha hitlerista e em que o hitlerismo seria finalmente vencido.



Mas, em verdade, o trabalho de Henry Shoskes se afasta de qualquer dos dois modelos tão copiosamente reproduzidos. Nem se limita à exposição mais ou menos minuciosa das ocorrências nem obedece ao intuito capital de condenar os responsáveis. Mantém-se dentro dum critério independente, pessoal e que, tanto quanto possível alcança a originalidade.

O primeiro capítulo dá-nos a visão movimentada, fremente, cheio de efeitos sugestivos, do ataque alemão á capital da Polônia. Há uma espécie de prólogo teatral no cenário duma sinagoga: "A primeira sinagoga, à qual acorria, em tempos normais, principalmente a gente humilde, pequenos comerciantes, artifices etra balhadores, achava-se repleta de fieis. Por cima do forte rugido do canhão podia perceber-se a voz do psalmista entoando: *No dia do Perdão determina-se quantos haverão de desaparecer e quantos haverão de nascer, quem deverá viver e quem morrer... Mas a penitência*, a oração e a caridade podem evitar o severo decreto". Partem daí, no estudo de Henry Shoskes, os pavores e o martírio das criaturas de Deus a quem os fanáticos da cruz swástica resolveram perseguir e atormentar até ao completo extermínio. As cenas não raro em diálogo, que se sucedem por estas trezentas e cinquenta páginas não constituem obra sobretudo de imaginação; não interpretam arbitráriamente os episódios fundamentais da guerra, ampliando-os ou em qualquer sentido os modificando, á mercê da fantasia de quem escreve. Formam-se e desenvolvem-se naturalmente, dando, de maneira inconfundível, a impressão da verdade das coisas. A gente vai lendo como se presenciasse, acompanhasse, sem nunca as perder de vista, cada ação e cada figura das que haviam de compor a tragédia da guerra. Frequentemente os nossos olhos teem que se voltar para o espectáculo dos judeus implacávelmente sacrificados. As levas de presos, as execuções em massa, a fúria dos algozes tanto mais frenética e truculenta quão maior se lhes ia tornando, perante as ameaças progressivas da derrota, a persuasão de que só por aquele meio se poderiam ainda salvar. E de tudo o livro nos dá conta, sem comentários exaltados, sem rebuscamentos de estilo patético.

O autor cumpre bem o seu programa, de que sobretudo fazia parte o desprendimento pessoal no sagrado respeito da verdade. Estes capítulos não formam própriamente um libelo. São os leitores que, perante a natureza dos factos e desde já contribuindo para a missão da História, vão julgar.

❁ ❁ ❁

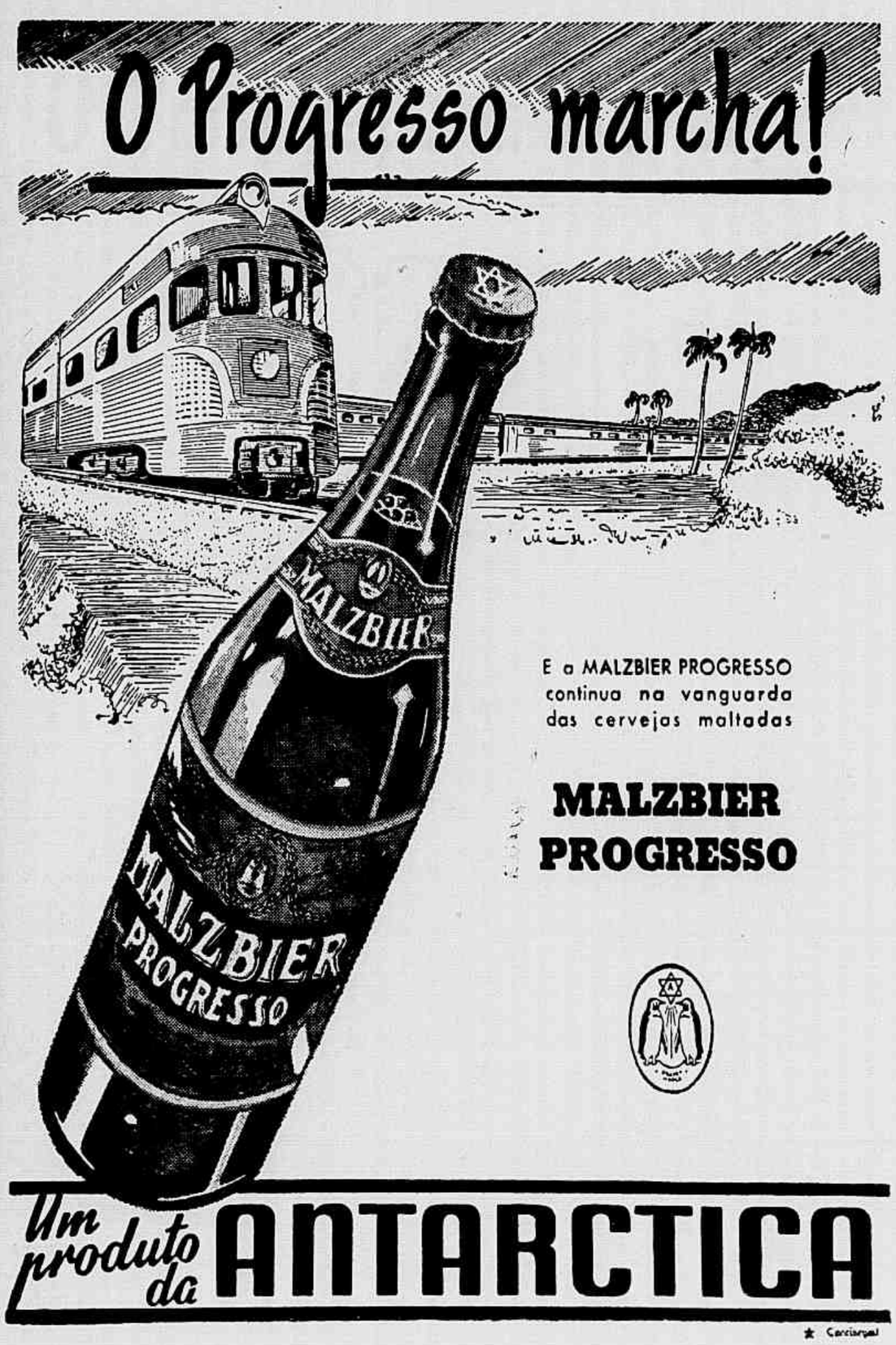
SOMBRAS NO TUNEL, artigos para jornal e outros trabalhos de Osório Borba — Edição da Casa do Estudante do Brasil — *Rio de Janeiro, 1946.*

O Sr. Osório Borba conquistou uma situação definida e bem pessoal no jornalismo brasileiro. Tem realmente leitores seus.

Não faltam por aí os cronistas de longa pretensão e engenho curto, que se dão ares de doutrinar ou fazer estilo para um mundo imenso de admiradores. Na maneira mesma de considerar os assuntos e compor as frazes, denunciam e empenho de se fazerem atribuir um prestígio universal. Além disso, empregam, volta e meia, fórmulas tais como: "Inúmeros amigos desta secção nos teem perguntado... Desejosos de conhecer a nossa opinião sobre êste caso... Vamos ceder a múltiplas e reiteradas instâncias, tratando..." Nada mais provinciano, mais ingênuo. Os homenzinhos, porém, julgam que toda a gente toma a sério aquele sistema — e continuam. E a cada momento aludem à própria individualidade, como se daí lhes viesse alguma compensação da falta de referências alheias.

Bem diverso é o caso do Sr. Osório Borba. Os seus comentários, sejam sociais, políticos, literários ou de qualquer outro gênero naturalmente interessam ou se impõem. Não precisam de artificio algum, de qualquer truque, para obterem o efeito sensacional. Temos aqui um panfletário essencial. A polêmica está-lhe a massa do sangue e na chama do espírito. Quando não provoca, êle próprio o debate, chama a si as idéias por outrem expendidas, para discutir e elejar. E' uma espécie de espadachim profissional e, bem entendido, por conta própria. A tendência impetuosa para o combate o leva a batalhar em campos opostos entre si — — declaradamente contra ambos. Assim o vemos atacar com a mesma o integralismo e o comunismo, servindo-se das armas não apenas da lógica, da argumentação, mas também da ironia, da franca pilhéria, até do sarcasmo. E não nos causam maior espanto as suas investidas contra a democracia, tal como a vê praticada, em desacordo com os seus princípios ou o seu ideal.

Não precisamos de lhe dar sempre razão para sinceramente o respeitar. Os seus inimigos mesmos, se deveras os tem, lhe hão de fazer justiça à espontaneidade das idéias e à maneira de as servir. Como quer que pense, não pensará de todo mal, porque escreve sempre bem — ou digamos: com desenvoltura, brilho e intensidade expressiva. Eis o que nos leva a assinalar com verdadeira satisfação o aparecimento dêste livro.



"IGNEZ DE CASTRO"

Por IGNEZ MARIZ

BEM poucas mulheres podem contar a dita de possuir homônima tão famosa como aquelas que trazem esse nomezinho de cinco letras, em cuja composição entram o **g** e o **z**. Todas as xarás que residem no imenso Rio de Janeiro a estas horas devem sentir-se orgulhosa com o sucesso desse filme estupendo, que está sendo levado simultaneamente no centro, nos bairros, nos subúrbios, em toda parte da Cidade Maravilhosa. Parece que a glória não é apenas daquela **que, depois de ser morta foi Rainha,** e sim também de todas as outras que carregam como um doce fardo o gentil nome de Ignez. (Perdoem-me esta falta de modéstia, mas, se estou dizendo isto, é porque já me disseram...)

Está acontecendo comigo uma coisa engraçada: quando no ônibus, no bonde ou no elevador um desconhecido qualquer fala com outro sobre o filme "IGNEZ DE CASTRO", volto-me interessada, como se pretendesse tomar parte na conversa e como se o assunto me dissesse respeito. Graças a Deus o auto-controle e o medo do ridículo fazem com que fique quieta, **posta em sossêgo**. .

Fui ao Plaza ver de perto minha famosa xará. Segunda sessão noturna. Só dava português. Era tal o arrocho que em certo momento fiquei em dúvida se sairia ou não dali com vida. Ao soar das oito a multidão que se comprimia na sala de espera e se derramava pela calçada quis passar todinha, de uma só vez, pela estreitíssima abertura que leva à sala de projeção. Resultado: Viram-se os mais fracos esmagados sem piedade pelos mais fortes, que usavam os braços como se fossem remos, deixando para trás quem não estivesse à altura da competição. Desejando sair ilesa daquele naufrágio corporal, a horas tantas, num gesto instintivo de defesa, retirei mais-que-depressa o broche que enfeitava a lapela do casaco e nfinquei-o com todo gosto na musculatura de um tarzan que valentemente empurrava o cotovelo maciço contra a minha garganta, sem se aperceber, na sua afobação ignezcastrista, de que estava assassinando uma outra Ignez, desta vez Mariz. Aquilo, sim, era entusiasmo! Como seria o nome desse meu quase-matador? Pero Coelho, Alvaro Gonçalves ou Diogo Lopes Pacheco?

O alfinete foi mais eloquente que as palavras, naquele momento impossíveis de pronunciar. Com a respiração livre, afinal, tratei de fazer força também, empurrei contendores, espremi-os contra a parede (não sei se matei algum, não tive tempo de verificar) e ao surgir lá dentro, sã e salva, tive vontade de apertar as duas mãos no ar, como faz no ringue o vencedor de uma luta de box.

A cadeira estofada representou naquele momento um verdadeiro trofeu de guerra. Caí sentada e comecei a apreciar a comitiva que trazia dona Constança para Portugal. Isto é, dona Constança era o que eles imaginavam estar trazendo... mas o que realmente traziam era Ignez de Castro.

A marcha do cortejo, as cavalhadas e as cenas campestres, em tecnicolor teriam ficado formidáveis! É pena que o colorido em cinema, ainda muito vivo, não seja bastante respeitável para um enredo assim tão sério.

Gostei muito do filme de minha xará, embora não tenha sentido nele aquela leveza no trato do assunto, que estamos habituados a encontrar no cinema americano. Não quero dizer com isso que e devesse sacrificar a verdade histórica ao mau gosto de certo público, absolutamente. Refiro-me a qualquer coisa agradável e indefinida de que somente o cinema ianque possui o segredo. Durante o desenrolar de "IGNEZ DE CASTRO" a sensação de peso não chega a oprimir o espectador, mas também não desaparece. Talvez isto se deva ao hábito de teatro, que na certa posuem todos os intérpretes, e a direção não teve pulso para neutralizar. Cinema é a própria vida. Quem trabalha nele deve equecer completamente que já pisou algum dia um palco, tendo em frente uma platéia.

Mas as caracterizações estão magníficas. Reparem. Na hora em que aqueles homens maus rodeiam o velho rei e o pai de dom Pedro **tirar Ignez ao mundo determina**, temos a impressão de que retrocedemos no tempo e estamos presentes à sinistra assembléia. Nossa revolta é tamanha, que nos dá vontade de gritar para eles, pedindo-lhes que deixem de ser ruins! Milagre da interpretação dos atores? Não. Desta vez o milagre é mais da caracterização.

Graças à mesma circunstancia existe outra cena formidável, embora rápida:

Estavas, linda Ignez, posta em sossêgo,
De teus anos colhendo doce "fruito",
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego...

Estás, ó linda Ignez, ao pé de um berço, quando ouves o bater da porta. O pai de Dom Pedro aparece e é tal o poder de sugestão de sua figura, que os célebres versos, decorados desde quando éramos crianças, no vêm insensivelmente à memória:

Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito,
(Se de humano é matar uma donzela
Fraca e sem forca, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencê-la...)

É este um dos pontos altos do filme.

Não pretendemos ir vêr Alice Palacios e Antonio Vilar em futuros trabalhos, encarnando outras figuras, a fim de não estragar a lembrança que desejamos guardar inalterada, de suas fisionomias como intérpretes dos doi grandes amorosos.

Esse Antonio Vilar, apesar de uns ares errolflinianos, é artista dramático de primeira água. Reparem os olhos dele, quando fita o assassinos de Ignez e no seu cérebro surge a idéia de lhes mandar arrancar os corações. E também quando contempla o fundo da tigela onde se presume estejam os ditos corações. O ator muda a vista pra lá e pra cá, como se realmente ali estivessem duas coisas muito dignas de serem vistas. Cena formidável.

Ao escutar, entretanto, uma voz infantil chamá-lo docemente "Papai!" o príncipe volta a si e atira longe a vasilha macabra.

Tenho certeza, entretanto, de que, se ele ressuscitasse e visse o nome de sua bem amada, nos letreiros e cartazes de cinema, escrito dessa maneira incrível — INÊS — ele trituraria de bom grado, entre os dentes, o coração dos acadêmicos de cá e de lá que tiveram a coragem de atrofiar, de mutilar, de assassinar a tal ponto um nome alheio! INÊS, escrito assim, despersonaliza, torna vulgar e irreconhecível a criatura que o possui. Desaforo! Quem tiver estimação escreva meu nome com **g**, com **z** final e, pelo amor de Deus, não coloque sobre a cabeça do **e** aquele execrável e ridículo chapéu cônico! Se dom Pedro voltasse, eu não o deixaria sózinho à mesa do festim antropófago. Iria mastigar em sua companhia o coração de todos os "coelhos-gonçalves" da Reforma Ortográfica.

Uma coisa me desgostou seriamente nesse filme: foi ouvir sair dos lábios bonitos de minha xará o som engrolado, arrevezado e difícil da fala portuguesa. Seria tão mais fácil e mais belo falar correntemente, como a maioria das brasileiras, ou falar cantando como as nordestinas! Que me perdoem os compatriotas do senhor dom Pedro, mas a verdade é que a espanhola Ignez de Castro, vivendo em nossa sensibilidade desde os bancos escolares, é mais nossa do que deles, pois não fomos nós que a assassinámos...

(Continua na pág. 56)

RADIO

A cantora Maria Amorim, festejada intérprete de opereta, de quem o público andava saudoso, e que vai agora voltar ao rádio. Foi anunciado seu próximo reaparecimento, talvez na Nacional.

Vai realizar-se em fins do corrente mês, na capital mexicana, um congresso radiodifusor, para o qual foi convidado o Brasil. Nossa delegação será constituída por cinco elementos: Cesar Ladeira, e quatro outros cujas atividades se distribuem pelo rádio em vários setores. Quer-nos parecer que essa embaixada está fraca. Deveria ser constituída de maior número de elementos reprsentativos das nossas atividades radiofônicas, além da presença do festejado locutor paulista. Um congresso radiofônico, neste momento, é muito mais importante do que parece. Talvez as nossas emissoras estejam dando escassa atenção ao assunto — e ainda seria tempo de reconsiderá-lo, tirando melhor partido da oportunidade. Rádio não possui apenas uma finalidade comercial. Nossos delegados precisam capacitar-se das suas funções e fazer alguma coisa de eminentemente prático pela cultura radiofônica no Brasil.

★

A febre das novelas radiofônicas não tende a estacionar. Pelo menos assim dizem os entendidos, isto é, os que vivem dessa gênero de divertimento radiofônico. Mas parece que estamos tendo maior quantidade do que qualidade de novelas. E uma seleção mais apurada, deve ser feita. O que também existe é uma certa "habilidade", na paternidade de muitas novelas. Paulo Gracindo foi acusado de não ser o verdadeiro autor da "Mulher dos meus sonhos", trabalho que se atribuiu a Oduvaldo Viana. Este, porém, de São Paulo telegrafou afirmando que o "script" da Tupí foi efetivamente feito pelo antigo galã da Nacional. Mas são diversas as pessôas que afirmam ter ouvido da boca do próprio Oduvaldo, a primeira afirmativa... A quem dar crédito?

★

Arí Barroso declarou pelo microfone da Tupí, não autorisar mais a gravação de suas músicas. Segundo informa o autor de "Aquarela do Brasil", as fábricas de discos reservam-se o direito de exploração desses trabalhos, por tempo interminável, prejudicando os compositores. Quando uma de suas músicas agradou em cheio, outras fábricas oferecem melhores compensações e ele nada pode aceitar. Enquanto isso, as "matrizes" das melodias norte-americanas são importadas, delas se tiram milhares e milhares de cópias em discos, que inundam o território brasileiro, fazendo uma concorrência desleal à música indígena...

Eis porque Arí Barroso resolveu lançar suas produções só pelos microfones. Para começar, estreou um número carnavalesco. E prometeu muitas novidades.

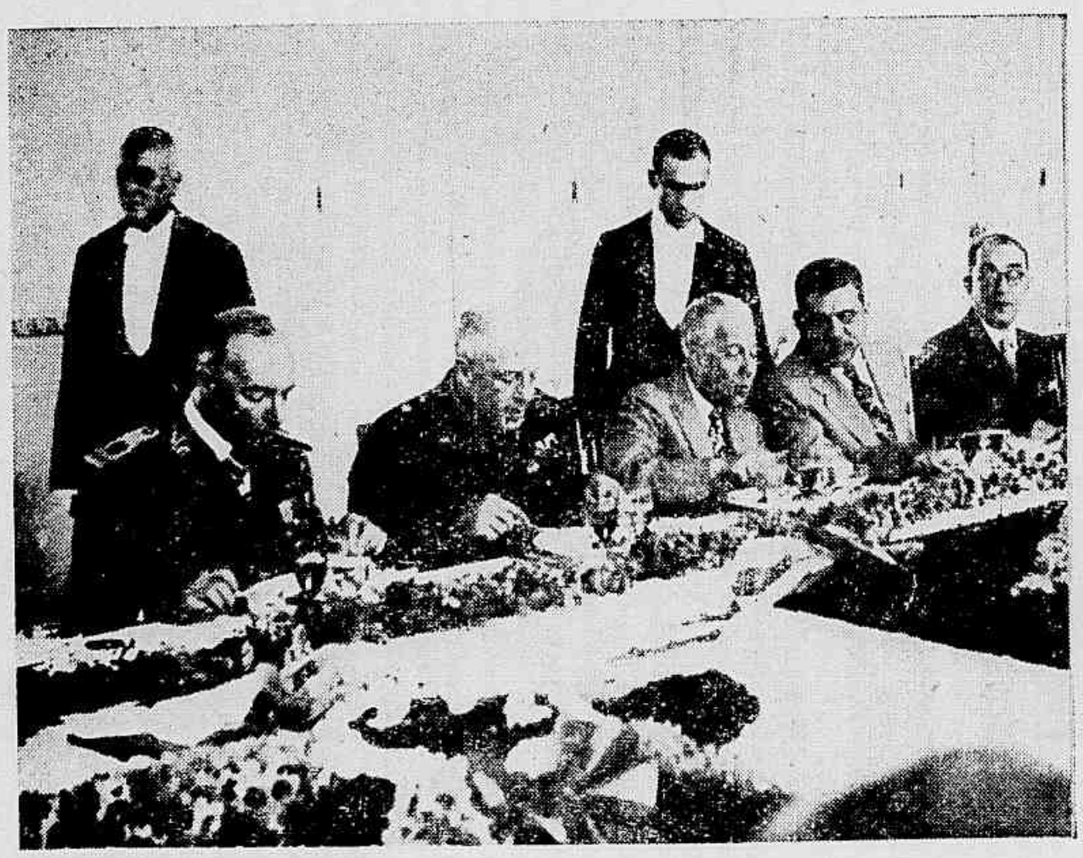
Mas o Carnaval ainda está longe...

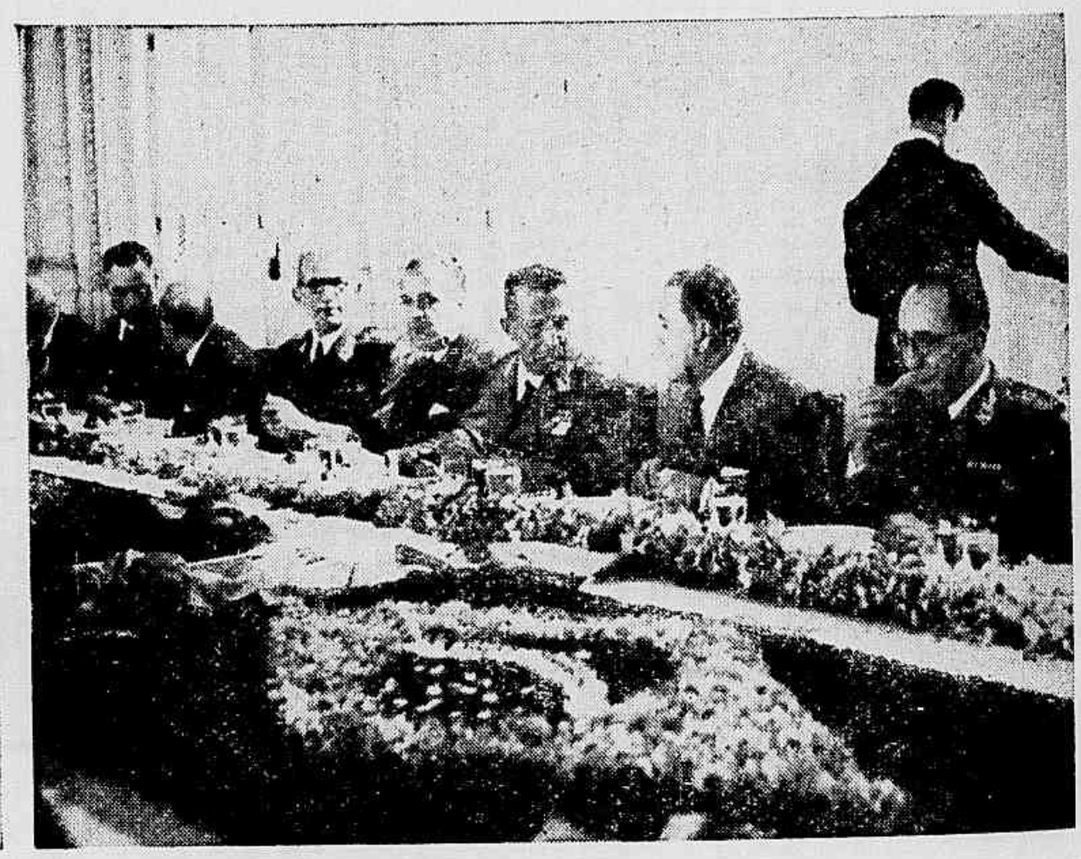
★

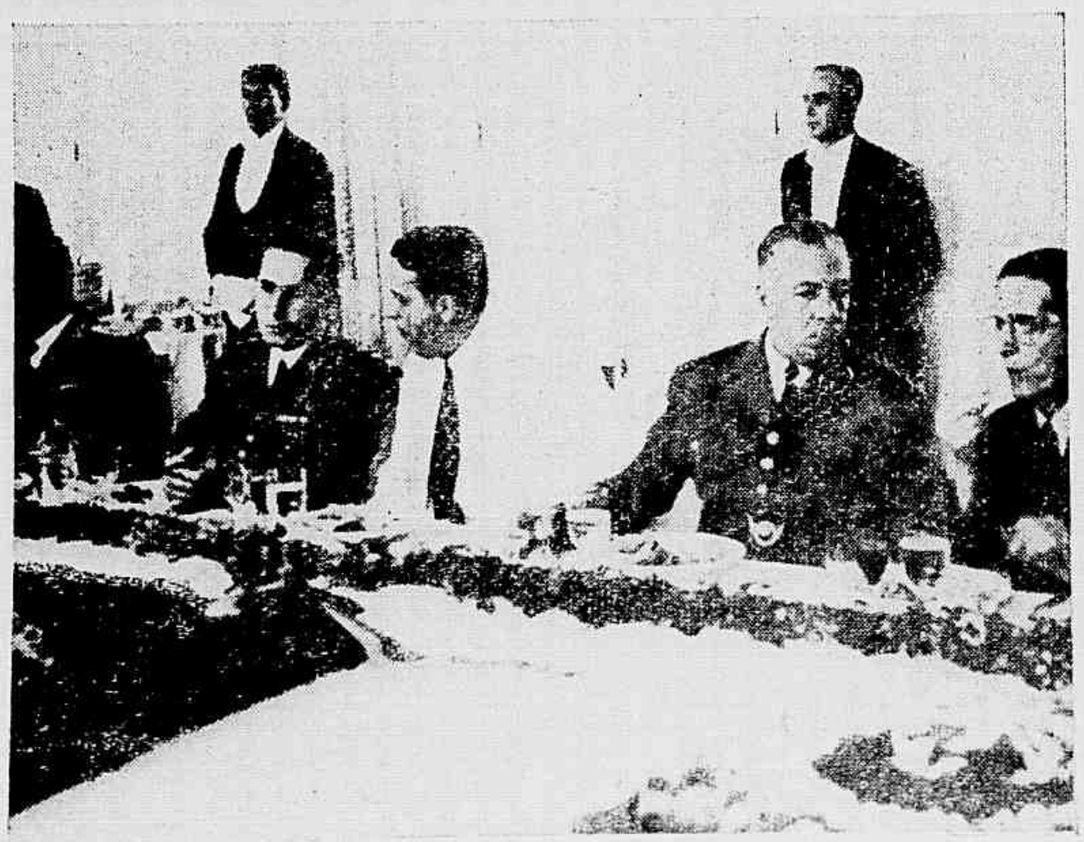
A Rádio Globo vai apresentar este mês novas e sensacionais programações. Sagramor de Scuvero redigirá o "Teatro a uma voz", onde haverá apenas um intérprete. Lourival Marques apresetnará por sua vez dois novos programas, um deles de caráter literomusical. E Luiz Quirino, outro. Parece que a Rádio Globo cogita de fazer a reaparecimento do famoso "Cine-Rádio-Teatro", aos domingos à noite, com a teatralização dos maiores sucesos cinematográficos, feita por Celestin Silveira. A notícia está circulando com fóros de verdade nestes último dias.

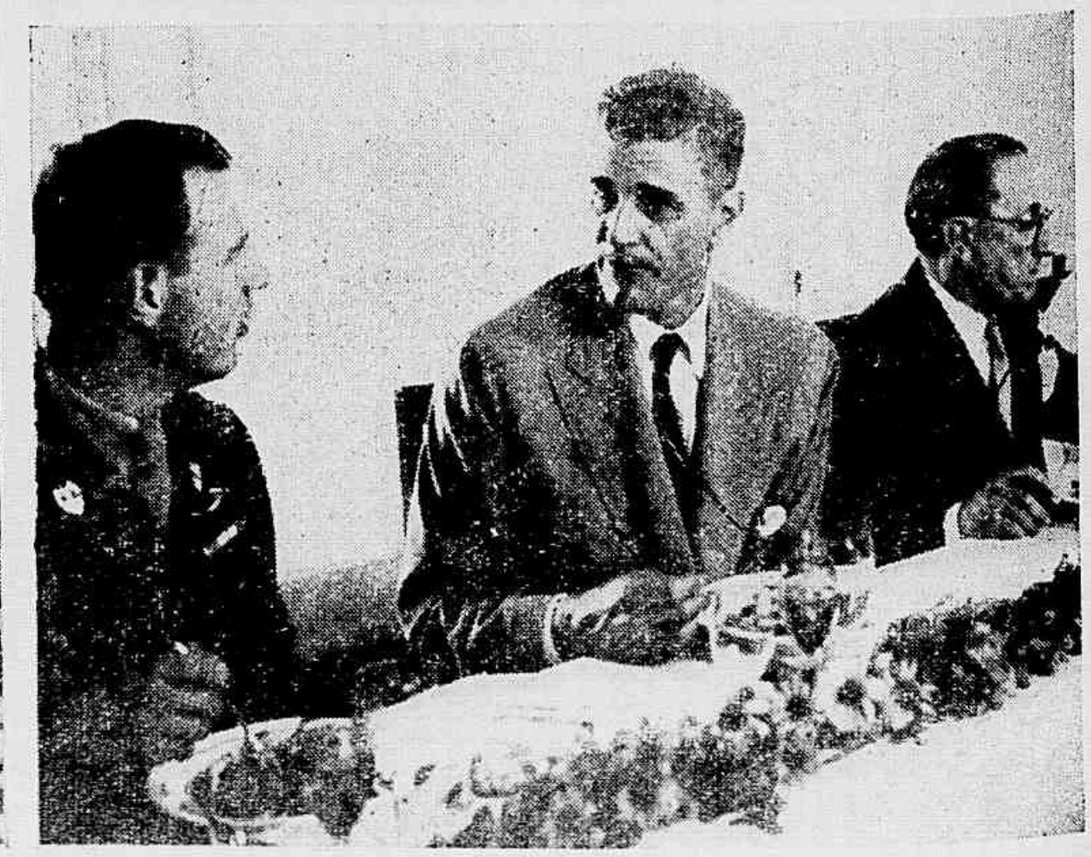
JOCKEY CLUB MUNDANO

Na tarde de 25 de agosto, o Jockey Club Brasileiro prestou expressiva homenagem ao Duque de Caxias, o Grande Soldado a quem o nosso turf deve inestimáveis serviços. Além do Grande Prêmio "Duque de Caxias", o Jockey promoveu um grande banquete em honra do Exército Brasileiro, que tão bem representa as gloriosas tradições do Soldado Imortal, sendo das homenagens referidas as fotos que ilustram esta página.



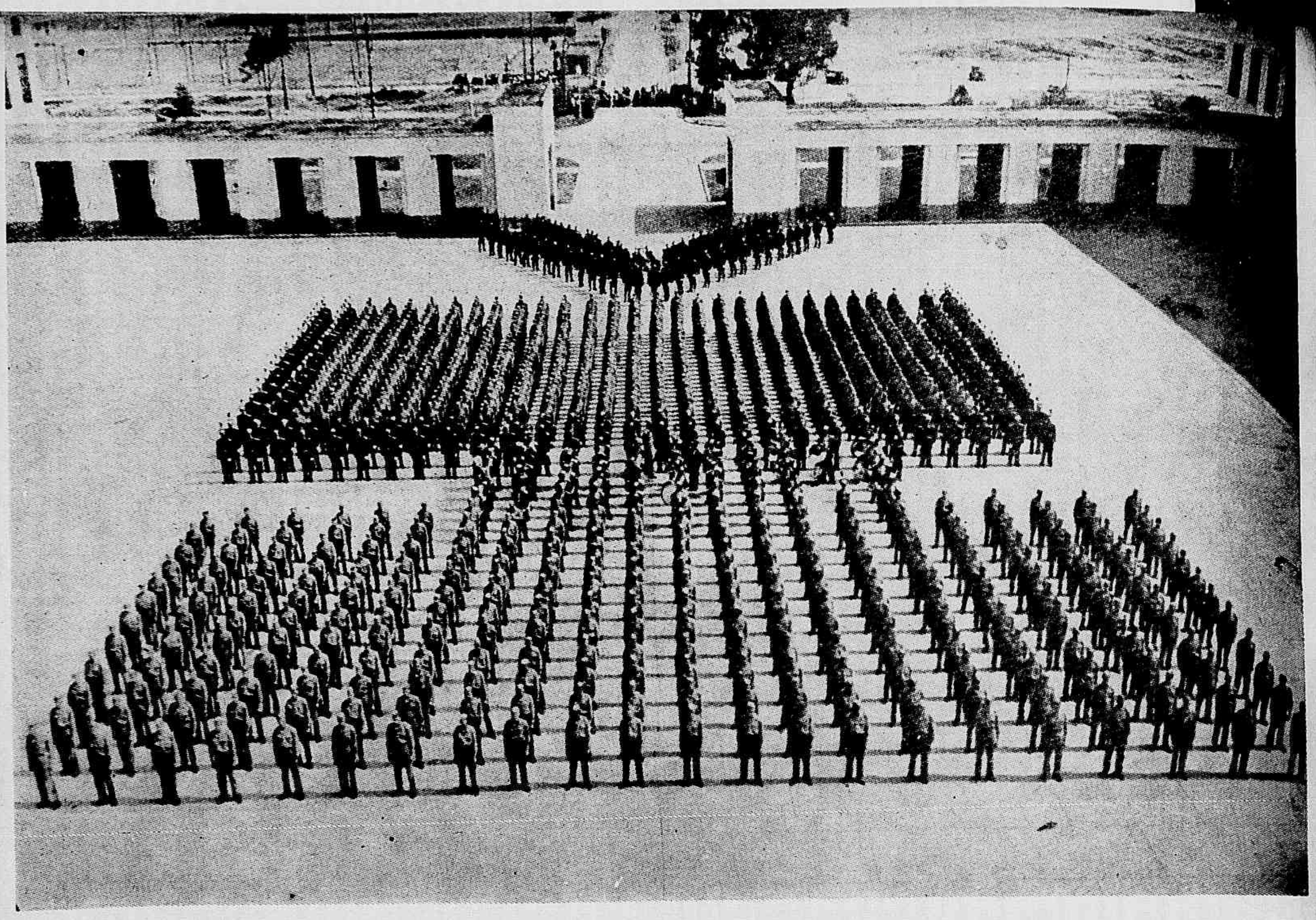






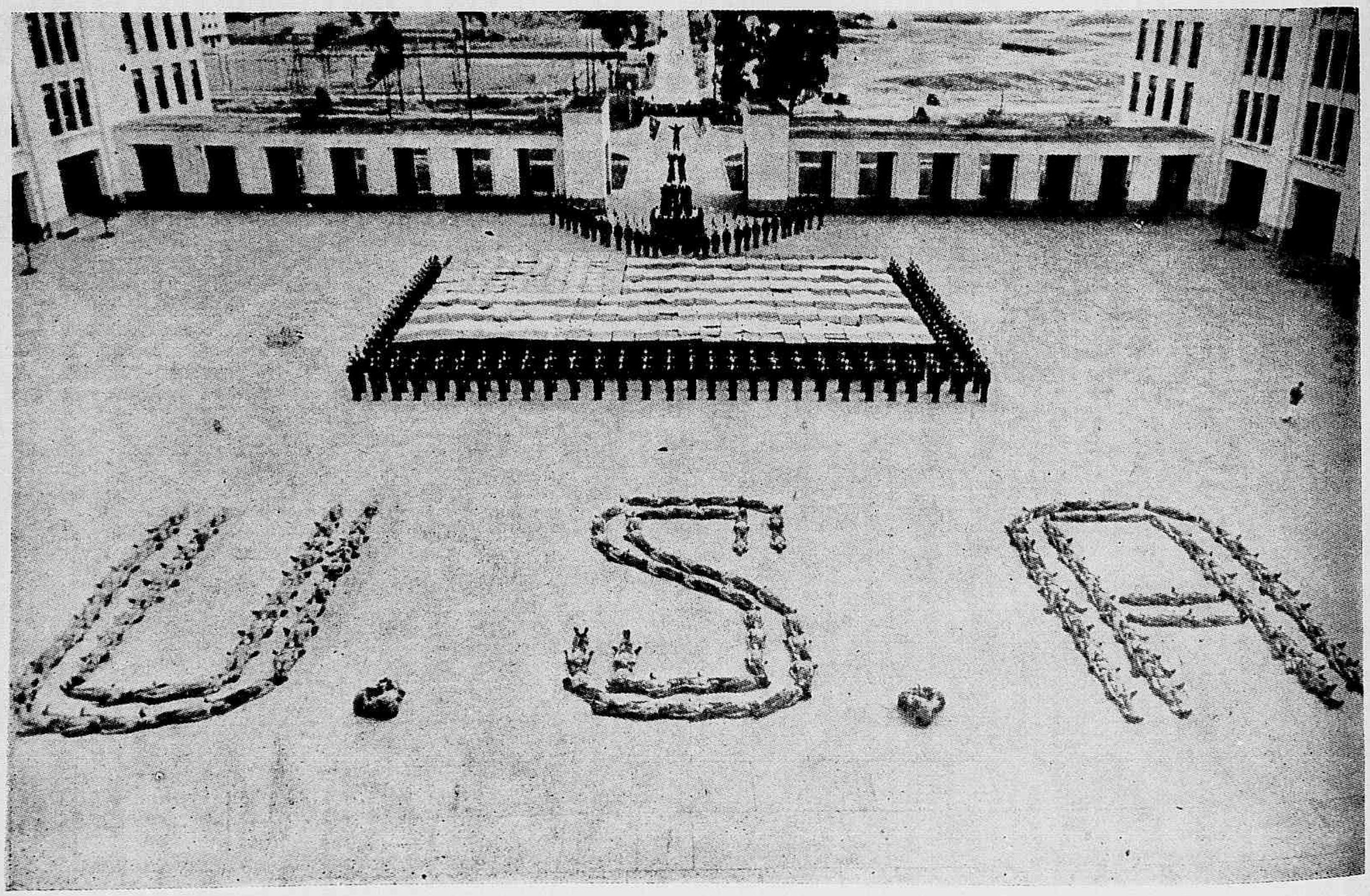
PARA A TARDE

"Duas-peças" de pesado crepe de seda branco. Jaáqtueta sem gola. Blusa de tafetá quadriculado, azul marinho e branco, com grande "jabot". Modelo de seda azul claro, blusa folgada com grandes lapelas. De cada lado, um grande botão em côr viva. Saia franzida com bolsos salientes.



A homenagem que emocionou Eisenhower

Por ocasião de sua visita ao Rio, o ilustre militar norte-americano teve ensejo de ser recebido na Escola Militar de Rezende, onde o corpo de alunos lhe prestou significativa homenagem, cantando os hinos norte-americano e brasileiro, com acompanhamento orfeônico. Houve também uma série de evoluções e efeitos de conjunto que mereceram de Eisenhower os mais calorosos aplausos. São dessa memorável festa os flagrantes qe se vêem nesta página: Em cima, a primeira formação dos alunos da Escola Militar, e em baixo, a bandeira norte-americana e as iniciais U.S.A. formadas pelos briosos rapazes de Rezende. (Fotos gentilmente cedidos pelo General Aristóteles de Souza Dantas, Comandante da E. M. de Rezende). Um detalhe interessante: o general Eisenhower, soldado afeito a toda a sorte de emoções, em dado momento comoveu-se tocado pela sinceridade da homenagem que lhe tributavam os alunos brasileiros, e não pôde esconder a sua indomável emoção.



O PROTETOR

Conto de
GUY DE MAUPASSANT

NUNCA Jean Marin sonhara tão alta dignidade! Filho dum bedel do interior, viéra, como tantos outros, fazer o curso de direito no bairro latino. Nas várias cervejarias que havia sucessivamente frequentado, tornara-se amigo de alguns estudantes loquazes que, entre goles de cerveja, resolviam os mais complicados problemas de política. Setira logo admiração por eles e os seguia com obstinação, de café em café, chegando mesmo, quando tinha dinheiro, a pagar as despesas de todos.

Depois fez-se advogado e pleiteou algumas causas, perdendo-as todas. Entretanto, animou-se naquela manhã, ao ler nos jornais que um dos seus antigos camaradas do bairro latino acabava de ser eleito deputado. Tornou-se, então, de novo, o seu cão fiel, o amigo de todas as horas, que presta serviços, incumbe-se de pequenas diligências ou indagações, o amigo enfim que se manda chamar sempre que se tem necessidade e a quem a gente jamais incomoda. Mas logo, por um feliz acaso, o parlamentar se tornou ministro. Seis meses depois Jean Marin era nomeado conselheiro de Estado.

★

Teve, ogo de começo, uma crise de orgulho de fazer perder a cabeça. Andava pelas ruas só pelo prazer de se mostrar, convencido de que tão sómente a sua figura fazia os transeuntes advinharem a posição que ele ocupava. E a propósito das coisas mais insignificantes, descobria sempre um meio de dizer aos negociantes, em cuja casa entrava, ou aos vendedores de jornais e até mesmo aos cocheiros dos carros:

— Eu sou conselheiro de Estado...

Depois, como por consequência natural da sua alta dignidade, por necessidade profissional, por dever de homem influente e generoso, sentiu intimamente um imperioso desejo de dispensar a alguém a sua proteção. Oferecia, então, a toda a hora e a todo o mundo, o seu apôio, com generosidade.

Quando encontrava na rua uma pessoa conhecida, corria ao seu encontro, com ar orgulhoso, tomava-lhe as mãos, informava-se de sua saúde e, logo, sem esperar perguntas dizia:

— Você sabe, eu sou conselheiro de Estado e estou ao seu inteiro dispor. Se lhe puder ser útil em qualquer coisa, disponha de mim, sem acanhamento. Na minha posição — você sabe — tem-se o braço forte.

E entrava então num café, com o amigo, afim de pedir pena, tinta e uma folha de papel de carta — "uma apenas, garçon, é para escrever uma carta de recomendação".

E assim, escrevia cartas de recomendação, dez, vinte, cincoenta por dia. Escrevia-as no Café Americano, no Bignon, no Tortoni, na Casa de Ouro, no Café Rico, no Helder, no Café Inglês, no Napolitano, por toda parte, em todo lugar. Escrevia a todos os funcionários da República, desde os juizes de paz até os ministros. E considerava-se então feliz, completamente feliz.

Uma manhã, quando saía de casa para se dirigir ao Conselho de Estado, começou a chover. Pensou em tomar um carro, mas não o fez, preferindo seguir a pé.

O aguaceiro tornava-se terrível, alagando o passeio e inundando a calçada. O sr. Marin foi obrigado a refugiar-se numa porta. Já alí estava um velho padre de cabelos brancos.

Antes de ser conselheiro de Estado o sr. Marin não gostava do clero. Passou, no entretanto, a tratá-lo com consideração desde que um cardeal o consultou, polidamente, sobre uma questão difícil.

A chuva continuava a caír, inundando tudo, forçando os dois homens a retirarem-se até o compartimento do porteiro, afim de não ficarem enlameados.

O sr. Marin, que sentia constantemente a necessidade de falar para mostrar o seu valor, disse:

— Eis aí um tempo bem mau, sr. abade.

O velho abade inclinou-se:

— Oh! sim, senhor; é bem desagradável, principalmente quando se vem a Paris por alguns dias apenas.

— Ah! o sr. é do interior?

— Sim, senhor; estou aqui de passagem.

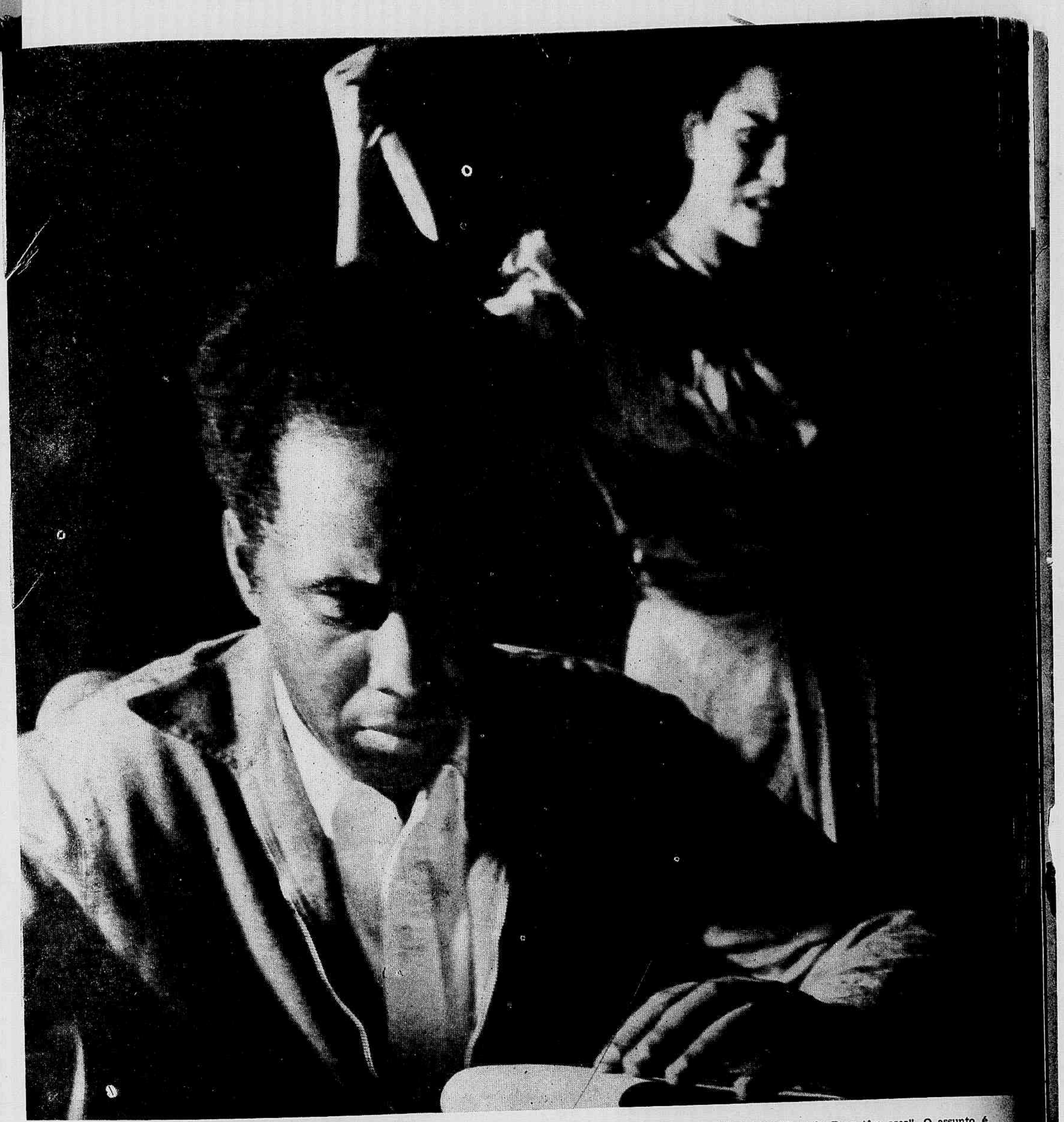
— Com efeito é bem desagradável ter-se chuva nos poucos dias que se passa na capital. A nós outros, funcionários, que aqui passamos todo o ano, isso pouco nos incomoda.

O abade não respondia. Olhava a rua, onde o aguaceiro caía menos forte. E subitamente, tomando uma resolução, levantou a batina, como o fazem as mulheres com os seus vestidos para atravessar os regatos.

(Continua na pág. 53)

TRES MODELOS ORIGINAIS

A moda para Primavera e verão será caprichosíssima. Os mais curiosos efeitos serão obtidos por meio de drapeados, mesmo para os trajes esportivos, como se pode ver pelos modelos que aqui estampamos. Conjunto composto de original calça drapeada, presa aos joelhos. Corpete de algas, com grandes botões. Bolero com mangas três-quartos, faixa de jersey azul vivo. Novamente calça drapeada em jersey de lã violeta e jaqueta de linho côr de rosa, presa na frente por grande laço do tecido da calça. Saia-calça de linho branco, jaqueta também de linho branco e blusa de cambraia azul.



"TODOS OS FILHOS DE DEUS TÊM ASAS" — O Teatro Experimental do Negro está representando de Eugen O'Neill a peça "Todos os filhos de Deus têm asas". O assunto é o conflito nascido da união de uma branca com um preto, originando uma série de dramas que se desenrolam depois de maneira trágica. A foto acima mostra a terceira cena do primeiro ato, em que a loucura de Ella Downey (Lena Teixeira), esposa de Jim Harris (Abdias do Nascimento) se manifesta. No decorrer da peça são frequentes os momentos de intensidade emocional.

EXPULSARAM OS NEGROS

O Teatro Experimental do Negro e a sua curta e brilhante atuação — Proibidos de representar e ensaiar no "Fenix" improvisaram um palco na via pública e continuaram a trabalhar — Os artistas de côr preferem a arte de O'Neill às "chanchadas" — Um grupo de idealistas em busca de um teto para a sua arte.

O teatro no Brasil está evoluindo, felizmente, daquele velho conceito de alegria fácil e gaiatice que tanto o comprometeu e que ainda reduz certos empreendimentos à condição de simples exibições de palhaços grotescos que promovem audições de pilhérias de mau gosto e assumem atitudes ridículas.

Dentro desse critério, a arte de Sara Bernhardt nunca teve no Brasil a significação transcendental que lhe é própria, preferindo a maioria dos autores ceder ao gosto das bilheterias, o ponto de vista mais condenável em que se pode colocar um artista. E dessa forma, abdicava o teatro da função educativa a que está destinado, entregando-se de algemas nos pulsos à correnteza da mediocridade.

Contrários à idéia de elevação do nível das peças teatrais, (tal como acontece, aliás, em relação aos concertos, aos espetáculos de ópera e a todas as realizações artísticas em geral) procuravam impor-se os argumentos dos que diziam estar ao lado do povo, dando-lhe aquilo de que ele necessitava ou que ele exigia através o pronunciamento das bilheterias. E chegavam mesmo a assumir o papel de defensores intransigentes da arte popular, confundindo evidentemente a expressão "popular" como "vulgar", pois nada mais faziam do que concorrer para que o povo não tivesse a oportunidade de novas experiências para a sua sensibilidade artística tão caluniada pelo pressuposto de que era limitada ao prazer das "chanchadas", dos infames atos variados em que sempre foi fértil o nosso teatro, da música açucarada dos concertistas de glória a qualquer preço e das "Traviatas" surradas e envelhecidas.

O papel do artista que quer colocar a sua arte a serviço do povo não é colecionar as manifestações da sua sensibilidade, codificá-las em comédias ou rapsódias de temas folclóricos dar-lhes um título sugestivo, anunciá-las com "slogans" provocadores e depois dizer ao público: "Isto é a sua arte". Se os temas folclóricos, a estatuária popular, o bom humor das ruas, o anedo-

tário das grandes cidades e o senso comum fossem manifestações de arte definitiva, seríamos um universo de artistas, admirando-nos uns aos outros e depois, pela saturação, arrefecendo o nosso entusiasmo diante das nossas próprias criações.

Não. Todos esses subsídios de que a inteligência e a sensibilidade popular são fecundos e generosos constituem o lastro, a substância de que se deve nutrir o artista que deseja construir, escrever, pintar, compor, representar, executar ou dançar para o povo. E devem ser aproveitados como sugestões, deles (dos subsídios) tirando-se apenas o essencial e excluindo a forma e a aparência grosseira, como se extrai o ouro das entranhas negras e profundas da terra.

Assim, as anedotas não devem entrar intactas no conteúdo de uma peça, delas se aproveitando apenas o espírito, a intenção, mas com cuidado para não esterilizá-las na transposição para um plano de realização mais elevado. A música popular, por sua vez apenas deve contribuir com certas constâncias rítmicas, melódicas, harmônicas e polifônicas que lhe são peculiares para o compositor que se destina a escrever para o povo, abandonando a construção original e utilizando aqueles elementos para a estrutura que se propõe levantar com o auxílio da técnica que aprendeu, com o exemplo da tradição dos mestres e com o seu talento criador.

Fizemos estas considerações para melhor apreciar a importância de que se reveste um movimento de renovação que se processa, em nossa música há cerca de trinta anos com a definição da música brasileira e, desde alguns anos, no teatro.

Mas é a este, particularmente, que nos referimos, sendo de ressaltar a contribuição que deram a esse movimento Dulcina, Os Comediantes e Bibi Ferreira.

O TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO

Mas é particularmente digno de registro, em face da nossa tradição de realizações vulgares no terreno da arte dramática e do conflito entre os interesses da bilheteria e da elevação do nível do teatro que um grupo de negros se reunisse há cerca de dois anos para constituir o Teatro Experimental do Negro, encarado a princípio com o cepticismo que se lança sobre todas as realizações ousadas mas que hoje é uma entidade digna de apôio e merecedora de aplausos.

E dizemos ousada porque no Brasil, muito embora depois do 13 de maio não tenha prevalecido um racismo manifesto como nos Estados Unidos, não é menos verdade que eles lutam contra uma resistência surda mas obstinada de certos puristas desta terra sem tipo racial definido.

Ninguém de boa fé ignora que os negros encontram mais dificuldades do que os chamados "brancos" para levar a efeito um sem número de empreendimentos ou para desfrutar certos privilégios a que têm direito como cidadãos honestos e decentes. Na Assembléia Constituinte e pelas colunas dos jornais têm-se levantado vozes insuspeitas como as de Hamilton Nogueira, Gilberto Freire e Raquel de Queiroz e outros para denunciar a iniquidade de fatos sucedidos aqui e alí em que o negro aparece como o elemento repudiado, escorraçado, isto num país de cerca de seis milhões de negros...

Por conseguinte, merece louvores a iniciativa do Teatro Experimental do Negro cujas realizações têm-se pautado por um desejo constante de elevação, por uma fidelidade exemplar (para muitos brancos "soi-disant") aos ideais da cultura.

Fundado e mantido graças à obstinação e aos sacrifícios de um punhado de idealistas, com Abdias de Almeida e Aguinaldo Camargo à frente, contou logo de início com o apoio de Pascoal Carlos

JIM HARRIS PERDE A RAZÃO — Sob a pressão das intrigas da irmã que é racista, o preto Jim Harris, (Abdias do Nascimento) que havia casado com uma branca, também perde a razão. Ei-lo aqui no momento em que se manifesta o seu desequilíbrio mental.

MÃE E FILHA — A esquerda, Marina Gonçalves (que desempenha o papel de Mme. Harris) e Ruth de Sousa (que representa Hattie, a filha). Elas olham para o fotógrafo como se dissessem: "você não sabe onde há um ariano que nos queira ceder um lugar para os ensaios? Nós não temos prevenções contra quem quer que seja; queremos apenas fazer teatro". À direita, uma cena da peça de O'Neill em que aparecem Jim (Abdias do Nascimento) e sua mãe (Marina Gonçalves). **Se os personagens soubessem do que está** se passando com os seus intérpretes diria Jim: "Não se incomode, minha mãe. Nós arranjámos uma sala na Escola Nacional de Música".

Magno que havia organizado naquela época (1944) o Curso de Férias de Teatro.

"ZUMBI", A PRIMEIRA ETAPA

No fim daquele ano, quando o Teatro de Estudantes, dirigido por aquele escritor, convidou o Teatro Negro para tomar parte na representação da peça "Palmares" de Stela Leonardos. Os pretos fizeram a cena final com mais de cem figurantes em que predominava um magistral "Zumbi" vivido por Aguinaldo Camargo. Essa participação valeu por uma demonstração das possibilidades do conjunto que venceu brilhantemente a primeira etapa de sua carreira.

O'NEILL NO PALCO DOS NEGROS

Logo a seguir, o Teatro Experimental do Negro ensaiou, num sótão do Fenix "O Imperador Jones" de O'Neill, secundando brilhantemente a iniciativa de Os Comediantes da representação de grandes obras.

Embora coroado de êxito, como a crítica teve oportunidade de testemunhar, "O Imperador Jones" não deu compensações materiais aos corajosos artistas que continuam empenhando suas economias para manter acesa a chama do seu ideal de elevação e cultura.

EXPULSOS...

Agora, estavam representando mais uma peça do grande teatrólogo americano e ensaiando "A vida de Carlitos" de Henrique Pongetti, quando foram expulsos do Fenix e mesmo proibidos de ensaiar no sótão daquele teatro.

Mas os negros não esmoreceram. Sem perder o ânimo, foram para a rua, "instalaram-se" na Esplanada do Castelo. Carregando cadeiras e mesas improvisaram um palco e, sem montagem de qualquer espécie, deram uma demonstração pública de que querem realmente trabalhar, pouco se importando com as adversidades. Têm fibra para enfrentar as situações críticas e não se deixam intimidar pelas barreiras que se antepõem aos seus propósitos.

A reação do público ante aquele grupo de negros exibindo na via pública as reações de laboratório da sua futura apresentação, os ensaios que todos procuram esconder das vistas de estranhos, foi ao mesmo tempo de espanto e de admiração pela sua tenacidade.

A propósito, ouvimos o diretor do conjunto, Abdias do Nascimento que nos declarou:

— Estávamos ensaiando no "Fenix", onde representávamos às segundas-feiras, com o consentimento de Bibi Ferreira. Como essa artista se aprestasse para entregar o teatro ao sr. Vital Ramos de Castro, procurámos um entendimento com esse cidadão que se negou repetidas vezes a nos receber, terminando por fazê-lo por intermédio de um preposto. Este nos alegou que o Teatro Negro não poderia prosseguir nos seus ensaios, afim de não prejudicar a temporada de Maria Sampaio, concessionária daquela casa de espetáculos.

Entendemo-nos com Maria Sampaio e ela nos deu plena aquiescência mas... o sr. Vital Ramo de Castro não estava mesmo disposto a permitir que nós continuássemos no "Fenix".

E assim, mandou-nos avisar que nas segundas, dias de descanso da companhia de Maria Sampaio que aprovei-

...E O DRAMA CONTINUA — O Teatro Experimental do Negro que já está passando da fase experimental para a das realizações definitivas, os dramas da família Harris são intensos e emocionantes, reflexo dos conflitos entre pretos e brancos. Nesta cêna, aparecem Mme. Harris (Marina Gonçalves) e seu filho Jim Harris (Abdias do Nascimento) que se casou com uma branca dando motivo a graves ocorrências na família. Agora eles não têm onde ensaiar e o fazem na rua. Isso está direito?

DUAS CENAS DA PEÇA DE O'NEILL — À esquerda, Jim Harris (Abdias do Nascimento) e Ella Downey (Lena Teixeira) cujo casamento originou um rosário de tragédias no seio da família de ambos. À direita, a cena final de "Todos os filhos de Deus têm asas", quando Jim Harris pede perdão a Deus de haver blasfemado contra a sua sabedoria e agradece-lhe ter-lhe dado uma criança por esposa. (A mulher enlouquecera, voltando à idade mental da infancia). A peça de O'Neill destina-se a grande sucesso. Tudo depende de arranjar um lugar para representá-la.

távamos para as nossas representações, ele pretendia exibir alguns concertistas.

Respondemos que ficaríamos com os dias livres, afim de não paralisar por completo o nosso trabalho.

Diante disso, o sr. Vital Ramos de Castro resolveu descer a máscara e mandou-nos declarar que não poderíamos continuar no "Fenix" porque ele já havia firmado contrato com outra companhia para os dias de segunda-feira.

NEM MESMO O SÓTÃO...

Nós estávamos ensaiando — prossegue Abdias do Nascimento — a peça de Henrique Pongetti "História de Carlitos", nosso próximo cartaz. Trabalhávamos num sótão que nos fôra cedido por Bibi Ferreira, na cúpula do prédio, uma peça sem luz, sem ar, sem uma cadeira sequer. Mesmo assim, para um grupo pobre e sacrificado como o nosso, servia.

Qual não foi a nossa surpresa, entretanto, quando, há poucos dias fomos barrados à porta do "Fenix" por ordem do sr. Vital. Ele havia mandado ordem para que se suspendessem os ensaios que estávamos realizando da "História de Carlitos".

O que mais nos estranhou foi a insinceridade daquele empresário que chegou a declarar a um jornal que, antes de nós, já havia recebido propostas para arrendamento do teatro nas segundas-feiras.

Ora, se o sr. Vital Ramos de Castro quisesse agir mais corretamente conosco, devia ter-nos falado, uma vez que desde maio estávamos ensaiando e representando no seu prédio.

Aliás, — continua o entrevistado — esse argumento surgiu agora de improviso pois todas as vezes em que o fomos procurar — e isto repetidamente, porque ele sempre se negou a tratar conosco, — jamais nos foi alegado tal motivo.

Enfim, — concluiu o diretor do Teatro Experimental, — o sr. Vital demonstrou claramente a sua má vontade para com o nosso conjunto quando deixou de nos permitir ao menos realizar os ensaios no sótão, sabendo-se que no "Fenix" existem várias salas desocupadas. Evidentemente, ele não gosta dos negros. Nem nós lhe pediremos essa generosidade... Estamos ensaiando ao ar livre. Trabalhamos com sacrifício mas a nossa vontade de realizar supera as dificuldades.

NA ESCOLA NACIONAL DE MÚSICA

Enquanto redigimos estas linhas, os componentes do Teatro Experimental do Negro estão entrando em entendimentos com várias pessoas, associações e estabelecimentos de ensino, com o fim de conseguir um local para os ensaios da "História de Carlitos", até que lhes seja cedido um teatro para continuar as representações de "Todos os filhos de Deus têm asas", a peça de Eugen O'Neill que estavam levando no "Fenix".

Dentre os locais visados, figura a Escola Nacional de Música, prontificando-se o Teatro Experimental Negro a pagar as gratificações devidas ao funcionário pelas horas extraordinárias de serviço que acarretar.

A Escola tem sido a tábua de salvação de muitos empreendimentos que batem de Herodes a Pilatos e vão parar no velho edifício da rua do Passeio. Seria de justiça que a sua atual diretora, maestrina Joanídia Sodré, atendesse aos artistas do Teatro Experimental Negro. Os negros também são gente. Que diga a diretora da da E.N.M. O padre José Maurício, a nossa primeira glória musical, seria por acaso uma ariano?...

NOS BONS TEMPOS... — O Teatro Experimental do Negro ensaiava no "Fenix" donde foi absurdamente expulso. Reacionarismo, medo de concorrência, racismo, seja que doença for, a verdade é que foi um atentado condenável. A foto reproduz um flagrante de um ensaio naquele teatro. Ao centro da sala vêm-se os atores José Medeiros (Mickey) e Lena Teixeira (Ella Downey) e à esquerda, Abdias Nascimento. Eles esperam conseguir uma sala na Escola Nacional de Música. É justo. Deixem-nos trabalhar à vontade. Depois, critiquem, procurando corrigir-lhes as deficiências. Mas não usem esse processo que é feio...

CUTIS CANSADA e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo

Historia de um panico

(Continuação da pág. 23)

tronco duma árvore e começou a tirar a casca ao assobio. Dei graças a Deus de o ver ocupado, coisa rara nele. Estendemo-nos e ficamos num **dolce far niente.**

Estes amenos castanheiros do sul, comparados aos nossos, tão robustos, não passam de frágeis donzéis. Mas revestiam os contornos de vales e colinas da maneira mais agradável, e seu manto apenas era rasgado em dois lugares por clareiras, uma das quais aquela em que nos encontrávamos.

E por essas poucas árvores terem sido cortadas, Leyland irrompeu em impropérios mesquinhos contra o proprietário.

— A poesia está desaparecendo da Natureza — exclamou — drenam-lhe os lagos e os pântanos, aterram-lhe os mares, abatem-lhe as florestas. Por toda a parte se alastra a vulgaridade e a desolação.

Tenho alguma prática de propriedades e respondi-lhe que o desbastamento era necessário para benefício das árvores de maior porte. Além disso era absurdo querer que o dono não derivasse rendimento algum da terra.

— Se se olha a paisagem do ponto de vista comercial, bem se pode tirar satisfação das atividades do seu proprietário. Mas a mim, repugna-me o simples pensamento de uma árvore ser convertida em dinheiro.

— Não vejo razão — observei cortêsmente — para desprezarmos os dons da Natureza sob pretexto de serem rendosos.

Mas isto não o fez calar.

— Não adianta, — continuou — todos nós estamos irremediàvelmente saturados. E não me excetuo. A culpa é nossa e é nossa a vergonha se as Nereidas abandonaram as águas, as Oréiadas as montanhas, e os bosques já não abrigam o deus Pan.

— Pan! — exclamou Mr. Sandbach e sua voz macia encheu o vale como se se tratasse de uma grande igreja verde. — Pan morreu. Por isso os bosques não lhe dão mais abrigo. E pôs-se a contar a história impressionante dos marinheiros que, navegando perto da costa, por alturas do nascimento de Cristo, ouviram por três vezes uma grande voz clamar: "O grande Deus Pan morreu".

— Sim, o grande Deus Pan morreu — disse Leyland, abandonando-se a certa fingida melancolia em que os artistas tanto se comprazem. Seu cigarro apagou-se e teve de me pedir um fósforo.

— Mas que interessante, — disse Rosa — gostaria tanto de saber história antiga.

— Não merece a sua atenção — disse Mr. Sandbach. — Não é, Eustáquio?

Eustáquio estava terminando o assobio. Levantou os olhos com irritado franzir de sobrancelhas que suas tias lhe consentiu e não respondeu.

A conversa desviou-se para outro assuntos e depois cessou. Era uma radiosa tarde de maio e o verde pálido da folhagem dos castanheiros novos fazia um agradável contraste com o azul sombrio do céu. Para gozar da vida tínha-mos sentado na extremidade da pequena clareira e a sombra que davam os castanheiros era decididamente insuficiente. Todos os ruídos se apagaram — pelo menos segundo o meu testemunho, pois Miss Robinson diz que o clamor dos pássaros foi o primeiro sintoma de inquietação que percebeu. Todos os sons se extinguiram, a não ser, à distância, o ranger de dois ramos dum grande castanheiro balouçado pela aragem. O rangido tornou-se cada vez mais breve e por fim até esse ruído cessou. Enquanto espraiava a vista por sobre os verdes dedos do vale, todas as coisas me pareceram imóveis e tranquilas; e esse sentimento de espectativa que tantas vezes experimentamos quando a Natureza está em repouso, começou a invadir-me.

De súbito fomos todos eletrizados pelo som torturante do assobio de Eustáquio. Nunca ouvi instrumento algum produzir um ruído tão discordante e tão ensurdecedor.

Leyland, que tinha estado sem dúvida a dormir, levantou-se.

— É espantoso — observou — até que ponto os rapazes são cegos a tudo o

(Continua na pág. 54)

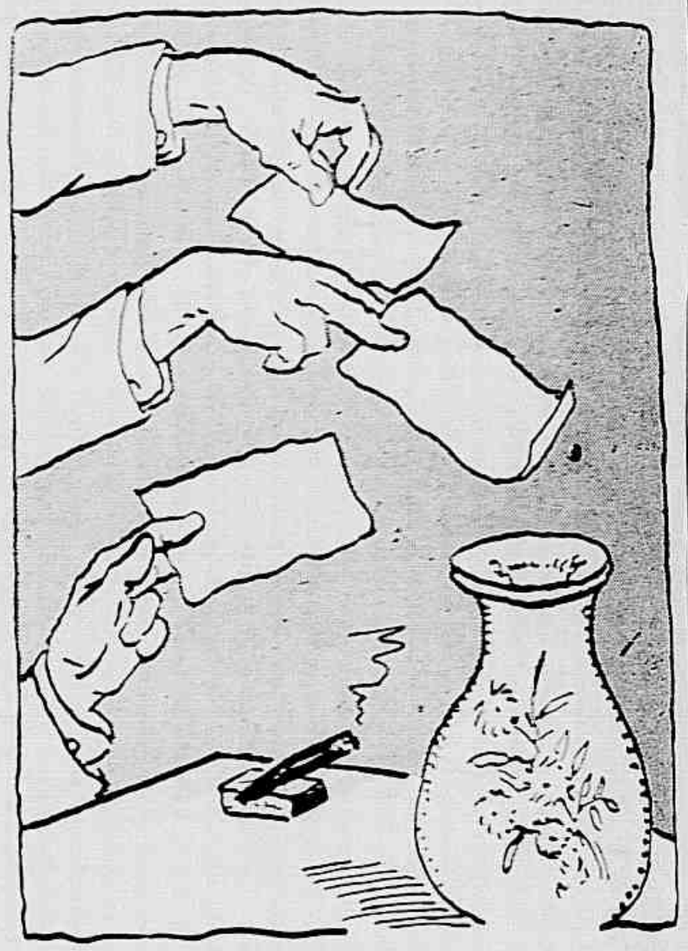
• Não sofra inutilmente, quando é tão facil recuperar a saúde com os Papeis Bankets. Em poucos dias poderá comer de tudo, sem receio. Experimente-os, serão a sua salvação!

AZIA - DISPEPSIA - MÁ DIGESTÃO - MAU HÁLITO
FLATULÊNCIA - LÍNGUA SABURROSA - DÔRES DE ESTÔMAGO - ÚLCERAS DO ESTÔMAGO

PAPEIS BANKETS

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISIVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

Lêtras graúdas



DEPOIS de aplaudir juntos, entre bebedeiras de choruns cerrados, os três cavalheiros entraram no palácio, que ajuda a rumiar a digestão. Depois de conversa variada sôbre a imoralidade do clima, que é assunto obrigatório, descambaram para a literatura amena.

A fôlhas tantas surgiram a apreciação de suas aptidões nos topos floridos do estilo e do pensamento. Acudiu-lhes então a idéia de um concurso, com fumaças literárias e filosóficas, para se obter dos dotes dos escrevinhadores. Cada um escreveria meia dúzia de linhas sôbre assunto de sua escolha. Os escritos seriam postos num vaso sem flores, mesmo as de retórica. Assim fizeram. Rascunhados os escritos ou cruzeiros, foram colocados no vaso que bastava a urna sufragante premiadora.

Para julgamento do certamen foi chamado o vizinho Policarpo, dado a prosa e ao verso e, além disso, vice-presidente do Grêmio Literário de Pindurassaia. Policarpo leu o primeiro papelucho, o do Terêncio, contabilista apresentado, nestes termos:

— "O mundo é dividido em três porções: a dos que sobem, a dos que descem e a dos que não sobem nem descem, que são os medievos ou modernistas ou estafermos".

O juiz improvisado deu-lhe nota sofrível. Passou a ler os dizeres do Praxedes, negociante marmiudíssimo no câmbio negro. O papelucho reza:

"A vida é corrução contínua. Sempre corremos até quando de cá vamos para outra encadernação".

O juiz deu-lhe nota bôa por seu sabor psicológico. Em seguida passou os olhos no escrito do Bredendes, gerente do Banco Nacional de Fomento Público. De olhos arregalados leu em voz alta:

"Aos quatro e um dias de agosto de 1946 pagarei aos senhores Terêncio e Praxedes, ou à sua ordem, a quantia de quinhentos cruzeiros, em moeda corrente".

Está claro que os outros competidores aplaudiram com frenesi. O juiz, sem pestanejar, concedeu ao autor o primeiro prêmio do concurso. Os três, então, para homologarem a sentença, pediram a Policarpo demonstrasse, numas linhas, a sua competência literária como julgador. Ato contínuo Policarpo escreveu, nas costas do papelucho do Bredendes estas bem traçadas linhas:

"Vale este quinhentos cruzeiros que pagarei aos senhores Terêncio e Praxedes, ou à sua ordem no dia de São Nunca".

Os três concordaram, ratificaram o ato, confirmaram a original sabedoria do homem de letras sem protesto.

Policarpo recebeu adiantado o prêmio de seu julgamento e generosamente resolveu dispensar as custas do processo em que teve ganho de causa por tabela.

RAUL

A MULHER SABE ESCOLHER

Na escolha da fazenda para o seu vestido, na escolha de seu sapato, de sua meia, de seu chapéu, dos produtos destinados á sua maquilage, enfim, na escolha de todos esses mil e um objetos que formam o capital de uma mulher elegante e moderna, ela põe toda a sua atenção, todo o seu cuidado e medita ás vezes por vários dias. Pois muito maior cuidado, muito maior desvelo, muito mais atenção deve merecer a escolha do remédio para os seus males íntimos, porque aqui se trata de sua saude, sem a qual a sua boa aparência e a sua beleza não subsistirão, por mais belos que sejam os seus vestidos, por mais vistos que sejam todos os seus objetos de adorno e por mais eficazes que sejam os seus cremes, batons, rouges, etc. Os males femininos são de duas naturezas diferentes: os que se manifestam pela abundancia de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta ou diminuição de regras. Por isso exigem dois remédios diferentes. Esta a razão pela qual o Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes: o N.º 1 e o N.º 2. O Regulador Xavier N.º 1 só se aplica nos casos de regras abundantes e hemorragias. E o Regulador Xavier N.º 2 só se aplica nos casos de faltar ou diminuição de regras. Ao adquirir, pois, o remédio para os seus males, exija o Regulador Xavier — o N.º 1 ou N.º 2 conforme o seu caso — e esteja certa de que fez uma escolha sábia e feliz. O Regulador Xavier combaterá com eficácia os seus males e os afastará de maneira definitiva, garantindo-lhe assim a perpetuação de sua saúde e que equivale a dizer a conservação de sua alegria, de seu bem estar, de sua mocidade, de sua beleza. Não se esqueça pois: escolha bem os seus vestidos, os seus sapatos, enfim, todos os objetos destinados a realçarem a sua beleza mas escolha melhor o remédio capaz de garanti-la e de perpetuá-la, exigindo o REGULADOR XAVIER

O PROTETOR

(Continuação da pág. 45)

O sr. Marin, vendo-o partir gritou:

— O senhor vai molhar-se todo, sr. abade. Espere ainda alguns instantes; a chuva vai cessar.

O bom homem, indeciso, parou; depois retrucou:

— É que estou com muita pressa. Tenho uma entrevista urgente.

O sr. Marin mostrou-se desolado.

— O senhor vai ficar positivamente embaraçado. Poderei perguntar-lhe a que bairro se dirige?

— Vou do lado do Palais Royal.

— Nesse caso, se o senhor o permitir, oferecer-lhe-ei o abrigo do meu guarda-chuva. Quanto a mim, eu vou ao Conselho de Estado, pois sou conselheiro de Estado.

O velho padre levantou a face e olhou o seu interlocutor; depois disse:

— Agradeço muito, meu senhor e aceito, com prazer.

Então o sr. Marin tomou o seu braço e o levou consigo, dirigindo-o, guardando-o, aconselhando-o.

— Tome cuidado com esta enxurrada, sr. abade. Desconfie sobretudo das rodas dos veículos que às vezes nos salpicam de lama dos pés à cabeça. Atenção com o guarda-chuva dos transeuntes; não há nada tão perigoso para os olhos como a ponta das varetas. As mulheres, principalmente, são insuportáveis: não prestam atenção em nada e nos batem sempre no rosto com a ponta das suas sombrinhas ou guarda-chuvas; e não se afastam para ninguém. Dir-se-ia que a cidade lhes pertence; elas imperam no passeio e na rua. Eu, de mim, acho que há muita negligência com a educação das mulheres.

E o sr. Marin se pôs a rir.

O cura não respondia nada. Seguia um tanto curvado, escolhendo, com cuidado, os lugares onde ia botar o pé, para não enlamear o calçado nem a batina.

O sr. Marin tornou:

— É, sem dúvida, para distrair-se um pouco que o senhor veio a Paris?

O bom homem respondeu:

— Não; tenho um negócio.

— Ah! Algum negócio importante? Ousarei perguntar-lhe de que se trata? Se lhe posso ser útil, ponho-me ao seu dispor.

O cura parecia embaraçado. Murmurou:

— Oh! é um pequeno negócio pessoal. Uma pequena dificuldade com... com o meu bispo. Coisa que não interessará ao senhor. É um... um negócio de ordem interna... de... de matéria eclesiástica.

O sr. Marin apressou-se:

— Mas é justamente o Conselho de Estado que regula essas coisas. Nesse caso, use dos meus préstimos.

— Sim, meu senhor; é também ao Conselho de Estado que eu me dirijo. O senhor é demasiado amável. Tenho que falar com o sr. Lerepére e com o sr. Savon e talvez também com o sr. Petit-pas.

O sr. Marin replicou com firmeza:

— Pois são meus amigos, sr. abade, os meus melhores amigos, colegas excelentes, gente encantadora. Vou recomedná-lo, com entusiasmo, a todos três. Conte comigo.

O cura agradeceu, confundindo-se em escusas, balbuciando mil ações de graças.

O sr. Marin estava orgulhoso.

— Ah! pode o senhor vangloriar-se de ter uma soberba sorte, sr. abade. Vai ver o senhor, vai ver que, graças a mim, o seu negócio vai correr como sobre rodas.

Chegaram ao Conselho de Estado. O sr. Marin fez o padre subir ao seu gabinete; ofereceu-lhe uma cadeira; instalou-o ao pé do fogo; depois tomou o seu lugar junto à mesa e se pôs a escrever:

"Meu caro colega, permita-me recomendar-lhe da maneira mais entusiástica, um venerável eclesiástico, dos mais dignos e de mais méritos, o sr. abade..."

— O seu nome, faça o favor?

— Abade Ceinture.

O sr. Marin recomeçou a escrever:

"... o sr. abade Ceinture, que tem precisão dos seus bons ofícios, para a solução de um pequeno negócio, do qual lhe falará".

"Considero-me feliz de se apresentar esta circunstancia, que me permite, meu caro colega..."

E terminou com os cumprimentos do costume.

Quando terminou de escrever as três cartas, entregou-as ao seu protegido, que se retirou, apresentando infinitos protestos de agradecimentos.

Terminado o seu trabalho, o sr. Marin voltou para casa; passou o dia tranquilamente, dormiu em paz, acordou encantado e mandou trazer os jornais.

O primeiro que ele abriu era uma folha radical e trazia a seguinte notícia:

"Nosso clero e nossos funcionários.

"Não terminaremos mais de registrar os delitos do clero. Um certo padre, chamado Seinture suspeito de ter conspirado contra o atual governo, acusado de atos indignos que nem mesmo indicaremos, suspeitado, por outro lado, de ser um antigo jesuita metamorfoseado em simples padre, suspenso por um bispo, por motivos que afirmam inconfessáveis, e chamado a Paris, encontrou um ardente defensor num tal sr. Marin, conselheiro de Estado, que não hesitou em dar, a esse malfeitor de sotaina, cartas de recomendação, as mais entusiásticas, dirigidas a todos os funcionários republicanos, seus colegas.

"Chamamos a atenção do ministro... para a atitude inqualificável desse conselheiro.

O sr. Marin levantou-se de um salto, vestiu-se, correu à casa do seu colega Petit-pas, o qual lhe disse:

— Você estava louco para recomendar-me esse velho conspirador.

O sr. Marin, atônito, balbuciou:

— Não... olhe aqui... eu me enganei... Ele tinha o ar de tão bom homem... zombou de mim... zombou, indignamente. Peço-lhe encarecidamente: faça-o condenar severamente, muito severamente. Vou escrever; a quem deverei escrever para o fazer condenar? Vou dirigir-me ao procurador geral e ao arcebispo de Paris; sim, ao arcebispo.

E sentando-se bruscamente à mesa do sr. Petit-pas, escreveu:

"Monsenhor, tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Eminência que acabo de ser vítima das intrigas e das mentiras de um certo abade Ceinture, que abusou da minha boa fé.

"Enganado pelos protestos desse eclesiástico, eu pude..."

Depois, quando assinou e fechou a carta, o sr. Marin voltou-se para o seu colega e declarou:

— Veja, meu caro amigo, que isto lhe sirva de lição: nunca mais recomende pessoa alguma.

A LUZ QUE SEMPRE BRILHA

O imponente monumento erguido à entrada do porto de Nova Iorque fala aos homens de tôdas as nações: "Liberdade! Sob a inspiração da luz que levanto ao alto, partiram homens livres para assegurar no mundo o meu reinado".

Sim, a luz eterna da Liberdade vive no coração dos homens. Por ela lutaram e morreram. E os que tombaram e sofreram para que Ela sobrevivesse, PREVIRAM o futuro claro e seguro que estas gerações usufruirão.

Mas todos os homens PREVEEM? Não, nem todos. Muitos desconhecem as vantagens do Seguro de Vida e no imediatismo da luta pela vida esquecem o futuro. A Cia. PREVIDÊNCIA DO SUL instituiu uma notável modalidade de seguro, o SEGURO DE REAJUSTAMENTO, que garante à família uma determinada renda após o falecimento do segurado.

Servindo há 40 anos a família brasileira, a CIA. PREVIDÊNCIA DO SUL oferece-lhe excepcionais garantias. Realize, por intermédio de um de seus agentes, um Seguro de Reajustamento, e terá PROVIDO aos seus um futuro claro e seguro.

CIA. DE SEGUROS DE VIDA

PREVIDÊNCIA DO SUL

— 40 ANOS DE DEVOTAMENTO AOS LARES DO BRASIL —

PÔRTO ALEGRE
Andradas, 1049 (Sede)

B. HORIZONTE
R. Rio de Janeiro 418, 1.º

R. DE JANEIRO
Candelaria 9, 9.º

SÃO PAULO
I. Bonifácio 93, 6.º

SALVADOR
Chile 25/27, 4.º

CURITIBA
15 de Nov.º 300, 2.º

RECIFE
Av. 10 de Nov.º 50, 3.º

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

Não despreze a terrivel

PIORRÉIA

De cada 5 pessoas — 4 (também V. S.) estão ameaçadas

Com o abominável encolhimento das gengivas e o execrável afrouxamento dos dentes, a Piorréia ameaça hoje milhares de pessoas. Se V. S. notar que suas gengivas estão sensíveis... que sangram facilmente ao escovar os dentes... acautele-se — pode ser Piorréia!

Proteja-se imediatamente com o método *experimentado* Forhan, que consiste em escovar os dentes duas vêzes ao dia (fazendo-se ao mesmo tempo massagem nas gengivas) com Forhan's para as gengivas — o único dentifrício que contém o adstringente especial antipiorréico do Dr. Forhan. Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de Piorréia apresentaram notável melhora num mês dêste tratamento simples.

Procure seu dentista e siga os conselhos dêle. E para a saúde e vigor das gengivas e beleza e proteção dos dentes, comece hoje mesmo a usar o famoso dentifrício FORHAN'S para as gengivas.

Escove os dentes com

Forhan's

4 F 25

História de um panico

(Continuação da pág. 51)

que seria elevado e belo. Nunca imaginei que ele pudesse encontrar o meio de estragar o nosso prazer desta forma.

De novo caiu sobre nós o terrível silêncio. Encontrava-me agora de pé, contemplando uma brisa que corria sobre a encosta orvalhada mudando à sua passagem o verde pálido em verde escuro. Reconheceu-me uma estranha sensação de presságio, vaguíssima e qual o meu espírito ao dar com todos os meus companheiros de pé, creio também.

Impossível descrever coerentemente o que depois ocorreu. Por minha parte não me envergonho de confessar que meu grado estar sob o claro azul do céu, no meio dos verdes bosques da primavera e rodeado pelos amigos mais excelentes, um medo terrível se apoderou de mim, um medo que espero não tornar a sentir, um medo como não conheci outro igual nem antes nem depois. E nos olhos dos outros vi o mesmo medo cego e indizível, enquanto pouca veemência em vão tolhia e os mábis aquietava-se. No entanto, em roda de nós tudo era prosperidade, beleza, paz e tudo estava imóvel exceto a brisa que agora ondeava a encosta onde nos encontrávamos.

Nunca chegamos a um acordo sobre quem deu o exemplo. Mas basta saber-se que num segundo estávamos todos correndo, a debandada pela colina abaixo. Leyland ia na dianteira, depois Sandbach, logo atrás minha mulher. Mas só os vi um instante, porque atravessando a dianteira me internei correndo pelo bosque, galgando o muro, os pedregulhos, o leito seco das torrentes, em direção ao vale, lá em baixo. Enquanto corria, o céu podia ter sido negro, as árvores, erva rasteira e a encosta uma estrada plana, porque não vi nada, não ouvi nada, não sentia nada, já que todos os canais dos sentidos e da razão estavam obstruídos. Não era o medo espiritual que sentimos às vezes, mas um medo físico, brutal e dominador, que nos toma os ouvidos, enevoava os olhos e enchia a boca de novos mundos. E a humilhação que deixava não era uma humilhação vulgar: porque me tinha sentido tomado de pânico não como um homem, mas como um animal.

! !

Assim como não pude descrever o início não posso descrever o fim; porque o medo de que estávamos possuídos desfez-se como tinha vindo: sem razão. De repente, pude ver, ouvir, tossir e ordenar a voz. Olhando para trás vi que os outros estavam também parando e dentro em breve estávamos todos reunidos, embora passasse algum tempo antes de podermos e sobretudo antes de querermos falar.

Ninguém se tinha ferido sèriamente. Minha pobre mulher torcera um tornozelo, Leyland tinha fraturado uma unha numa árvore e eu tinha a orelha arranhada e machucada. Nem sequer a tinha notado enquanto não parava.

Estávamos todos calados, procurando ler nos rostos uns dos outros. De súbito, Miss Mary Robinson deu um grito terrível.

— Misericórdia! Onde está Eustáquio?! — e tenho ainda se Mr. Sandbach a não ouvisse, amparado.

— Temos de voltar, temos de voltar imediatamente — disse minha Rosa, que era de todos o mais sereno. — Mas espero ... sinto que nada lhe aconteceu.

A convicção de Leyland era tal que levantou colações. Mas acharam-se em minoria e com medo de bater só cedeu. Rosa e eu empurramos minha pobre mulher; Mr. Sandbach e Miss Robinson ajudaram Miss Mary e voltamos devagar e em silêncio, levando quarenta minutos na execução do trabalho que tínhamos deixado em dez.

Nossa chegada era extraordinária de notar, porque ninguém queria arriscar uma opinião sobre o que sucedera. Rosa era o que mais falava: surpreendeu-nos a todos declarando que pouco faltara para que se não deixasse ficar no lugar em que estava.

— Quer dizer que não teve... que não se sentiu impelida a correr? — perguntou Mr. Sandbach.

— É claro que tive medo — foi a primeira a empregar a palavra — mas sentia não ser bem assim, que se pudesse parar tudo seria diferente e que não teria medo enquanto o bem dizer. Rosa quase se exprime claramente no estilo e muito em seu lugar que ela o seja, pois de todas aquelas aventuras ainda hoje recordo-me vivamente daquela.

— Estou crente que teria ficado — continuou — se não tivesse visto ninguém desatar a correr.

O caso de Rosa sossegou-nos um pouco a respeito de Eustáquio. Mas um terrível pressentimento nos dominava a todos à medida que íamos ascendendo pesadamente a encosta recoberta de castanheiros e nos aproximávamos da pequena clareira. Lá estavam os restos do almoço e, ao lado, deitado de costas e imóvel, Eustáquio.

Com certa presença de espírito gritei logo:

— Eh, seu macaco, levante-se. Mas ele não disse nada, nem respondeu quando suas pobres tias se lhe dirigiram. E com indescritível horror vi um largo desses verdes sair disparado dum dos punhos da sua camisa, ao nos aproximarmos.

Ficámos olhando para ele, estendido, tão silencioso, e já me surgiam os ouvidos na espectativa de lágrimas e de lamentações.

Miss Mary caiu de joelhos ao seu lado e tocou-lhe na mão que ele tinha convulsivamente enroscada na erva alta.

Então abriu os olhos e sorriu.

Depois, voltei muitas vezes a ver esse sorriso peculiar, tanto no rosto de seu possessor como nas fotografias que dele começaram a circular nas publicações ilustradas. Mas até então Eustáquio tivera sempre um ar mal humorado e carrancudo e ninguém estava habituado àquele sorriso inquietante que parecia não ter uma causa plausível.

Suas tias cobriram-no de beijos, beijos que ele não retribuiu, e seguiu-se um silêncio embaraçoso. Eustáquio parecia tão natural e tão tranquilo; entretanto, se ele não tinha passado por nenhuma surpresa, maior espanto devia ter causado nossa extraordinária conduta. Minha mulher, com instintivo tato, procurou comportar-se como se nada tivesse acontecido.

— Então, meu caro Eustáquio — disse, enquanto se sentava para aliviar o pé — como passou o tempo, enquanto estivemos longe?

— Muito bem, Mrs. Tyler, da maneira mais feliz.

— E onde esteve?

— Aqui.

— Deitado no chão todo o tempo, seu preguiçoso?

(Continua na pág. 57)

CUIDADO!! PERIGO!!

Os pés de galinha sob os olhos, as pequenas rugas, são perigosos sinais do afrouxamento da cutis em conseqüência de um tratamento insuficiente ou errado da pele. Esses sinais, tão temidos, muitas vezes, já começam aos vinte anos e em pouco tempo dão ao rosto uma aparência precocemente cansada e envelhecida.

Use diàriamente o

CRÊME NUTRITIVO VITAMINOSO MAKIL,

para evitar e combater o envelhecimento prematuro da pele, tornando-a macia, alva e atraente. Contendo a Vitamina "F", empregada hoje em dia pelos peritos dos mais famosos institutos de beleza, é o meio moderno para a perfeita nutrição da cutis. Prospecto grátis. Envia-se também pelo reembolso postal. Caixa Postal 945. Rio. Fone 42-15-87.

MAKIL

Trabalho e Seguro Social

Grande revista mensal de assuntos trabalhistas. Doutrina, Legislação e Jurisprudência, do Brasil e do Estrangeiro. Publica a jurisprudência de todos os tribunais da Justiça do Trabalho e do Supremo Tribunal Federal.

Cada número insere abundante matéria sobre Contrato de Trabalho, Justiça e Processo de Trabalho, Sindicalismo, Previdência Social, Regulamentação do Trabalho, Acidentes do Trabalho, Medicina do Trabalho, Medicina Social, Assistência aos Trabalhadores, Organização Profissional e Funcionamento das Empresas. Um número equivale a um livro pelo preço de Cr $ 10,00.

À venda nas bancas de jornais e principais livrarias do país.

Distribuição para venda avulsa pela **Companhia Editora Americana.** Rua Visconde de Maranguape, 15. — Rio.

Sim! Mas isto não acontece se a costura é feita com PURA SEDA. Evite aborrecimentos. Use sòmente retrôs de PURA SEDA. Todas as côres estão á venda nas bôas lojas

SEDAS GUTERMANN S/A.
São Paulo - Caixa 3294
Fabricantes da melhor linha de SEDA para coser.

Vinte anos de cinema falado

Era a suprema revelação artística da téla...

Que outras novidades nos reservará o cinema dos dias vindouros? Que passos mais avançados ele irá percorrer? Fala-se na "terceira dimensão", outro problema enfrentado há duas décadas e ainda não solucionado. Fala-se no aperfeiçoamento da "doublage", outro recurso da indústria cinematográfica norte-americana, para facilitar ao espectador, a compreensão dos diálogos. Fala-se em muitas novidades, que só o tempo nos dará. Cabe por enquanto, o registro dos vinte anos do cinema falado, que neste momento se registra. Foi em agosto de 1926, que a Warner levou à primeira téla cinematográfica o primeiro filme realizado dentro dessa nova técnica, "Don Juan", com John Barrymore.

E que extraordinários progressos realizou o cinema desde 1926!

"VIAGEM SEM REGRESSO"

De HENRY SHOSKES

★

Um livro que concatena tremendos atos delituosos praticados pelo nazismo contra os israelitas.

Racismo — doutrina perversa e maldita, que levou à desolação e à morte milhões de judeus, com o estúpido objetivo da exterminação sistemática do povo hebreu.

Preço do volume ..... Cr$ 35,00

PEDIDOS À LIVRARIA-EDITORA ZÉLIO VALVERDE

Travessa do Ouvidor 27 — Rio de Janeiro
Caixa Postal 2956 — Fone: 43-8582

Remessas para o interior pelo Serviço de Reembolso Postal.

OS SAPATOS

de duas semanas — provàvelmente viagem — vi-os novamente, mas tão envelhecidos e castigados que nem os reconheci quase.

A primeira sola nova levaram-na a seguir e dava gosto o vê-los com um certo ar de rejuvenescimento, a ostentar a parte de couro novo e cordões diferentes, tambm novos. Não eram mais os mesmos. A vida imprimira-lhes o seu carimbo de lutas. E surpreendi-me uma das manhãs a já me interessar pelo vôo irregular de uma mariposa azulada que entrára na sala, deixando de lado os meus velhos amigos, o par de sapatos de que tanto gostava.

Desde então abandonei-os por completo. E se continuam meus vizinhos, não o sei. Caíram na soma das coisas desinteressantes.

Assim é a Vida. Com o tempo chega a gastura e a velhice e somos ao levar a nova sola, relegados ao plano das coisas sem interesse, embora muitas vezes nos engraxemos de novo com a graxa das novidades de civilização, e tentemos dar à alma arrebatada, cordões novos.

*

Observação: Vi-os hoje, em uma lata de lixo.

DESPERTE A BILIS DE SEU FÍGADO...

e saltará da cama disposto para tudo

Do fígado deve fluir para os intestinos, aproximadamente, um litro de suco biliar por dia. Se êste suco não correr livremente, V. não pode digerir bem os alimentos e êstes fermentam nos intestinos. Então sobrevem a sensação de fartura, seguida pela prisão de ventre. V. se sente deprimido, desanimado e de mau humor. V. precisa das Pílulas Carter para o Fígado, para fazer com que êsse litro de suco biliar corra livremente e V. se sinta realmente bem. Compre um vidro hoje mesmo. Tome-as conforme as instruções. São eficazes para fazer a bilis fluir livremente. Peça Pílulas CARTER para o Fígado. Tamanho econômico: Cr$ 3,50.

"IGNEZ DE CASTRO"

(Continuação da pág. 40)

"Bond Street" — O PERFUME INDESEJÁVEL

Complemento perfeito de quem é criteriosa, de arrojo em seu vestido de sabiamente escolhido, "Bond Street" matiza-se com uma nuance tão sutil, que você se sente empolgada pela confiança em seu próprio charme. E na certa sua personalidade tem uma recordação que permanece, e mesmo muito tempo após ter deixado Bond Street.

Yardley
de Londres

UMA DOSE DE ALEGRIA

Não nasceu nem em Paris, nem em Nova Iorque. Ela é "Oriental de Coração" pois é tipada e tem todos os aromas mais atraentes. Composta de ingredientes vegetais naturais, não irritantes e normalizam as funções do aparelho digestivo.

Pílulas de Fruter
PARA O FÍGADO

A beleza é obrigação

Chama de beleza o seio nu

HEMORRÓIDAS
E VARIZES
Hemo-Virtus
USAR A POMADA NO INICIAL E
NOS ÚLTIMOS TEMPOS DO JEJUNO

★ ★ ★ ★ ★
pestanas faticeiras
MONLA
cílios babilônicos
★ ★ ★ ★ ★

Historia de um panico

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 54)

— Não, nem sempre.

— E que esteve fazendo antes?

— Oh, andando por aí ou então sentado.

— Ficando por aí sem fazer nada? Não sabes aqueles versos que dizem "Satan encontra o mal ainda em..."

— Silêncio, oh minha cara senhora, silêncio — interrompeu Ms. Sandbach e minha mulher, naturalmente vexada com a interrupção não acrescentou palavra e arredou-se.

Fiquei surpreendido quando vi Rosa tomar imediatamente o seu lugar e com uma desenvoltura que não lhe é natural, passar os dedos pelo cabelo desalinhado do rapaz.

— Eustáquio, Eustáquio — disse precipitadamente — conte-me tudo, com todos os detalhes.

Lentamente Eustáquio sentou-se — até então tinha-se conservado de costas.

— Oh Rosa... — segredou ele, e eu, com a curiosidade desperta aproximei-me para ouvir o que ia dizer. Foi então que notei as pégadas dum bode na terra úmida, sob as árvores.

— Pelo visto andaram cabras por aqui — observei — não sabia que vinham pastar para estes lados.

Eustáquio levantou-se penosamente e veio olhar: logo que viu as pegadas deitou-se no chão espojando-se em cima delas como um cão na imundície.

Seguiu-se um silêncio grave quebrado por fim pelo solene discurso de Mr. Sandbach.

— Meus prezados amigos — disse — mais vale confessar a verdade corajosamente. Sei que o que vou dizer corresponde àquilo que todos estão sentindo. O Espírito Maligno esteve junto de nós em forma tangível. O tempo pode ainda revelar algum dano que ele tenha lavrado em nos. Mas, por agora, e pelo menos no que me toca, desejo dar graças ao Altíssimo por este misericordioso livramento.

Ajoelhou-se então e, como todos o imitassem, ajoelhei igualmente, se bem não acredite que o Diabo possa assaltar-nos sob forma visivel, como afirmei mais tarde a Mr. Sandbach. Eustáquio veio também ajoelhar-se calmamente entre as tias, logo que estas lhe fizeram sinal. Mas quando a cerimônia terminou levantou-se imediatamente e pôs-se a procurar qualquer coisa.

— Ora, mas quem é que cortou o meu assobio em dois? — disse. (Eu avistara Leyland com um canivete aberto na mão — ato supersticioso que não teve a minha aprovação).

— Também, não me importa — acrescentou.

— E por que é que não se importa? — disse Mr. Sandbach que desde então sempre tentou apanhar a Eustáquio um relato daqueles misteriosos momentos.

— Porque não preciso mais delé.

— E por quê?

Eustáquio sorriu; e como ninguém parecia ter nada a acrescentar, parti através dos bosques tão depressa quanto pude e trouxe de volta um burro a fim de levar minha pobre mulher para casa. Nada ocorreu durante minha ausência, exceto Rosa ter de novo pedido a Eustáquio para lhe contar o que acontecera, e ele, desta vez, se ter limitado a voltar a cabeça, sem responder uma palavra.

Logo que voltei, partimos todos. Eustáquio caminhava com dificuldade, quase dolorosamente, de modo que apenas alcançamos os burros que nos tinham trazido, as tias quiseram que ele montasse num do animais para regressar. Faço questão de nunca me meter em negócios de família mas neste caso opus-me tenazmente. Como depois se viu, eu tinha toda a razão porque o exercício lhe foi, suponho, salutar degelando o vagaroso sangue de Eustáquio e distendendo seus músculos anquilosados. Pôs-se a caminho como um homem, pela primeira vez na sua vida, erguendo a cabeça e respirando fundo. Fiz notar a Miss Robinson, com certa satisfação, que Eustáquio por fim, estava pondo um certo brio na sua aparência pessoal.

Mr. Sandbach suspirou e disse que Eustáquio devia ser cuidadosamente vigiado, porque nenhum de nós o entendia ainda. Miss Mary Robinson que se deixava guiar muito por ele — demais até, na minha opinião — suspirou também.

— Então, Miss Robinson, não há nada demais com Eustáquio? — disse eu. — O que nos aconteceu a nós é misterioso, não o que aconteceu a ele. Surpreendeu-se com a nossa súbita partida, por isso estava tão esquisito quando regressamos. Mas está perfeitamente bem — e se há mudança é para melhor.

— E pode por acaso, o culto do exercício físico e duma atividade desatinada serem timados como um sinal de melhoria? — interrompeu Leyland, fixando um longo e triste olhar sobre Eustáquio, que tinha parado para trepar a um rochedo e colher ciclamens. — O ardente desejo de arrancar à natureza as poucas belezas que ainda lhe restam — também isso é um sinal de melhoria?

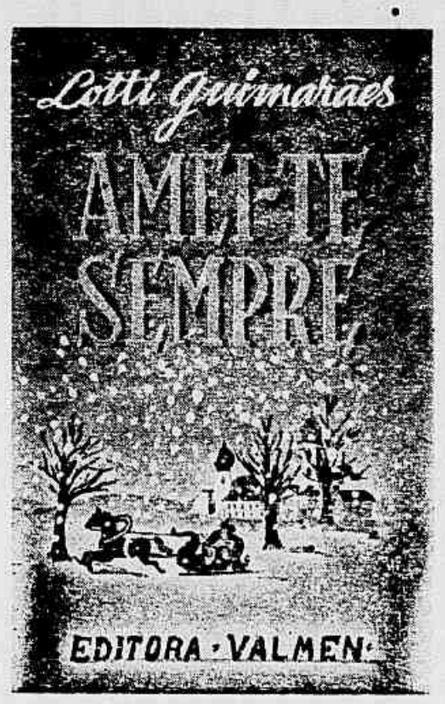
Replicar a semelhantes propósitos não passa duma perda de tempo; sobretudo vindos dum artista falhado, ainda por cima com um dedo machucado. Mudei de conversa e perguntei que explicação daríamos no hotel. Depois de algumas discussões concordamos em não dizer nada, nem lá, nem nas cartas para a Inglaterra. A revelação de verdades importunas que só trazem confusão e desconforto constitui um erro, a meu ver, e depois de um longo debate consegui que Mr. Sandbach aquiescesse ao meu ponto de vista.

Eustáquio não tomou parte na nossa conversa. Andava correndo, como um verdadeiro rapaz, pelo bosque, à direita. Um estranho sentimento de vergonha nos impedia de lhe falar abertamente no nosso medo. E na verdade, parecia bastante razoável concluir que lhe tinha causado pouca impressão. Ficamos por isso um pouco desconcertados quando ele veio ter conosco aos pulos com um braçado de acantos floridos, gritando:

Óleo Elétrico
O INIMIGO DA DOR!
Efeito instantâneo nas dôres reumáticas, nevrálgicas, torceduras, inflamações, ciática, lumbago etc.
Peça Óleo Elétrico do Dr. Charles de Grath

RUGOL
O CREME EMBELEZADOR DA PELE

Um presente para o seu bebé!
Lady
As crianças são os sorrisos de Deus na terra!...
Mas uma criança só é feliz quando bem cuidada, e só é bem cuidada com o talco Lady, — um produto de pureza absoluta.
Fazei a alegria de vossos filhos com o talco que perfuma e refresca.
TALCO Lady
* À VENDA EM TODO O BRASIL *
P. FERRAZ



Um romance diferente e muito emocionante. E' a história de um amor sublime, vivido na inesquecível Russia imperial. São 320 páginas, apresentação ótima, capa em 5 côres. Vendas exclusivamente por Reembolso postal. Pedidos á Cx. Postal 91, Petropólis (Rio), Preço Cr$ 35.00.

— Acham que Gennaro vai estar lá quando regressarmos?

Gennaro era o criado substituto, um pescador desajeitado e impertinente que tinham trazido de Minori na ausência do simpático Emmanuele, aquele que falava inglês. Era a êle que deviamos o nosso mal amanhado lanche; e não podia imaginar porque razão Eustáquio desejava vê-lo, a não ser que fosse para troçar com ele sobre a nossa conduta.

Com certeza vai estar, — disse Miss Robinson — por que pergunta, meu bem?

— Bom, acho que gostaria de o ver.

— E por que? — interrompeu Mr. Sandbach.

— Por que, porque sim; porque sim, sim, sim. E dançando ao ritmo destas palavras internou-se nos bosques que começavam a escurecer.

— Coisa esquisita — disse Mr. Sandbach. — Ele já gostava de Gennaro?

— Gennaro só está aqui há dois dias — disse Rosa — e durante esse tempo eles não trocaram uma dúzia de palavras.

Cada vez que Eustáquio voltava do bosque parecia mais alegre e mais animado. Uma vez caiu sobre nós soltando gritos de guerra como um índio, doutra vez fingiu ser um cachorro. Por fim, veio trazendo encarapitada no braço uma pobre lebre ofuscada pela luz e imóvel de susto. Estava se tornando demasiado barulhento e foi com alívio que deixamos o bosque e começamos a descer os degraus do atalho que leva a Ravello. Era tarde e estava ficando escuro; apressávamo-nos tanto quanto podíamos, com Eustáquio à frente pulando como um cabrito.

Precisamente no ponto onde o atalho desemboca na branca estrada de rodagem, deu-se o segundo incidente extraordinário desse extraordinário dia. Três velhotas que tinham vindo do bosque como nós, estavam de pé junto do parapeito da estrada, no qual tinham pousado os pesados molhos de lenha. Eustáquio parou diante delas e, depois dum momento de reflexão, avançou e... beijou a primeira à esquerda no rosto!

— Meu caro amigo — exclamou Mr. Sandbach — você está louco?

Eustáquio não disse nada mais depois do oferecer algumas flores à velha afastou-se apressadamente. Olhei para trás e vi que as suas companheiras se mostravam tão surpreendidas como nós. Mas ela, tinha colocado as flores no peito e murmurava bençãos.

Esta saudação constituiu o primeiro exemplo da estranha conduta de Eustáquio e deixou-nos a um tempo surpresos e alarmados. Era inútil pedir-lhe explicações porque ou respondia com bobagens ou ia embora aos pulos sem dizer nada.

No caminho para casa não tornou a mencionar Gennaro e eu esperava que o tivesse esquecido. Mas apenas chegamos à Piazza, em frente da Catedral, ele pôs-se a gritar: "Gennaro! Gennaro!" com toda a força dos seus pulmões, e desatou a correr pela aléia que leva ao hotel. E lá estava Gennaro, com as pernas e os braços saindo da casaca do simpático Emannuele e com uma carapuça de pescador na cabeça — porque, como dizia a pobre da hospedeira, com toda a razão, por mais que lhe fiscalizasse a toilette, ele sempre conseguia introduzir-lhe qualquer elemento disparatado antes de a dar por terminada.

Eustáquio correu para ele, atirou-se-lhe nos braços e dependurou-se-lhe no pescoço. E isto não só em nossa presença, mas também da proprietária, da arrumadeira, do facchino e de duas senhoras americanas que tinham vindo passar uns dias no hotelzinho.

Por mim sempre fiz questão de tratar os italianos com gentileza, por muito pouco que eles o mereçam; mas essa mania de intimidade promíscua era absolutamente intolerável e só podia conduzir a familiaridades e aborrecimentos para todos. Chamando à parte Miss Robinson pedi-lhe licença para falar seriamente a Eustáquio sobre o assunto das relações com os nossos inferiores na escala social. Concedeu-ma, mas decidi esperar que a absurda criança se acalmasse um pouco das emoções do dia. Entretanto Gennaro, em lugar de atender ao serviço das duas novas clientes, carregou com Eustáquio para dentro de casa, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— "Ho capito" — ouvi-o dizer ao passar por mim. — "Ho capito", quer dizer "compreendi" em italiano; mas como Eustáquio não lhe tinha dito nada, não podia entender a razão dessas palavras. Só nos desnortearam ainda mais e quando nos sentamos à mesa para jantar tínhamos a imaginação e a língua igualmente exaustas.

Omito deste relato os vários comentários que foram feitos já que poucos merecem ser assinalados. Mas, durante três ou quatro horas ficamo os sete a extravasar o nosso desorientamento numa torrente de exclamações mais ou menos apropriadas. Alguns descortinavam certa conexão entre nossa conduta da tarde por um lado e a de Eustáquio, por outro. Mas havia quem não visse ligação alguma entre ambas as coisas. Mr. Sandbach continuava preso à possibilidade de influências maléficas e acrescentava que o menino devia ser examinado por um médico. Leyland via apenas naquilo a revelação desse indizível filisteu do rapaz. Rosa afirmava com surpresa minha, que era tudo desculpável; enquanto eu começava a perceber que o cavaleirinho precisava era uma boa surra. As pobres misses Robinsons oscilavam desemparadas, entre estas duas opiniões diferentes; inclinando-se ora para uma vigilancia cuidadosa, ora para a condescendência, ora para os castigos corporais, ora para os sais de frutas Eno.

O jantar correu bastante bem, embora Eustáquio estivesse terrivelmente agitado e Gennaro, escarrando e pigarreando, como de costume, deixasse cair colheres e facas. Apenas sabia umas palavras inglesas, o que nos reduzia todos ao italiano para exprimir os nossos desejos. Eustáquio, que conseguira aprender algumas palavras, não se sabe bem como, pediu laranjas. Para meu descontentamento, Gennaro, na sua resposta, empregou a segunda pessoa do singular — uma forma usada apenas ao dirigir-se aos que sejam nossos íntimos e iguais. Eustáquio dera aso ao incidente; mas uma impertinência semelhante era uma afronta a todos nós e decidi-me a falar e falar logo.

Quando ouvi que se levantava da mesa entrei e fazendo apelo a todo meu italiano, ou antes meu napolitano — esses dialetos do sul são execráveis — disse:

— Gennaro, ouvi-o tratar o **Signos** Eustáquio de **Tu.**

— É sim.

— Isso não está direito. Deve usar **Lei** ou **Voi** — isto é, termos mais delicados. E lembre-se que embora o **Signor** Eustáquio às vezes faça tolices e bobagens — como esta tarde, por exemplo — deve no entanto portar-se respeitosamente com ele; pois é um jovem senhor inglês enquanto você não passa de um pobre pescador italiano.

Bem sei que essa discursata tresanda a snobismo, mas em italiano podem-se dizer coisas que ninguém se lembraria, nem em sonhos, de dizer em inglês. Além disso, não adianta falar com delicadeza a gente daquela categoria. A não ser que se digam as coisas com toda a clareza têm um prazer perverso em entender exatamente o contrário do que se disse.

Um honesto pescador inglês esmurrava-me logo um olho se eu lhe tivesse dito o mesmo, mas os miseros espezinhados italianos não têm orgulho. Gennaro não fez senão suspirar e dizer: — "É sim".

— É mesmo — repliquei e voltei-lhe as costas para me ir embora. Com indignação minha ouvi-o acrescentar:

— Mas às vezes não tem importancia.

— Que que rvocê dizer? — gritei-lhe.

Chegou-se a mim gesticulando desagradàvelmente com as mãos.

— **Signor** Tytler queria dizer-lhe o seguinte. Se o Eustazio me pedir para chamá-lo de **Voi**, eu o chamarei de **Voi**. Doutro jeito, não.

E com estas palavras pegou num taboleiro com as coisas do jantar e precipitou-se para fora da sala. Em seguida ouvi mais dois copos de vinho irem parar no chão da área.

Sentia-me então perfeitamente furioso, e saí da sala a passos largos, a fim de ir entrevistar-me com Eustáquio. Mas ele tinha ido deitar-se e a proprietária, com quem queria falar igualmente, estava ocupada. Após algumas vagas exclamações mais, formuladas duma maneira velada, devido à presença de Janet e das duas americanas, fomos para a cama também, depois de um dia exaustivo e realmente extraordinário.

III

Mas o dia não foi nada, comparado com a noite.

Teria dormido umas quatro horas quando acordei repentinamente, julgando ter ouvido um ruído no jardim. E, imediatamente, antes de ter aberto os olhos um medo errivel, álgido, se apossou de mim — medo, não de qualquer coisa que estivesse acontecendo, como o medo no bosque, mas sim de alguma coisa que pudesse vir a acontecer.

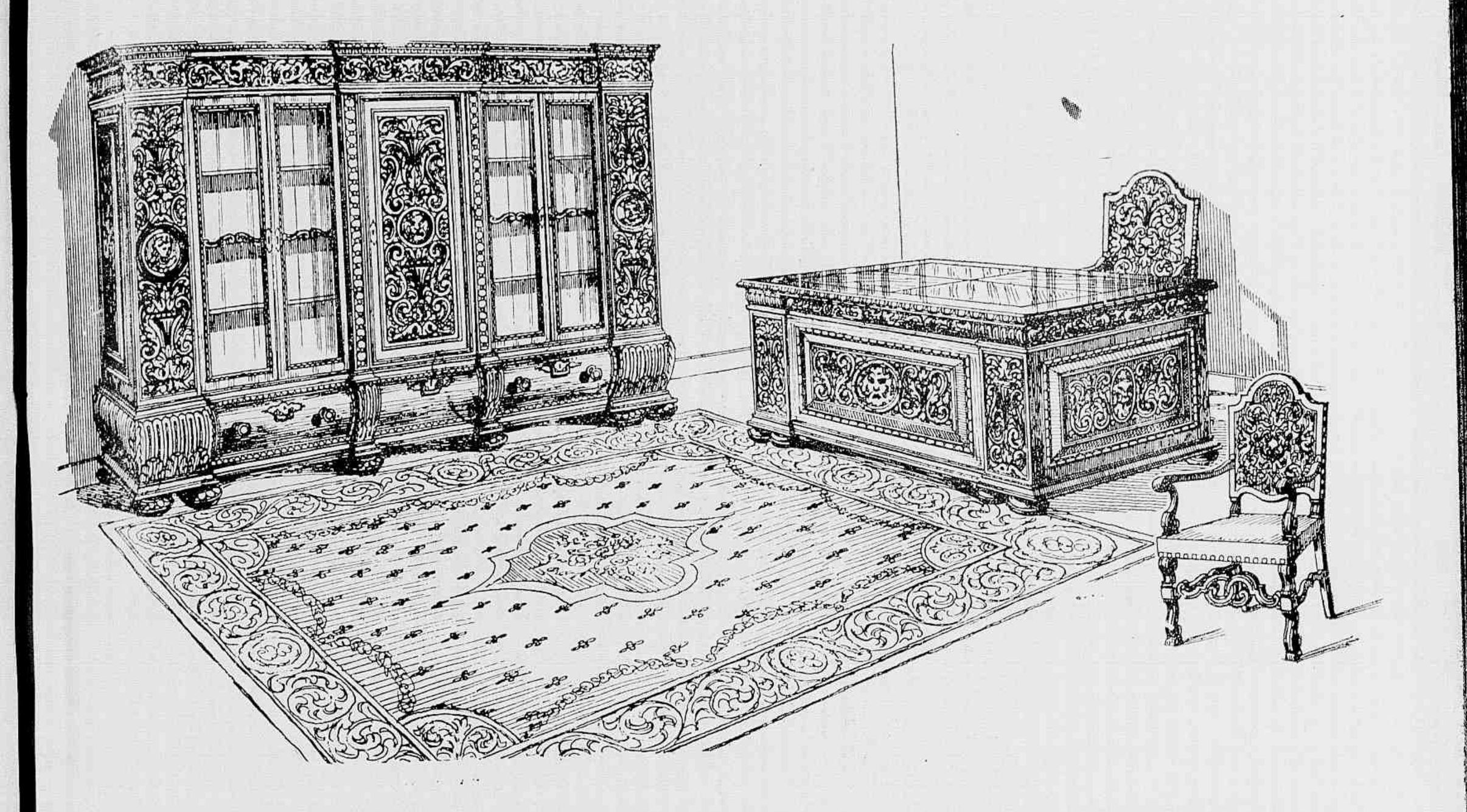
Nosso quarto era no primeiro andar e dava para o jardim — ou terraço, o bem dizer: uma cunha de terreno coberto de rosas e de vinha e cruzado por pequenos caminhos asfaltados. Era limitado, no seu lado menor pela casa; e à volta dos dois lados maiores por um muro, que não atingia um metro de altura, mas que dominava os olivedos no exterior, duns bons sete metros, pois o terreno caía abruptamente desse lado.

Todo a tremer, aproximei-me da janela, a custo. Lá fora, palmilhando os caminhos asfaltados andava qualquer coisa branca. Sentia-me demasiado alarmado para poder ver nitidamente; e à luz incerta das estrelas o vulto tomava as formas mais curiosas e variadas. Ora se assemelhava a um canguru, ora a um enorme morcêgo branco, ora a um retalho de nuvem viajando velozmente.

(Continua no proximo numero)

Fique sedutora! REDUZA ESSA GORDURA QUE TANTO A ENFEIA TOMANDO
VINHO CHICO MINEIRO
NÃO EXIGE REGIME, NÃO FAZ MAL E É USADO HA MAIS DE MEIO SECULO
MULTIFARMA — Praça Patriarca, 26 — Sala 6 — São Paulo • Remessa pelo reembolso postal

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.º Loja



Escritorio Renascença Italiana "QUATROCENTO"

Aquí esta um elegante modelo de escritório, que, pela sua simplicidade e poucas peças torna-se ideal para as residências modernas.

Os móveis são todos trabalhados em jacarandá massiço, sendo as cadeiras cobertas de couro tacheado, com encostos de couro lavrado à mão.

Domina todo o aposento uma larga estante de portas envidraçadas, e como único adorno, um magnífico tapete Renascença.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS
CASA NUNES
MARCA REGISTRADA
A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE
65 · RUA DA CARIOCA · 67
NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Cigarros
Hollywood
Cia de Cigarros Souza Cruz
Rio de Janeiro
Cia de Cigarros Souza Cruz